

Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus.

Conheça melhor suas características e seus atributos humanos e divinos lendo

JESUS CRISTO, O AUTOR DA NOSSA FÉ

de autoria do Pastor
Dinelcir de Souza Lima

Pedidos:

(21)2404-1279; 9735-3947

dinelcir@editorabatistabrasileira.com

www.editorabatistabrasileira.com

Apresentação

Desde minha juventude o livro do Apocalipse me encantou e me atraiu. Inúmeras vezes deixei de estar presente a aulas da faculdade, em noites da semana em que meu pai, Pr Delcyr de Souza Lima, ministrava estudos sobre esse livro, na igreja que pastoreava. Eu ficava encantado com a maneira clara como ele apresentava as mensagens contidas em todas aquelas visões do apóstolo João e, ainda que não compreendesse a razão, saía dos cultos com a alma alegre, imensamente feliz com a minha crença em Jesus Cristo e cada vez mais confiante na vida eterna que me espera em algum ponto do futuro.

No Seminário Teológico Batista de Niterói, onde conclui o curso de Bacharel em Teologia, não foi diferente. O interesse cresceu e me dediquei à leitura de comentários a respeito do Apocalipse, procurando me aprofundar cada vez mais em conhecê-lo.

Assumi o pastorado da Igreja Batista Memorial de Bangu, no Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, comecei a ministrar uma série de estudos a respeito do Apocalipse. O resultado foi impressionante, tanto para a igreja que se empenhou em aprender e experimentou uma vida de santificação e testemunho autêntico a respeito de Jesus Cristo, quanto para mim que descobri que ainda tinha muita coisa para aprender sobre a Revelação.

Algum tempo depois, a pedido da igreja, escrevi estudos para a Escola Bíblica Dominical editando-os em duas revistas que, com grande alegria, coloco à disposição de outras igrejas do Senhor Jesus na esperança que sirvam de auxílio eficaz para edificação na vida cristã.

Pr Dinelcir de Souza Lima

Bibliografia

Sumário

Estudo 1	- Origem e Finalidade da Revelação.....	3
Estudo 2	- As Realidades da Vida Cristã.....	7
Estudo 3	- O Início da Revelação.....	11
Estudo 4	- Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - I.....	15
Estudo 5	- Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - II.....	19
Estudo 6	- Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - III.....	23
Estudo 7	- Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - IV.....	27
Estudo 8	- A Visão do Trono de Deus.....	31
Estudo 9	- Seis Selos Abertos Pelo Cordeiro.....	35
Estudo 10	- Deus Salva o seu Povo das Tribulações.....	39
Estudo 11	- O Sétimo Selo, as Seis Trombetas	43
Estudo 12	- O Livrinho e a Medição do Templo.....	47
Estudo 13	- As Duas Testemunhas.....	51
Estudo 14	- A Sétima Trombeta	55
Estudo 15	- A Luta do Dragão Contra o Cordeiro	59
Estudo 16	- As Duas Bestas	63
Estudo 17	- Os que Vencem a Besta	67
Estudo 18	- A Ceifa e a Vindima	71
Estudo 19	- As Sete Últimas Pragas	75
Estudo 20	- A Condenação da Grande Prostituta.....	79
Estudo 21	- A Grande Babilônia: Da Glória ao Tormento	83
Estudo 22	- A Vitória da Palavra de Deus	87
Estudo 23	- O Milênio	91
Estudo 24	- O Novo Céu e a Nova Terra	95
Estudo 25	- A Nova Jerusalém e o Reino Celestial.....	99
Estudo 26	- O Final da Revelação	103

ASHCRAFT, Morris. Comentário Bíblico Broadman, vol. 12, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

BEASLEY-MURRAY, G.R. O Novo Comentário da Bíblia, Vol. 2, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1963.

BONNET, Luis e SCHROEDER, Alfredo. Comentário Del Nuevo Testamento, vol. 4, 3^a edição, El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1977.

GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento, 4^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.

HALE, Broadus David. Introdução ao Estudo do Novo Testamento, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

SHEDD, Russell P. A Escatologia do Novo Testamento, 2^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.

STAGG, Frank. Teología Del Nuevo Testamento, 2^a edição, El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1985.

SUMMERS, Ray. A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

TENNEY, Merrill C. O Novo Testamento, Sua Origem e Análise, 2^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1972.

O FECHO DA REVELAÇÃO

v. 18-21

Depois de suas promessas de felicidade aos que guardam a Palavra de Deus e de sua ordem para que as palavras do livro fossem propagadas, o Senhor Jesus provisão para que suas palavras e a revelação final das Escrituras fiquem imutáveis e sejam levadas adiante como foram transmitidas ao seu servo, o apóstolo João. Para resguardar as Escrituras de adulterações, admoesta que:

1. Os acréscimos serão retribuídos com terríveis consequências vindas de Deus - v. 18. O livro da profecia não pode sofrer qualquer acréscimo, porque é perfeito naquilo que se refere ao propósito divino. Portanto, homem algum pode ter a petulância de se sentir no direito de acrescentar algo ao que foi transmitido da parte de Deus, de maneira escrita, imutável. Tal petulância não tem outra paga, senão a que será derramada sobre os que se deixam enganar por Satanás, tornando-se, por conseguinte, em seus mensageiros.

2. As subtrações serão retribuídas com a perdição eterna - v. 19. Ser deixado de fora da Cidade Santa, não ter acesso à arvore da vida, é a realidade que espera a todos quantos rejeitarem a Palavra de Deus. A rejeição não é manifestada somente pelo desinteresse em ouvir e conhecer, mas também pelo aparente interesse que é, no entanto, marcado pela adulteração.

CONCLUINDO

O Apocalipse é uma mensagem de alerta para a fidelidade à Palavra de Deus. Mensagem de alerta que traz conforto e alegria para os crentes em Jesus Cristo, que é o Cordeiro de Deus, a personificação da Palavra de Deus, porque têm a promessa do Senhor Jesus Cristo de que serão vitoriosos juntamente com ele na grande batalha contra Satanás e viverão para sempre no reino de Deus como filhos, como verdadeiros adoradores, como eternos bem-aventurados. Mas é uma mensagem de alerta que traz pavor e aversão aos que se posicionam contrariamente à Palavra de Deus, desprezando-o e desprezando o Seu Filho, como sendo o Salvador, como aquele que dá a vida eterna.

Qual a posição que cada um de nós tem assumido diante do Filho de Deus e da Sua Palavra? Que cada um se examine e se posicione firmemente ao lado da Palavra de Deus, porque, como afirmou o Senhor Jesus, o tempo está próximo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Apoc. 1.1-3

Terça - Daniel 8.1-26

Quarta - Apoc. 10

Quinta - Daniel 12.1-10

Sexta - Deut.4.2;12.32; Prov. 30.6

Sábado - 1Cor.6.9,10;Gl. 5.19,21

1

ORIGEM E FINALIDADE DA REVELAÇÃO

Apocalipse 1:1-8

O livro do Apocalipse tem causado, pelo menos, três reações nos seus leitores: curiosidade nos céticos, que não crêem ser a Bíblia a Palavra de Deus; terror naqueles que crêem na origem divina do livro mas preferem permanecer incrédulos quanto à salvação oferecida por Jesus Cristo; e conforto e alegria naqueles que já se tornaram crentes em Jesus Cristo como Salvador de suas almas.

O motivo destas três reações é um só: o livro revela a providência de Deus tanto no que é concernente ao castigo para aqueles que o rejeitam, não recebendo o Seu Filho como Salvador, quanto no que se refere aos galardões para aqueles que humilde e pacientemente creram na providência salvadora de Deus e procuram viver uma vida cristã autêntica, de submissão ao Senhor.

Para nós, crentes em Jesus, o livro do Apocalipse é de grande importância, porquanto é o fecho das Escrituras, a revelação escrita de

Deus aos seus servos e nos leva a reflexões importantes sobre comportamentos e atitudes que devemos adotar diante de tudo o que já aconteceu às igrejas de Cristo e o que ainda há de acontecer, principalmente nos últimos tempos.

Será de grande importância e valia, termos, inicialmente, uma visão nítida a respeito da origem, finalidade e objetivo deste livro.

A ORIGEM DAREVELAÇÃO

A origem do livro do Apocalipse é divina e a revelação é feita pelo próprio Senhor Jesus Cristo que se fez mensageiro (esta é a tradução da palavra grega ‘angelos) de Deus para transmiti-la a João, seu apóstolo. Isto é o que lemos na introdução do livro, onde o apóstolo afirma que estava escrevendo a “revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu”.

Uma das grandes dificuldades que estudiosos da Bíblia encontram no que é referente à interpretação e

aplicação prática deste livro, reside exatamente numa idéia distorcida a respeito da sua origem. Isto porque há os que crêem que a origem do livro é humana, o que faz com que procurem interpretá-lo à luz de conceitos calcados em interesses e propósitos humanos. Por exemplo, muitos comentaristas deste livro prendem-se à idéia de que o livro nasceu da própria mente do apóstolo João, que disse ser originário a partir de Jesus para dar-lhe mais autoridade e que ele próprio criou certas figuras alegóricas a fim de camuflar a sua mensagem de incentivo às igrejas.

Ora, quando alguém pensa que um livro da Bíblia é originado na imaginação humana, naturalmente não procurará olhar seu conteúdo sob o prisma sobrenatural divino, mas sob o prisma natural humano; não o estudará com o respeito que merece uma revelação de Deus para o homem, mas haverá de estudá-lo apenas com a curiosidade de quem está pesquisando um livro muito antigo, escrito por algum homem do passado, com objetivos pessoais para pessoas, também, do passado. Uma pessoa assim, não procurará aplicar os ensinamentos à sua vida, porque pensará que é um livro escrito por alguém que viveu numa sociedade remota passada, com costumes e realidades diferentes. Na sua mente, o livro não terá qualquer valor espiritual. Não procurará interpretá-lo como um todo com a Bíblia, porque não crendo na sua origem divina, não conseguirá crer

na sua unidade com toda a Escritura, que é divinamente inspirada.

É de grande importância, então, que o leitor do Apocalipse tenha a convicção de que sua origem é divina e que foi o próprio Senhor Jesus quem providenciou a revelação ao seu servo, apóstolo João. Tendo esta convicção, ele estudará este livro com o coração aberto à iluminação do Espírito Santo, interpretando-o à luz de todos os ensinamentos bíblicos e, principalmente, do Senhor Jesus Cristo.

A FINALIDADE DA REVELAÇÃO

A finalidade do Apocalipse está muito clara na própria introdução do livro: conceder felicidade àqueles que, lendo ou ouvindo as palavras da revelação, derem à Palavra de Deus o valor que merece, guardando o que nela está escrito.

Creio que isto é indiscutível, mas gostaria de dissecar um pouco os três versículos introdutórios para melhor compreendermos o significado e a origem da felicidade ali prometida(v.3).

1. A felicidade seria possível a partir de um conhecimento de coisas futuras. João diz na introdução: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer”. Que coisas aconteciam e qual o significado de “brevemente”? Por que o conhecimento dessas coisas

a Palavra de Deus seja desacreditada, que ele está empenhado em enganar os povos, as pessoas. Mas também pudemos observar que na precipitação do fim, é urgente a pregação ampla e constante da Palavra de Deus escrita (Apoc. 10.5-11). Se é verdade que o fim está próximo, se é verdade que a felicidade, a bem-aventurança é somente para aqueles que crêem na Palavra de Deus personificada no Seu Filho, chamado Fiel e Verdadeiro (Apoc. 19.11-13), logicamente é verdade que a Palavra de Deus precisa ser anunciada como ela é, sem distorções, como está escrita, para que mais e mais pessoas possam ser bem-aventuradas antes que chegue o fim e não exista mais tempo.

2. Porque é pela Palavra de Deus que as situações no juízo serão definidas - v. 11-17. Não são os conceitos filosóficos, sociológicos, antropológicos, religiosos de homens que definirão as situações de condenação ou salvação no juízo final, mas os princípios divinos estabelecidos na sua Palavra, que nos foram deixados escritos. O Senhor Jesus virá e dará o pagamento a cada um segundo a sua obra. Aos que creram na Palavra de Deus e se deixaram purificar dos pecados pelo sacrifício de Jesus, o Cordeiro de Deus (v. 14), lhes dará o direito de se alimentarem da árvore da vida e fará com que entrem na cidade

celestial pelas suas portas, livremente, como cidadãos do reino de Deus. Mas aos que rejeitaram a Palavra de Deus e não se deixaram purificar dos seus pecados (v. 15), consequentemente tornando-se cada vez mais injustos e sujando-se cada vez mais (v. 11), não dará acesso à cidade celestial e os deixará de fora para que sejam lançados no sofrimento eterno (Apoc. 21.8). Como ser justificado para ser justo e fazer justiça, e como ser santificado para ser santo e ser cada vez mais santificado, a não ser através da Palavra de Deus? É somente através dela que as situações individuais da humanidade são definidas para o dia do juízo final.

3. Porque o Senhor Jesus, eterno Filho de Deus e a luz do mundo, deseja que os sedentos bebam da água da vida - v. 16,17. Ele próprio entregou a revelação ao seu apóstolo, João, para testificar da sua salvação **nas igrejas**, e isto porque o Espírito Santo, em conjunto com a esposa de Cristo, a sua igreja, têm o ministério anunciar, o convite gratuito do Cordeiro, daquele que é a fonte da água da vida, aos que têm sede de vida, para que bebam de graça da água da vida.

O Senhor Jesus quer que todos os que têm sede saciem-se, mas ele afirma que a anunciação do convite, é um trabalho conjunto das suas igrejas com o seu Espírito.

enviada e notificada da parte do próprio Deus, e que ele testificou da Palavra de Deus (1.1,2). Qualquer um que desejar viver em comunhão com Deus, precisa observar fielmente as suas palavras, e estas, pela Sua própria providência, foram escritas não somente no livro da revelação, mas em todas as Escrituras Sagradas.

2. Porque são para a felicidade daqueles que guardam as suas palavras - v. 7-9. Conforme já foi visto no primeiro estudo desta série, a garantia de bem-aventurança, de felicidade completa faz parte, também, da abertura do livro do Apocalipse. Mas é uma felicidade garantida somente para aqueles que dão ouvidos e guardam as palavras que estão **escritas** no livro (1.3). É uma felicidade que é proveniente de uma adoração perfeita a Deus (Jesus declarou que Ele procura verdadeiros adoradores - João 4.23) porque nunca será conforme padrões estabelecidos por homens, mas conforme foi estabelecido pelo próprio Deus; e é uma felicidade que é proveniente do fato de a crença fiel na Palavra de Deus, que aponta sempre para a crença no Seu Filho, Jesus Cristo, permitir que o crente seja feito filho de Deus (João 1.12), conservo do Senhor Jesus Cristo (v. 9).

Além de recomendar enfaticamente que seus servos guardem

as palavras que foram anunciadas e **escritas**, ele também deixa outra importante ordem aos seus servos, a de que:

PROPAGUEM AS PALAVRAS DA PROFECIA DO LIVRO

v. 10-17

A primeira recomendação do Senhor Jesus foi para que as palavras do livro da Profecia fossem guardadas por cada indivíduo que desejasse ser bem-aventurado. Agora Ele ordena que as palavras sejam propagadas, anunciadas para que pudessem surtir o seu efeito. Não selar é o mesmo que deixar aberto. De que adianta um livro fechado, hermeticamente guardado, sem possibilidade de ser lido? Não. As palavras que o Senhor levou ao seu apóstolo, as revelações que lhe concedeu, a Palavra de Deus, nunca poderiam ficar fechadas para que surtissem o efeito desejado.

O motivo da ordem é imediatamente explicado por Jesus:

1. Por causa da proximidade do tempo, do momento do fim - v. 10.

Este é outro aviso que está enfatizado logo no início do livro (1.3). O que teria a anunciação das palavras escritas no livro da Profecia a ver com a proximidade do fim? Certamente que tem tudo a ver. Conforme pudemos observar ao longo do estudo do Apocalipse, a luta de Satanás é para fazer com que

permitiria que os servos de Deus tivessem felicidade?

Ninguém pode ser feliz sem a perspectiva de um futuro de paz, segurança e harmonia. Quando o Apocalipse foi escrito (entre 94 e 96 d.C.), um imperador romano chamado Domiciano perseguia ferozmente os cristãos em todo o território do império romano. Subiu ao trono em 86 d.C. e dedicou-se exaustivamente à perseguição dos cristãos. Obcecado em ser adorado como um deus, exigia que todos se curvassem a ele. Torturava, martirizava, exilava e extorquia cristãos aos milhares, principalmente porque se negavam a reconhecer a sua divindade. Era um período de terror para os crentes em Cristo e a angústia parecia não ter fim. Na revelação do Apocalipse, então, o Senhor Jesus mostra, gradativamente, que há uma perspectiva de futuro pacífico, feliz, para aqueles que guardam a sua palavra. Um futuro não neste mundo cheio de misérias e sofrimentos provenientes do pecado que, como veremos em estudos posteriores, irá sempre de mal a pior, mas um futuro em outro lugar, em outra realidade.

No entanto, se ficarmos pensando que a finalidade da revelação seria mostrar esse futuro feliz somente para aqueles que eram perseguidos pelo imperador Domiciano, o valor do livro desaparece para os leitores que viveram e vivem em outras épocas e realidades, uma

vez que a sua mensagem ficaria tendo validade somente para os cristãos sob o domínio de Roma, no passado.

Certamente que a finalidade não foi somente para os crentes que viviam no período de perseguição romana, porém para todos os crentes, em todas as épocas e sociedades. O livro do Apocalipse aguça nossa visão da realidade de uma cidade celestial, quando passamos por situações difíceis aqui neste mundo; torna clara a realidade de que somos peregrinos neste mundo; nos conforta quando ficamos desiludidos com governos, lutas familiares, com dificuldades econômicas; nos conforta quando ficamos oprimidos com perseguições físicas ou psicológicas de indivíduos que odeiam o Evangelho. A mensagem de felicidade é real também para os servos de Cristo que viveram após o domínio imperial romano, porque terão sempre a visão das coisas futuras, celestiais, que nos estão reservadas fielmente, porque um dia nos fizemos servos de Jesus Cristo.

2. A felicidade é possível aos que dão valor à palavra de Deus escrita.

Há um costume moderno dentro do cristianismo de se colocar a importância das Escrituras em segundo plano. Inúmeros grupos que se denominam evangélicos, defendem que o que está escrito na Bíblia é irrelevante diante de uma suposta revelação oral da atualidade, recebida por alguma pessoa que se diz capacitada por “receber

mensagens” do Espírito Santo; ou por estar “incorporada” de Jesus ou Deus, falando como se fosse o próprio Deus, que abre sua boca e torce o dizeres bíblicos em benefício próprio ou de outrem. São pessoas fadadas ao sofrimento eterno porque não dão valor às Escrituras e são elas que testificam de Jesus Cristo como Salvador e Senhor (João 5:39). Já no Velho Testamento lemos da felicidade e prosperidade no que é concernente ao reino de Deus para aqueles que observam a Palavra de Deus escrita (ver, como exemplo, Josué 1:8 e Salmo 1). Agora, no último livro da Bíblia, que é o fecho das Escrituras Sagradas, lemos novamente da felicidade daqueles que lêem, ouvem e guardam as palavras escritas, transmitidas por Deus para os seus servos.

OBJETIVO DA REVELAÇÃO

Quando nos referimos a objetivo, estamos fazendo referência ao público alvo da revelação. Quem Deus queria alcançar com a revelação das coisas que aconteceriam no futuro? Quem poderia ser feliz lendo as coisas que estão escritas na profecia do Apocalipse? Os que rejeitam o Filho de Deus? Os que vivem como se o amanhã fosse eterno dependendo somente dos esforços deles próprios? Os que endurecem seus corações para Deus e seus princípios estabelecidos para a humanidade?

Certamente que não. Como veremos adiante, são exatamente estes que não têm qualquer perspectiva de futuro e felicidade eternos. São exatamente os que rejeitam a Cristo que são mostrados como sofredores, angustiados, entenebrecidos diante do que Deus tem reservado para os incrédulos. A felicidade apontada na revelação do Apocalipse é reservada aos servos de Jesus Cristo, é direcionada aos que se fizeram discípulos, seguidores, servos do Filho de Deus.

Observem com atenção o destaque que fazemos do primeiro versículo: *“Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer...”* Deus está interessado em conceder felicidade aos seus servos. O Apocalipse é um livro terrível para os incrédulos e produz para eles verdadeiro terror, exatamente porque não foi direcionado a eles, mas às ovelhas de Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Josué 1:1-9

Terça - Salmo 1

Quarta - Mateus 24:31-46

Quinta - Lucas 20:27-38

Sexta - João 5:31-36

Sábado - João 14

26

O FINAL DA REVELAÇÃO

Apocalipse 22.6-21

O Senhor Jesus revelou ao seu apóstolo tudo o que seria relevante para a firmeza e felicidade dos seus servos, naqueles e em tempos posteriores, apesar de todas as aflições pelas quais passariam até que chegassem o dia do juízo final. Não deixou nada oculto, nenhuma mensagem inacabada, nada para ser revelado no futuro, fosse próximo ou distante.

Restavam agora as recomendações finais com respeito à revelação que fora concedida, recomendações que são, na realidade, uma ênfase final ao que foi dito na abertura e durante o Apocalipse.

O Senhor Jesus recomenda aos seus servos que:

OBSERVEM AS PALAVRAS DO LIVRO - v. 6-9

A primeira e constante luta de Satanás contra Deus, no que concerne à humanidade, está centrada no esforço de fazer com que o homem não creia na Palavra de Deus. Para alcançar seu objetivo sempre distorce o que foi estabe-

leido pelo Senhor, apresentando aos homens uma falsificação enganosa do que é proferido por Deus (ex. Gên. 3.1-5; Mat. 4.6). Por isso o Senhor Jesus o classificou como pai da mentira (João 8.44).

Na sua luta contra a Palavra de Deus, tem se dedicado a anular o efeito do que está escrito na Bíblia e, ultimamente, criou a idéia de que o crente precisa viver por suas próprias experiências místicas, ou de outras pessoas, deixando de lado o que está escrito, sob a alegação de que “a letra mata”. Mas, no final do Apocalipse e, consequentemente, no final da Bíblia, há uma recomendação do próprio Senhor Jesus, para os que são seus verdadeiros servos, de que guardem as palavras que estão escritas, que foram dadas pelo próprio Deus.

1. Porque são fiéis e verdadeiras - v. 6. A ênfase de todo o livro é a fidelidade da Palavra de Deus e a necessidade de a humanidade a observar com respeito e confiança completa na sua veracidade. Na abertura do livro, o apóstolo João enfatiza que a revelação lhe foi

3. É o lugar onde haverá sempre luz perfeita - v. 5. As trevas representam o pecado e os homens que rejeitam o pecado desejam andar da luz (João 3.21). Não existir noite representa não existir trevas. No céu não existem trevas de modo algum. Não existir lâmpadas ou sol, significa que a luz nunca cessará, porque a luz de uma lâmpada pode se apagar e a luz do sol declina ao final do dia. Os salvos serão iluminados pela luz perfeita e eterna que é o próprio Deus.

5. É o lugar onde os servos reinam - v. 5. Que lugar estranho aos homens, porém maravilhoso para os servos de Deus! No mundo os servos são governados, no céu os servos reinarão para sempre. Os que passam por esta vida servindo ao Cordeiro de Deus, sofrendo aflições e rejeições por causa do evangelho de Cristo, têm a visão firme de que no futuro, estarão reinando para todo o sempre.

CONCLUINDO

Esta última visão do apóstolo João é o fecho de toda a mensagem do Apocalipse que foram transmitidas através de mensagens. É a visão que mostra a felicidade eterna daqueles que guardam as palavras de Jesus Cristo, transmitidas pelos seus apóstolos, é a mensagem que aponta para uma realidade futura completamente diferente da que vivemos. Realidade que não será resultado de um processo de transformação da sociedade em que

vivemos, mas o resultado de uma será completamente isenta de todos os males que existem na realidade atual que vivemos. A humanidade será a Igreja de Deus perfeita, onde não entrarão heresias, que nunca se tornará apóstata; a igreja que será composto somente de servos do Cordeiro, que terá somente a glória de Deus e que o adorará perfeitamente; a Igreja que será composta somente por aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro, porque lavaram suas vestes no seu sangue.

Será uma realidade sem possibilidade de morte, sem maldições, sem trevas e sem opressões. É a realidade pela qual vale a pena o homem lutar para alcançar.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - 1Tes. 4.13-18. A igreja universal será formada na volta de Cristo.

Terça - Mateus 25.1-13. A volta de Cristo é comparada por ele com um casamento.

Quarta - Apoc 4.1-11. A glória de Deus é vista como o resplendor da pedra jaspe.

Quinta - Atos 2.41-47. A igreja de Jerusalém era forte porque perseverava na doutrina dos apóstolos.

Sexta - 1Cor 6.12-20. No cristianismo não existe templo porque o crente é o templo de Deus.

Sábado - Gên 2.9,10; 3.22-24. Deus impede o homem de comer da árvore da vida para que ele não viva eternamente.

2

AS REALIDADES DA VIDA CRISTÃ

Apocalipse 1:4-9

1. A graça e a paz vêm das três manifestações de Deus.

Ainda estudando a introdução do livro do Apocalipse, vamos encontrar o apóstolo João fazendo uma declaração que contém, pelo menos, quatro realidades que imperam na vida daqueles que se fizeram servos de Jesus Cristo.

Ao que parece, a introdução do livro é um pequeno resumo de tudo o que será relatado e explicado no que se refere às igrejas de Cristo, ao mundo e realidades espirituais que as cercam e, finalmente, ao juízo final.

Observemos, com atenção, quais são essas realidades.

A REALIDADE DA GRAÇA E DA PAZ

A primeira realidade que observamos na saudação do apóstolo João, é a da graça e da paz que vêm de Deus para os seus servos. Os crentes, ao lerem o Apocalipse, já começam a ser confortados com a visão de que desfrutam de uma graça maravilhosa e de uma paz que não vem deste mundo. Sobre esta realidade percebemos que:

Há quem negue a existência do que os teólogos chamam de *trindade divina*, afirmando que a expressão não existe na Bíblia. De fato não existe, porém a realidade da tríplice manifestação divina é constantemente registrada nas Escrituras. Os profetas fizeram referência a ela, Jesus e os seus apóstolos também. A vida dos crentes em Cristo é repleta de graça (dádiva imerecida) e de paz e, tanto uma quanto outra, são originadas no próprio Deus, através das suas três manifestações:

a) Do Deus que é eterno e Todo-poderoso - v. 4 e 8. Deus sempre existiu no passado, e existe no presente e sempre existirá no futuro. Sempre foi e sempre será o Todo-poderoso que fez todas as coisas, que permite tudo o que acontece e que virá e cobrará do homem a sua responsabilidade de ser livre para agir e escolher como agir. A nossa graça e a nossa paz vem do Deus Pai, porque foi a ele que ofendemos, porque foi ele quem providenciou a

nossa salvação, foi ele quem nos amou e demonstrou esse amor enviando Seu Filho para morrer por nós. Esse ser Todo-poderoso inclinou-se para nós e nos socorreu no nosso pecado.

b) *Do Espírito de Deus que é perfeito e está diante dele - v. 4.* Para os hebreus o número sete significava perfeição absoluta e era o número que simbolizava o próprio Deus. A referência aos sete espíritos traz a idéia do Espírito de Deus que se individualiza perfeitamente na totalidade daqueles que se fizeram servos de Deus. A presença do Espírito de Deus nos seus servos é a manifestação presente da misericórdia do Deus Todo-poderoso e perfeito que habita nos seus servos finitos, imperfeitos, com a finalidade de ensiná-los, conduzi-los, fortalecê-los e confortá-los.

c) *Do Filho de Deus que testifica do Pai - v. 5.* Testifica da Sua Palavra, uma vez que ele é a própria personificação da Palavra de Deus (João 1:1-14). Ele veio como cumprimento da promessa de Deus, de que enviaria um Salvador para a humanidade. A sua vinda ao mundo, o seu nascimento milagroso, o seu ministério, a sua morte e ressurreição testificam do poder e do amor de Deus.

A vida cristã é **fundamentada** na realidade da dádiva da salvação que Deus providenciou através do seu Espírito e do seu Filho; e é **vivida** na

paz que é produzida pela presença e pela ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo em cada um de nós.

2.A graça e a paz são direcionadas às igrejas.

Todo o livro do Apocalipse enfatiza a igreja do Senhor Jesus Cristo dando-lhe posição de destaque no reino de Deus. No entanto, nos tempos atuais, as igrejas têm sido desprezadas e vilipendiadas em suas características neo-testamentárias, nas suas finalidades e objetivos. Há um crescente número de indivíduos que pregam que não é necessário um crente pertencer a uma igreja; que parecem valorizar a igreja, mas que fazem tudo para desfigurá-la, transformando-a somente em um aglomerado social de indivíduos sem regeneração e sem vínculo com Jesus Cristo.

É interessante observarmos que a referência ao Espírito Santo parece estar vinculada aos destinatários da revelação, uma vez que são sete espíritos diante do trono de Deus e a revelação é dirigida a sete igrejas. Alguns crêem que a revelação foi dirigida somente às sete igrejas que estão na Ásia que receberam as sete cartas, por causa de problemas que enfrentavam de apostasias, imoralidades e perseguições. Mas isto delimitaria demais o livro do Apocalipse e ele perderia a sua importância para as demais igrejas

vimos em estudo anterior que o templo representava, para os judeus, a presença de Deus, já que era o lugar onde ele se manifestava. Para os cristãos já não deveria existir a idéia de templo como um lugar específico onde Deus se manifesta, porque ele habita no crente, através do Espírito Santo (1Cor 6.19). Mas, o conceito judeu de templo e ritual de culto sacerdotal, fez com que Tertuliano, no século IV, reintroduzisse no cristianismo o conceito de Templo como um lugar específico para adoração. Na cidade celestial isto não mais existirá; nenhuma construção ocupará o lugar de Deus, porque ele próprio e o Seu Filho, o Cordeiro, serão o templo. Ou seja, estarão sendo adorados verdadeiramente.

O LUGAR ONDE ESTÁ O TRONO DE DEUS - 22.1,5

Deus é o Senhor de todo o universo e o governa como soberano. O seu reino tem uma sede e esta é representada pela visão do trono, repetida ao longo de toda a Revelação. Na última visão revelada ao apóstolo, após ser-lhe mostrada a cidade celestial, lhe é mostrado, como visão final, o trono de Deus, que é a fonte de toda vida, e que é, também, trono do Cordeiro, daquele que se deixou sacrificar para conceder vida ao homem. É o trono daquele que é um com o Pai, cujo nome é o mesmo nome do Pai, cujos servos são os mesmos servos do Pai, e cuja face é a revelação da pessoa do Pai.

1. É o lugar onde está a árvore da vida - v. 2. O trono de Deus, de onde procedia o rio da água da vida, estava em uma praça. No meio da praça estava a árvore da vida, a mesma que foi colocada por Deus no meio do jardim do Éden (Gên. 2.9), cujo acesso foi impedido ao homem após ter pecado, para que não comesse dela e vivesse eternamente (Gên. 3.22-24). No céu, onde estarão todos os que foram purificados pelo sangue do Cordeiro (Apoc. 7.14), a árvore da vida estará novamente presente. Esta visão da árvore da vida representa que a **vida eterna estará novamente à disposição de todos**. Este é o significado de estar no meio da praça, uma vez que praça representa um lugar público, de acesso a todos. É, também, o que significa estar às margens do rio da água da vida (note-se que esta figura é por demais interessante, porque João viu uma só árvore estando em ambas as margens do rio) onde a árvore nunca secará e terá sempre da água que provém do trono de Deus, continuamente produzindo frutos para o sustento da vida (comparar com Gên. 3.22,23) e folhas para manutenção da saúde.

2. É o lugar onde haverá obediência a Deus e ao Cordeiro - v. 3. A desobediência a Deus foi praticada pelo homem logo no início da criação. Isso trouxe maldições sobre a humanidade. No reino celestial não haverá maldição porque todos os seus habitantes serão servos obedientes, que estarão sempre diante de Deus, trazendo em si a marca do Cordeiro.

Deus - no Velho Testamento -, e à Igreja de Cristo - no Novo Testamento. Em segundo lugar, porque “cidade” também no contexto bíblico, na maioria absoluta das vezes, é referência ao povo e não aos prédios e espaços físicos. Até mesmo para os gregos, *polis* (este é o vocábulo grego que é traduzido por cidade) significava muito mais os cidadãos do que o lugar de residência deles.

João teve então, sem dúvidas, uma visão alegorizada do que seria o povo de Deus, a igreja de Cristo na realidade celestial.

2. A Nova Jerusalém terá a perfeita glória de Deus - v. 11,23-25. Deus criou o homem para manifestar a sua glória, mas o homem falhou em receber esse privilégio; Deus criou um povo santo para ter e anunciar a sua glória, mas o povo de Israel falhou em receber esse privilégio. Deus, formou uma instituição para ter e anunciar a sua glória, mas essa instituição, a Igreja de Cristo, tem se corrompido e se deixado enganar pela besta, grande prostituta, pelo falso profeta e seus mensageiros e a manifestação da glória de Deus tem sido imperfeita. Mas a Igreja celestial, formada somente pelos que se firmarem na Palavra de Deus, cren-
do somente em Jesus Cristo, brilhará com a luz de Deus (compare com Apoc 4,3 e observe a referência ao mesmo brilho de Deus). Tendo a glória de Deus, não necessitará de proteção humana, porque ali não haverá trevas.

3. A Nova Jerusalém será perfeitamente protegida contra o pecado - v. 12-21. Muro representa proteção

e João vê a nova Jerusalém cercada por um grande, bem alicerçado e alto muro. A igreja de Deus perfeita, celestial, será perfeitamente protegida, e nela nunca entrará pecado. A respeito dessa proteção, precisa ser observado que:

a) A proteção é perfeita, porém com amplo acesso aos salvos - A cidade não é restrita a um povo ou a um grupo de pessoas. Apesar de o acesso ter vindo a partir do povo de Israel (as doze portas têm os nomes das doze tribos de Israel), o muro tem portas para todos os lados, significando a universalidade da cidade Santa (v. 12,13,21).

b) A proteção tem como base a doutrina dos apóstolos - É a firmeza de um cristianismo autêntico. No livro de Atos encontramos a exaltação a essa qualidade da igreja primitiva (Atos 2,42). As igrejas de Cristo, nas sete cartas, foram conclamadas a permanecerem fiéis à Palavra de Cristo. Satanás com seus asseclas (a besta, o falso profeta e todos os que com ele se alinharam) trabalharam insistente para enganar a humanidade através de deturpações religiosas, ensinamentos falsos. Os que não se deixaram seduzir, que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Jesus Cristo transmitidos por seus apóstolos, formarão a Igreja celestial (v. 14). Na visão é demonstrada a preciosidade desse fundamento, na figura das pedras preciosas adornando os fundamentos (v. 19,20).

4. A Nova Jerusalém terá a plenitude da presença de Deus - v. 22. Já

que existiam na época em que foi escrito e para as demais igrejas que viriam a existir no futuro. Para compreendermos o que simboliza esta destinação, devemos lembrar novamente o significado do número sete, perfeição absoluta; e isto nos leva a pensar que o livro é escrito à totalidade das igrejas de Cristo, sem deixar nenhuma de fora. Igrejas que estariam ligadas, na sua totalidade, ao trono de Deus, pela presença do Espírito Santo em seu seio.

Não há vida cristã sem igreja e a paz de Cristo é sempre direcionada às suas igrejas que estão sobre a face da terra.

A REALIDADE DA GLORIFICAÇÃO E SERVIÇOS PARA DEUS

No versículo 6, lemos que o Senhor Jesus Cristo, através do seu sangue, nos lavou dos nossos pecados e nos transformou em reis e sacerdotes para Deus.

Existe no versículo a declaração de duas realidades que parecem conflitantes, mas que se harmonizam perfeitamente: elevados à posição de reis, os servos de Deus foram glorificados; e, elevados à posição de sacerdotes, foram investidos em uma função de serviço. Fomos feitos reis porque fomos feitos herdeiros do reino de Deus, em Jesus Cristo, Filho de Deus; fomos feitos sacerdotes

porque ficamos incumbidos de levarmos pessoas à presença de Deus, através da pregação do evangelho de Jesus Cristo (1Pd 2,9).

Mas existe nesta realidade da vida cristã, uma outra realidade: a de que, sendo reis e sacerdotes, não estamos isentos de sofrermos as aflições deste mundo. Somos reis e sacerdotes de um outro reino que não é deste mundo. Pertencemos ao reino celestial. Aqui somos ignorados, perseguidos, aviltados, desprezados. O exemplo está no versículo 9, onde o próprio apóstolo João, o responsável por registrar a revelação, afirma ser companheiro nas aflições que os servos de Cristo passavam. Para se ter uma noção da aflição do apóstolo, João estava desterrado na inóspita ilha de Patmos quando recebeu a incumbência de transmitir a revelação.

A REALIDADE DA EXPECTATIVA DA VINDA DO FILHO DE DEUS

O apóstolo lembra esta realidade ao afirmar, no versículo 3, que o tempo está próximo. Logo depois, torna a lembrar da proximidade do fim, ao falar sobre a vinda do Filho , no versículo 7.

Não há vida cristã autêntica sem a expectativa da vinda de Cristo. O juízo final, a vinda do Filho de Deus, está presente em todas as Escrituras, desde o livro de Gênesis. O Senhor

Jesus sempre alertou seus discípulos para a sua vinda futura, em um dia determinado por Deus para o juízo final.

Esta expectativa é vivida pelos servos de Cristo, principalmente por três motivos principais:

1. Porque o tempo está próximo. É o que está afirmado no texto (v. 3). Alguns crêem que a revelação do Apocalipse era somente para a época próxima à que foi escrita, por causa dessa expressão. No entanto, deve ser lembrado que o início do final dos tempos aconteceu com a entrada do Verbo de Deus na temporalidade. Frank Stagg, em sua obra *Teología del Nuevo Testamento*, publicada pela Casa Bautista de Publicaciones, 2ª edição, 1985, diz que “a escatologia realizada é o ponto de vista de que quanto Jesus veio ao mundo, vieram o mesmo juízo e sua redenção. O que será completado finalmente, já está presente em Jesus. Quando a Palavra se fez carne, Deus veio à história com sua dádiva e seu ajuste de contas definitivo”. Vivemos desde já o final dos tempos. Daí a nossa expectativa.

2. Porque confiamos na promessa de Jesus. Ele disse que voltaria (Mat. 25:31), seus anjos também disseram quando subiu ao céu (Atos 1:11); e seus discípulos ensinaram (1 Cor. 15:23); 1 Tes. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; 2 Tes 2:1,8; 2 Pedro 1:16; 3:4,12; 1 João 2:28) e nós

somos crentes. Ou seja, somos crédulos no que Jesus e seus apóstolos ensinaram. Por isso, no conjunto da nossa crença em Jesus Cristo está a expectativa da sua volta para julgar os vivos e os mortos.

3. Porque desejamos a sua glorificação. João manifesta este desejo que existe em todos nós, ao exclamar escrevendo: “a ele glória e poder para todo o sempre”. Jesus foi perseguido, zombado, vilipendiado, morto como malfeitor, por nossos pecados. Por isso todos ansiamos vê-lo descendendo dos céus, sentando-se no seu trono para julgar todos os povos. Ansiamos por ver a humilhação dos que o traspassaram, dos que lhe cuspiram, dos que o esbofetearam. Ansiamos por ver governantes e homens orgulhosos, zombeteiros, ajoelhando-se diante daquele que é o nosso Senhor, daquele a quem tanto amamos por nos ter dado da sua própria vida. Esta expectativa estará sempre presente em nós, como uma realidade da vida cristã, até que aconteça a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 40

Terça - João 16

Quarta - João 1:1-14

Quinta - João 14

Sexta - João 15:1-16

Sábado - Atos 1:1-11

25

A NOVA JERUSALÉM E O REINO CELESTIAL

Apocalipse 21:9-27; 22:1-5

O apóstolo João acabara de ver, como um todo, o que seria a nova realidade que se instauraria no universo após o juízo final. Agora é levado a ver de perto, numa visão específica depois daquela generalizada, de um importante componente dessa nova realidade: a nova Jerusalém, a cidade santa, a sede do reino de Deus. Pode ser afirmado que é uma visão mais especificada pela repetição da definição do que era visto, encontrada nos versículos 2, 9 e 10.

Se a visão foi especificada, apresentada como num “flash”, então é por demais importante para os servos de Cristo, e deve ser observada com atenção.

ANOVAJERUSALÉM - 21.9-27

Quem conduz o apóstolo João a uma outra visão, é um dos sete mensageiros que tinham as taças das últimas pragas enviadas por Deus. É interessante a figura porque nos mostra que o crente em Jesus Cristo não precisa temer o juízo final, as pragas que são enviadas por Deus, porque os anjos do Senhor são ministradoreis enviados por Deus para o bem dos seus servos. Um

daqueles que fizeram parte de uma visão tão terrível de sofrimento para a humanidade, agora é quem conduz o servo de Cristo a uma visão tão gloriosa para aqueles que são salvos pelo sangue do Cordeiro.

No seu chamamento ao apóstolo, o mensageiro define o que seria visto e essa definição merece a nossa atenção para que possamos compreender o que é definido como a santa Jerusalém.

1. A Nova Jerusalém é a esposa do Cordeiro - v. 9,10. Há os que pensam que aqui é visto por João a cidade celestial e procuram aplicar a visão como uma alegoria da beleza que será o céu como lugar. Não tenho qualquer dúvida de que o céu é um lugar maravilhoso, de beleza indescritível, uma vez que é o lugar onde está o trono de Deus, aquele que “projetou” tudo de belo que conhecemos na natureza. Mas é certo que essa visão é uma alegoria da beleza e fortaleza da Igreja no reino do céu, na nova realidade que será instaurada por Deus após o juízo.

Isto pode ser afirmado primeiramente porque no contexto bíblico, a alegoria da mulher, da esposa, sempre foi referente ao povo de

que: **a) Será recebida por quem “tiver sede”.** Ou seja, por quem sentir um forte desejo por vida, assim como o sedento faz qualquer coisa por água. Há pessoas que não herdarão o novo céu e a nova terra porque não têm esse sentimento de necessidade pela vida. Há os que preferem ficar nas trevas porque as amam mais que a luz, que a vida (João 3.19,20). **b) Será recebida por quem for vitorioso** (v.7). Ora, se o Senhor Jesus afirma que dará da água da vida “de graça”, logo precisamos compreender que a vitória a que ele se refere não é uma conquista pela força, ou pelos atos religiosos, ou por merecimento pessoal. Ele está se referindo àquele que, como indivíduo, vencer os seus desejos pessoais pecaminosos de desobediência a Deus, de amor às trevas, àquele que for vitorioso contra Satanás e seus emissários, crendo fielmente na Palavra de Deus que está personificada em Seu Filho, Jesus Cristo. Será vitorioso e, consequentemente, herdeiro do novo céu e da nova terra, aquele que não se deixar enganar por Satanás e crer fielmente na salvação providenciada por Deus.

CONCLUINDO

A humanidade está caminhando a passos largos para uma nova realidade universal. Haverá um momento crítico para muitos e de vitória para outros. Crítico para

aqueles que rejeitaram crer na Palavra de Deus, que providenciou a salvação para todo aquele que desejasse, de fato, viver eternamente, como seu filho, em paz perfeita, desfrutando do seu cuidado divino. Para esses que rejeitaram, não haverá futuro, porém somente a eternidade de sofrimentos eternos no lugar que foi preparado para Satanás. De nada adianta ao homem ficar procurando refúgio no fundo do mar, ou no espaço sideral, porque todas as coisas no universo serão subs-tituídas.

Mas será um momento de vitória para aqueles que receberam Jesus Cristo como Salvador e, consequentemente foram feitos filhos de Deus. Para esses haverá a nova realidade de paz perfeita, de comunhão plena com Deus, de cuidados divinos. Será um momento de vitória para aqueles que se dispuseram a sofrer neste mundo, se impuseram em rejeitar os enganos da Besta e creram somente na Palavra de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Isaías 65.1-12**
- Terça - Isaías 65.13-25**
- Quarta - Isaías 66.15-24**
- Quinta - 2Pedro 3.1-13**
- Sexta - Isaías 52.1-12**
- Sábado - Isaías 62**

3

O INÍCIO DA REVELAÇÃO

Apocalipse 1:9-20

Até o versículo 8, o apóstolo João ainda não tinha apresentado a revelação propriamente dita, mas somente os aspectos introdutórios. A partir do versículo 9, ele passa a descrever o que viu, registrando inicialmente **o lugar onde estava** (na Ilha de Patmos), **porque estava lá** (havia sido desterrado pelos romanos por causa da sua fidelidade à Palavra de Deus e suas pregações a respeito de Jesus Cristo), **como se deu a revelação** (foi arrebatado em espírito - ficou em estado de êxtase, porém de posse das suas faculdades mentais e sensitivas), e **quando aconteceu** (no dia do Senhor - uma referência ao primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Jesus).

No início da revelação há uma apresentação pessoal do seu autor que manifesta a sua autoridade **através da palavra**, dando uma ordem vigorosa ao apóstolo: escrever o que via em um livro, e enviar a sete igrejas determinadas,

localizadas na Ásia. A primeira visão acontece quando João se vira para ver quem falava com ele e visualiza uma cena com os seguintes elementos:

SETE CASTIÇAIS DE OURO v. 12, 20

Um castiçal é um utensílio onde se colocam lâmpadas. Naquele tempo, tochas de fogo. O ouro representa algo de extremo valor. Eram sete castiçais, número que representa, como vimos em estudo anterior, perfeição, totalidade perfeita. Aqui já podemos observar o aspecto figurativo do Apocalipse, pois o que João viu não tinha o valor do que era realmente, mas representava algo de muito valor.

É o próprio Jesus quem revela ao apóstolo o significado dessa representação, dizendo-lhe que os sete castiçais eram as sete igrejas (v. 20) para as quais deveria ser enviada a revelação escrita.

Não é difícil de compreender porque as igrejas eram representadas por castiçais de ouro. Havia ali a representação da função da igreja de iluminar o mundo (Mat. 5:13-16), da sua beleza (Ef. 5:27), e do seu grande valor para Cristo (Ef. 5:25). É uma visão de grande importância para quem inicia a leitura do Apocalipse, pois perceberá que esse valor da igreja estará presente até o final da revelação.

ALGUÉM NO MEIO DOS SETE CASTIÇAIS - v. 13-18

Não sabemos em que disposição estavam os sete castiçais, mas certamente formavam alguma figura que permitia uma área interna. No meio estava um ser pessoal que o apóstolo João descreveu como semelhante ao Filho do homem, ou seja, Jesus Cristo. João o reconheceu mesmo depois de tanto tempo sem vê-lo, mas ele estava diferente. Sua aparência é descrita da seguinte maneira:

1. Suas vestimentas - v. 13. Usava uma roupagem comprida e um cinto de ouro. Era uma vestimenta que, além de demonstrar a majestade de Cristo, ainda representava a sua posição de Sumo Sacerdote (Heb. 4:15) e Rei (1Tim. 6:15). As vestes compridas eram utilizadas pelos sacerdotes e um cinto de ouro à altura do tórax era utilizado pelos reis.

2. Seu aspecto físico - v. 14-16. Os cabelos eram branquíssimos, simbolizando a sua eternidade (Dan. 7:9); **seus olhos brilhavam como chamas de fogo**, significando o olhar que penetra nos lugares mais escondidos, ou seja, manifestando sua onisciência que lhe permite saber todas as coisas em todos os lugares e tempos. **Seus pés reluzentes como o latão** (metal que era considerado o mais resistente nos dias de João) demonstravam a sua fortaleza tanto em avançar irreduzivelmente na direção que quisesse, quanto para esmagar seus inimigos. **Sua voz era poderosa como o estrondo de muitas águas**, significando o poder da sua palavra; **da sua boca saía uma aguda espada de dois fios**, demonstrando que o seu poder de ataque está na sua Palavra. Finalmente, **o seu rosto brilhava intensamente**, como o sol, manifestando a sua glória divina.

3. O que tinha na mão direita - v. 16, 20. Tinha sete estrelas, sete lumínares intensos. Não há mistério quanto a representação das sete estrelas, uma vez que o próprio Senhor Jesus tratou de desvendá-lo para o seu apóstolo e, logicamente, para nós. Elas representavam os sete mensageiros das sete igrejas referidas anteriormente.

O que precisamos compreender com clareza é o motivo de estarem na mão direita e quem são os mensageiros. No primeiro caso, a

que não se prostituírem após outros deuses, e vencendo todas as forças contrárias, se entregarem à salvação providenciada por Deus, na pessoa do Seu Filho, receberão a herança da filiação com Deus (João 1.12).

É UMA REALIDADE QUE ESTÁ À DISPOSIÇÃO DA HUMANIDADE - v. 6,7

Há uma corrente teológica que ensina que a realidade após o juízo final é privilégio somente de pessoas que foram predestinadas por Deus para viverem com ele para sempre. Não é uma idéia verdadeira, uma vez que o ensinamento bíblico constante é o de que o novo céu e a nova terra sempre estiveram à disposição da humanidade, desde o princípio da criação. O Senhor Jesus sempre ensinou assim e, como exemplo, pode-se examinar textos de ensinamentos seus bastante claros a respeito, tais como João 3.16-21 e 5.24, onde ele demonstra que a salvação é universal e que depende somente da vontade de o homem crer nele como o Salvador providenciado por Deus.

Neste texto que estudamos, também é anunciada pelo Senhor, a salvação à disposição de todos, na expressão “a quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida” (v. 6). É a palavra daquele que é o princípio e o fim, daquele que recriou o céu e a terra, é a palavra final a respeito da salvação.

No entanto, há algumas realidades nas palavras do Senhor Jesus que precisam ser analisadas e compreendidas a respeito dessa vida futura que está a disposição da humanidade.

1. O novo céu e a nova terra é uma realidade que esteve nos planos de Deus desde o princípio. Isto podemos ver pela expressão de Jesus “está cumprido”, seguindo a expressão “eis que faço novas todas as coisas”. Desde que a humanidade entrou pelo desvio do pecado, Deus estabeleceu criar novamente todas as coisas e colocou-as ao alcance da humanidade, como uma herança futura. Jesus ensinou assim quando proferiu o seu último sermão e disse que anunciaría aos salvos no dia do juízo final: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que **vos está preparado desde a fundação do mundo**” (Mateus 25.34). Deus nunca predestinou homens para a perdição eterna. O inferno foi criado para o Diabo e os seus anjos (Mateus 25.41) e não para homens. Deus predestinou toda a humanidade para a salvação.

2. O novo céu e a nova terra é uma dádiva do Senhor Jesus Cristo. Não é uma conquista humana, mas um presente, uma dádiva de Cristo. Uma dádiva que está à disposição de todos, mas que só será recebida por alguns, e isto por causa da vontade do próprio homem. É uma dádiva

TODA A HUMANIDADE SERÁ POVO DE DEUS - v. 3,4 e 8

Lançados no inferno Satanás, a Besta, o falso profeta e todos os homens cujos nomes não foram encontrados no livro da vida, restaram aqueles que confiaram na Palavra de Deus, que entregaram suas vidas ao Cordeiro, aceitando o seu sacrifício para perdão dos seus pecados. Aqueles que, regenerados em Jesus Cristo, renunciaram à impiedade e às concupiscências mundanas e viveram aguardando em firme esperança, o surgimento do dia do Senhor. Estes que restarão no dia do juízo, formarão, então, uma humanidade glorificada, sem marcas de pecado, sem sofrimentos do pecado, sem tentações, sem distanciamento de Deus.

As realidades dessa nova convivência dos homens com Deus são relatadas nesse texto de maneira abreviada e objetiva.

1. Haverá comunhão perfeita com Deus - v. 3. "O tabernáculo de Deus com os homens" é uma expressão que manifesta a presença de Deus com seus servos; e "com eles habitará" representa a comunhão perfeita. Habitar trás a idéia de ter domicilio. É uma realidade diferente da anterior, quando a humanidade, distanciada por causa do pecado, vivia com Satanás habitando com ela e fazendo suas

misérias. Nessa comunhão perfeita, os homens serão povo de Deus e Deus será o único Deus dos homens. Não haverá mais medo de Deus, incredulidade, abominações, homicídios, fornicações, feitiçarias, idolatrias e mentiras, porque todos os seus praticantes foram lançados no inferno. Não existirá nada que impeça a presença de Deus com o seu povo.

2. Haverá paz perfeita produzida por Deus - v. 4. A comunhão perfeita do homem com Deus, a sua dedicação exclusiva a ele, a obediência, permitirá que Deus cuide perfeitamente dos cidadãos do seu reino. Habitar com Deus e a comunhão com ele, permitirão um cuidado pessoal. Esse cuidado está representado na expressão "Deus limpará de seus olhos...", e produzirá a paz perfeita que era destinada à criação desde o seu início (observe-se que Deus criou o homem e o colocou em um jardim - Gên. 2,8). A visão dessa paz está na declaração da ausência de tudo o que o pecado gerou no homem: tristeza, morte, sofrimentos e clamores. Tudo isso será uma página encerrada na história da humanidade.

3. Haverá uma relação de filiação perfeita com Deus - v. 7. Os que vencerem as artimanhas enganosas de Satanás e seus mensageiros, que vencerem a vergonha de serem identificados como servos de Cristo

mão direita tanto traz a idéia de poder (Salmo 118:15,16), quanto de posição honrada (Heb. 1:3,13; 1Ped 3,22). Significava, então, tanto a posição honrada dos mensageiros da sua igreja, quanto a realidade de que o poder não lhes pertencia, mas que estavam nas mãos do dono das igrejas, Jesus Cristo.

No segundo caso, algumas complicações têm sido criadas, principalmente por aqueles que insistem em dizer que os pastores são ovelhas de Cristo como outras quaisquer, sem responder por nenhuma responsabilidade especial sobre a igreja. Estes criam muitos desvios e chegam ao cúmulo de afirmar que os anjos seriam seres celestiais que foram designados para estar nas igrejas de Cristo, assistindo-as e vigiando-as. Pura fantasia, sem qualquer respaldo bíblico. Para esta interpretação seria difícil explicar as palavras duras de Jesus Cristo a alguns anjos das igrejas destinatárias das cartas. Não há outra interpretação, a não ser a defendida pela maioria dos comentaristas de renome, de que seriam os pastores daquelas igrejas. Eles foram investidos na função de mensageiros de Jesus Cristo, para anunciar às igrejas a sua Palavra. A interpretação dessa visão, então, seria a de que o Senhor Jesus tem à sua mão direita, como seus auxiliares diretos, os pastores das suas igrejas, e que as representam diante dele (Heb. 13:17), mas que

não têm poder sobre elas, porque o poder é de Cristo.

AS PALAVRAS DE CRISTO AO SEU APÓSTOLO - v. 17-20

O efeito da visão sobre o apóstolo João foi fulminante: ele caiu imediatamente aos pés de Cristo, como se tivesse morto. Em outras palavras, caiu desmaiado. A razão da sua reação está nas primeiras palavras que Jesus lhe dirigiu, "não temas": ele se encheu de temor. A visão majestosa do Senhor Jesus, em toda a sua glória, eternidade e poder, fez com que sentisse a sua incapacidade de estar diante dele.

As palavras que Jesus lhe dirige, então, demonstram aspectos da sua natureza que são de primordial importância para as aflições dos seus servos e para o que seria revelado.

1. O redentor que consola. O Senhor Jesus colocou sobre sua ovelha a sua mão direita. Aquela mão que simbolizava a plenitude do poder de Cristo, agora servia para consolar o seu servo. As palavras foram curtas, mas impressionantes: "não temas". João nada tinha a temer diante de majestade de Cristo.

2. O redentor que é eterno. Jesus confortou João apresentando-se como eterno, o primeiro e o último, o que vive e foi morto, mas que está vivo para todo o sempre (v. 17,18). Um redentor eterno não muda.

Mesmo que a sua aparência seja tão gloriosa, ele continua sendo aquele que morreu para salvar suas ovelhas (João 10:27,28) e dar-lhes a vida.

3. Um redentor que se preocupa com a felicidade das suas ovelhas - v. 17-20. Durante o seu ministério aqui no mundo, Jesus sempre se preocupou em confortar as pessoas que o buscavam e o seguiam. São inúmeros os episódios que demonstram assim. No Apocalipse não é diferente. Aquele que João viu, com todo o resplendor e glória, se aproxima do seu discípulo caído e estende-lhe a mão para confortá-lo com palavras de ânimo e felicidade. Mas, a visão de um redentor preocupado com a felicidade de suas ovelhas não se restringe às palavras dirigidas a João. Está, também, no fato de ter repetido ao apóstolo a ordem de escrever o que via. O Senhor Jesus estava cuidando para que seus discípulos fossem bem-aventurados.

CONCLUSÃO

A primeira visão do Apocalipse é da pessoa do Senhor Jesus, suas igrejas e seus pastores. A primeira ordem de Jesus ao seu apóstolo foi a de que escrevesse num livro o que via e que enviasse o livro às suas igrejas. Daí para a frente, toda a revelação irá girar em torno da importância do Cordeiro; da

necessidade de suas ovelhas permanecerem fiéis à sua Palavra para que possam ser vitoriosas e, consequentemente, bem-aventuradas; da importância de as igrejas de Cristo testemunharem com fidelidade e firmeza do seu evangelho de salvação; do poder que recebem para desempenharem a sua tarefa; do tormento que a pregação do evangelho autêntico causa ao mundo; da luta de Satanás para derrotar o plano de salvação divino, através da utilização de falsos profetas que enganam a humanidade e de religiosidades falsas; da justiça de Deus sobre os que rejeitam a sua Palavra; da batalha final de Satanás contra o Cordeiro, a Palavra de Deus e, finalmente, a vitória do Cordeiro que estabelecerá uma nova ordem no universo, onde não existirá mais pecado de espécie alguma. Somente a paz e a felicidade.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Fil. 1:1-11.**
- Terça - Daniel 7:1-14**
- Quarta - Daniel 10:1-11**
- Quinta - Hebreus 4:1-13**
- Sexta - Isaías 6:1-13**
- Sábado - Hebreus 13:1-19**

24

O NOVO CÉU E A NOVA TERRA

Apocalipse 21:1-8

Logo após ter a visão da derrota de Satanás e da condenação ao sofrimento eterno daqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida, o apóstolo João tem uma nova visão, desta feita de uma realidade completamente oposta à anterior. Ele vê o restabelecimento do equilíbrio em todo o universo (um novo céu e uma nova terra significa exatamente um recomeço universal) que já não sofre mais a influência da malignidade satânica.

É uma visão descrita com poucas palavras, porém de uma beleza e significado imensurável para aqueles que confiaram suas vidas à promessa divina de um Salvador, entregando-as completamente aos cuidados do Senhor Jesus Cristo. Através dos olhos de João podemos ver as seguintes realidades futuras reveladas aos crentes em Cristo:

TUDO O QUE EXISTE DEIXARÁ DE EXISTIR E SERÁ SUBSTITUÍDO - v. 1,5

João viu tudo novo. A expressão "novo céu e nova terra" deixa claro

que o que era antigo foi substituído e que a substituição foi universal. É muito importante para nossa compreensão do significado dessa expressão, observarmos que no primeiro versículo do livro de Gênesis Moisés declara a criação de todo o universo, também com as palavras "céu" e "terra".

João viu a realidade de uma nova ordem universal estabelecida por Deus. Não uma ordem acrescentada, porém uma ordem que substituiu a antiga, a que se degenerou. A explicação do apóstolo é direta e objetiva: "porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe". Ou seja, não existirá mais nada da criação antiga. Em lugar do que era antigo, João viu o que será novo, e tudo o que viu foi novamente criado pelo Filho de Deus (o que estava assentado sobre o trono foi quem julgou o mundo e era Jesus Cristo - Mat. 25:31; Apoc. 20:11), e a sua declaração ao seu apóstolo é: "Eis que faço novas todas as coisas."

eterna (João 3.18; 5.24), são os que não serão lançados na segunda morte (Apoc 20.14; 21.8). Logicamente podemos concluir que os que viveram e reinaram com Cristo são todos os seus servos e que os que não reviveram são todos os que o rejeitaram.

A expressão “primeira ressurreição” também corrobora com esta interpretação, considerando-se que há três idéias de ressurreição na Bíblia: a) o retorno da realidade da morte para a realidade da vida (no grego *egeiro*), podendo a expressão significar tanto o ato de levantar da sepultura com o mesmo corpo que foi sepultado (João 11.39-44; Mat 27.52), quanto o retorno sem que seja com o mesmo corpo (1Cor 15.35-44); b) o ato de ser levantado da morte por Cristo na ressurreição final (*anistemi* no grego - João 6.39); e, c) a regeneração, a novidade de vida, daquele que faz de Cristo o seu Salvador (*sunegeiro* no grego - Efésios 2.6; Col 3.1).

Isto nos leva a compreensão de que o texto não diz necessariamente que um grupo de indivíduos levantarão de sepulturas antes de outro grupo, que só levantaria depois. Primeira ressurreição aqui (Apoc 20.5) tem o significado de recebimento de nova vida em Cristo, do levantamento dentre os mortos (*anastasis* no grego) para o recebimento da luz de Cristo (Efésios 5.14 - “Desperta (*egeiro*), ó tu que dormes, levanta-te (*anistemi*) de entre os mortos, e Cristo te iluminará”). Os ressuscitados são os

que passaram da morte para a vida ao crerem em Jesus (João 5.24); os que não reviveram, são os que já estão mortos porque não creram em Jesus como Salvador (João 3.18).

4. Eram sacerdotes de Deus e de Cristo. Figura de fácil interpretação, comparando-se com 1Pedro 2.9, onde o apóstolo indica a realidade do sacerdócio dos crentes em Cristo, no sentido de serem os incumbidos da missão de anunciar o poder de Jesus Cristo para a salvação.

CONCLUINDO

A visão é concernente à realidade de que, com a morte de Cristo Satanás foi anulado no seu poder de enganador por um longo período antes do juízo final e que, durante esse período, os crentes em Cristo estariam exercendo o seu sacerdócio real, no sentido de estarem anunciando o poder de Cristo para a salvação, até que Satanás seja novamente solto e intensifique suas atividades de enganar e arregimentar forças para a grande batalha final (v. 7,8; 16.13,14), oprimindo os crentes e as igrejas de Cristo (v.9; 11.7-10), até que seja lançado no lago de fogo, juntamente com seus asseclas e enganados (v. 10).

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda** - Efésios 5.1-21
- Terça** - Romanos 6.1-11
- Quarta** - 1Coríntios 15.35-58
- Quinta** - João 3.1-18
- Sexta** - João 12.20-32
- Sábado** - Romanos 8.1-17

4

AS CARTAS ÀS IGREJAS - I

Apocalipse 2:1-11

Após ordenar a João que escrevesse em um livro tudo o que estaria vendo e ouvindo, e enviasse às sete igrejas que estavam na Ásia, o Senhor Jesus passa a ditar sete cartas que deveriam ser enviadas às suas igrejas, numa demonstração de conhecimento profundo de suas realidades e preocupação no sentido de que seus servos vivessem de acordo com princípios e objetivos agradáveis a ele.

Há de se pensar, de fato, que o teor das cartas fosse referente a realidades vividas por aquelas sete igrejas, mas não poderíamos afirmar que as cartas foram dirigidas somente a elas. Considerando que o número sete representa perfeição, podemos crer que são cartas dirigidas à totalidade das igrejas e que as virtudes e problemas nelas apontados, são representativos, também, para todas as igrejas, em todos os lugares e épocas.

Certamente que as sete cartas sempre servirão para qualquer igreja de Cristo que deseje viver segun-

do a sua vontade. Daí a grande importância de as estudarmos.

AIGREJADE ÉFESO - vv. 1 a 7

Depois da destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., a cidade de Éfeso tornou-se um dos maiores centros do cristianismo primitivo. O apóstolo Paulo foi o fundador da igreja e o apóstolo João um dos seus pastores. A cidade era um grande centro comercial e possuía um grande número de adoradores da deusa Diana (Atos 19:35), que a reverenciavam fanaticamente.

Na introdução à carta, o Senhor Jesus se apresenta como sendo aquele que está efetivamente presente nas suas igrejas (o que anda no meio dos sete castiçais de ouro) e, também, como aquele que detém o verdadeiro poder sobre ela, representado pelo seu mensageiro (aquele que tem na sua destra as sete estrelas). O intróito tem um estreito relacionamento com os problemas enfrentados pelos crentes daquela cidade: homens mentirosos diziam

ser apóstolos de Cristo e levavam a igreja a deixar para trás suas características de igreja (v. 4), colocando-a no rumo da perda da comunhão com Cristo. Ou seja, estava prestes a deixar de ser uma autêntica igreja, estava prestes a ser tirada de entre os castiçais (v.5).

A igreja de Éfeso tinha as seguintes características elogiáveis pelo Senhor:

- a) Era uma igreja empreendedora, ativa no serviço do Senhor, que trabalhava incansavelmente pelo nome de Cristo.
- b) Não tinha tolerância para com os maus, não lhes dava espaço.
- c) Sabia discernir entre os bons e os maus líderes, testando-os a partir da palavra que proferiam.
- d) Passava por sofrimentos mas sabia ser paciente.

e) Não era condescendente com as doutrinas heréticas. Não há como se ter certeza de quem seriam os nicolaítas. Irineu, um dos pais da igreja, afirmava que Nicolau de Antioquia, um dos sete diáconos, havia decaído da fé e abraçado erros religiosos impuros. Presumivelmente eram chamados de nicolaítas aqueles que tinham o mesmo comportamento de Nicolau.

Apesar de ser uma igreja com tantas características elogiáveis, sofreu uma repreensão muito séria da parte do Senhor, seguida de um alerta seríssimo: A igreja havia

abandonado o seu primeiro amor. Uma igreja inicialmente cheia de amor (Atos 20.36 e ss.), havia permitido que houvesse um processo de formação de um vácuo espiritual em seu interior. O amor é a mola mestra de uma vida espiritual sadia, eficiente para Deus, e uma igreja que gradativamente se esvaziava de amor (deixara a plenitude do amor), estava fadada a deixar de ser igreja, a se tornar apenas uma comunidade religiosa, sem o amor a Deus acima de tudo e a comunhão entre irmãos. Não se havia esvaziado de tudo porque ainda produzia obras e tinha características que foram elogiadas pelo Senhor, mas estava a caminho da “faléncia” como igreja. O alerta é simples e objetivo: “Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras”. Podemos compreender que o Senhor queria dizer que as obras que a igreja estava praticando eram muito boas, mas não eram como as primeiras. E ela precisava retomar a sua força, o seu amor inicial para continuar sobrevivendo.

Finalmente, o Senhor Jesus lembra do prêmio que espera seus servos que compõem suas igrejas: **a vida eterna no paraíso de Deus** (v. 7). O acesso à árvore da vida foi impedido aos homens no princípio (Gên 3.22-24). Mas, através da fé em Jesus Cristo, este caminho foi aberto novamente e a alguns foi novamente permitido comer do fruto da árvore da vida.

nosa de Satanás aconteceu no sacrifício de Jesus. Ali foi iniciado o que se convencionou chamar “milênio”.

Mas, quando nos referimos ao tempo do aprisionamento de Satanás, falamos tanto do momento da sua prisão, quanto do período em que fica impedido de enganar. Quanto tempo Satanás ficaria preso? O texto diz que ele ficará preso por mil anos e depois será solto por um pouco de tempo (v. 3 e 7). Já dissemos que mil anos significa um período de tempo longo, porém determinado. Isto quer dizer que Satanás foi impedido de enganar por um longo tempo, mas quanto estiver próximo o fim, ele será solto e sairá pelo mundo, agindo intensamente no sentido de enganar a humanidade reunindo forças para a batalha final contra a Palavra de Deus (v. 7-9; Apoc. 16.13,14; 19.19).

O REINADO DOS SERVOS DE CRISTO - v. 4-6

Na mesma visão do impedimento de Satanás de enganar as nações, o apóstolo João vê uma cena de vitória que envolve os servos de Cristo:

I. Eram reinantes com Cristo -A visão tem muito a ver com a realidade terrena vivida pelos crentes em Cristo, anunciada por ele antes da sua morte, a opressão e o ódio do mundo (João 15:18-20). É uma visão de ânimo que aponta para uma reversão de situação: de oprimidos a reinantes.

2. Receberam poder para julgar o mundo. Sentar-se sobre trono representa de poder. Na visão é apresentada a realidade de que os crentes têm de julgar o mundo (1Cr 6.2,3). Não é um julgamento segundo conceitos pessoais, mas um julgamento pelas atitudes de crença inabalável em Jesus Cristo, de resistência à besta. O posicionamento fiel ao lado da Palavra de Deus julga o mundo que a abandonou para se deixar dominar pela besta.

3. Eram pessoas ressuscitadas. Há os que interpretam este texto como sendo referente a uma ressurreição futura de indivíduos que virão ao mundo e reinarão literalmente com Cristo, aqui no mundo, por mil anos. Chegam a dizer que Jesus se assentará, literalmente, em um trono em Jerusalém, de onde estará governando o mundo. É um engano porque não existe texto bíblico que dê base para essa idéia e, como já vimos, a visão é uma figura, como todo o Apocalipse. A dificuldade maior gira em torno das expressões “**viveram** e **reinaram com Cristo...**”, “Os outros mortos **não reviveram**, e “esta é a **primeira ressurreição**”. Quem são os ressurretos e quem são os não ressurretos?

O texto nos diz que os ressurretos são os que têm parte na primeira ressurreição e que estes são aqueles sobre os quais a segunda morte não tem nenhum poder (v. 6). Ou seja, são todos os crentes em Jesus Cristo, porque estes têm a garantia de vida

lacre feito por alguém que detém autoridade; e que **mil anos** significa um período longo porém definido. Satanás foi, então, impedido de agir, imobilizado, sendo lançado em isolamento, por autoridade divina, por um período longo, porém com um limite de tempo determinado.

4. A finalidade da prisão de Satanás. Este é um ponto chave para a compreensão dessa visão. Quem tem uma visão animista (palavra derivada de *animus* que significa *espírito* e que define comportamento religioso de quem crê em espíritos maus interferindo em todas as ações do homem e na natureza), pensa que Satanás foi impedido de fazer mal ao homem, de prejudicá-lo fisicamente, de opri-mir a humanidade. Por isso crê em um período de muita paz e prosperidade material. No entanto, como já vimos antes, a intensa atividade de Satanás é no sentido de fazer com que o homem não creia na Palavra de Deus; é enganar o homem para que se afaste cada vez mais da Verdade. E a visão aponta exatamente o impedimento de Satanás para que não possa mais exercer a sua principal atividade: **enganar** as nações. Lançado no vazio, ele enganaria a quem? Como impediria a Palavra de Deus de ser propagada e crida pelos homens? Como “torceria” os mandamentos e a promessas divinas?

5. O tempo da prisão de Satanás. Essa é outra questão fundamental

para compreendermos a visão. Há os que crêem que a prisão acontecerá no futuro, em um período em que Cristo voltará temporariamente à terra e estabelecerá um reino terreno por um período de mil anos.

Já dissemos no início desse estudo que esta visão não é futurista, porém retroativa, como se fosse uma “reportagem” especial enfocando somente o processo de derrota de Satanás. Precisamos voltar às palavras de Jesus para compreendermos quando Satanás foi anulado na sua ação de enganar as nações quanto à Palavra de Deus. Em João 12:31 lemos a seguinte declaração de Jesus alguns dias antes da sua crucificação: “*Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu princípio será expulso.*” Jesus está falando do mesmo assunto da visão de João no Apocalipse, a expulsão de Satanás, e que não está colocando o fato em um tempo longínquo ao seu sacrifício, porém naquele momento da sua morte e ressurreição.

Satanás foi impedido de enganar as nações no momento em que a Verdade triunfou publicamente, no sacrifício e ressurreição daquele que fora prometido por Deus como o Salvador. A morte e ressurreição de Jesus tornou-se um fato histórico e a crença em Jesus Cristo, personificação da Palavra de Deus, passou a depender somente do homem, que só deixa de crer pelo seu próprio endurecimento de coração (João 3.18-21). A anulação da obra enga-

A IGREJA DE ESMIRNA

v. 8-11

Esmirna era uma cidade concorrente com Éfeso tanto no aspecto comercial, quanto no religioso. Era a localização de um templo dedicado a Tibérios (antigo imperador romano) e guardava o culto a Roma desde 195 a.C. A igreja passava por dois tipos de dificuldades, que eram muito difíceis de serem suportadas:

1. Dificuldades de ordem física. A igreja era muito pobre, conforme diz o texto, pobreza proveniente das perseguições do governo romano que, sob a liderança maligna de Domiciano, confiscava os bens dos cristãos por se recusarem a adorá-lo. Os crentes passavam, também, por terríveis sofrimentos físicos que eram impingidos pelo império romano. Como exemplo, podemos citar que a cidade de Esmirna ficou famosa na história do cristianismo, por causa de Policarpo, Bispo de Esmirna, que foi queimado vivo em 156 d.C.

2. Dificuldades de ordem religiosa. Outro problema que assolava igreja era a blasfêmia contra Deus, provocada pelos judeus que perseguiam os cristãos. Eram pessoas que pertenciam ao povo de Deus por nascimento mas não pertenciam no coração. Por isso o Senhor Jesus diz que se diziam judeus, mas não o eram. Eram, na realidade, sinagoga

de Satanás, ou seja, não eram povo de Deus, porém de Satanás.

Há um elogio implícito nas palavras que o Senhor Jesus dirige àquela igreja, quando, após afirmar conhecer a sua pobreza, faz a observação de que, no entanto, ela era rica. O elogio seria o reconhecimento de que o sentimento de prosperidade daquela igreja não estava vinculada aos bens materiais, mas ao que era espiritual.

Diante da riqueza espiritual daquela igreja e da proximidade de grandes tribulações, o Senhor Jesus envia-lhe palavras de conforto, de encorajamento, alertando-a para um período de tempo ruim que viria sobre ela. Não seria um período longo, porém um período curto (indicação representada pela expressão “tribulação de dez dias”) Durante aquele período alguns seriam lançados em cárceres, como resultado de ações humanas, influenciadas pelo próprio diabo. As palavras de conforto são: “não temas”; “sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida”; e “o que vencer não receberá o dano da segunda morte”.

Para que compreendamos estas expressões de alento e incentivo à perseverança, precisamos analisá-las à luz das tribulações que produziam aflições àquela igreja: tentativas de obrigá-la a praticar a idolatria e opressão religiosa por parte dos judeus. O sofrimento que pairava sobre a igreja era uma luta espiritual que a pressionava a

apostatar da sua fé. Para ser vitoriosa, a igreja deveria se lembrar sempre de que valia a pena ser fiel a Cristo, não se curvando à idolatria ou ao judaísmo, às falsas religiosidades. O Senhor Jesus dá a possibilidade dessa lembrança, chamando a atenção para o fato de que vale a pena ser fiel neste mundo, uma vez que adiante, na eternidade, nos esperam a coroa da vida e a isenção do dano da segunda morte, que é o sofrimento eterno.

Alguns utilizam a expressão de Cristo, encontrada no versículo 10, para afirmar que o crente perde a vida eterna se não for fiel até a sua morte. Mas não é isto que o texto diz. A expressão “até à morte” poderia ser traduzida por “mesmo que tenhas de morrer”; e Cristo não está prometendo a vida, porém algo além da vida.

O que é muito importante para nós nesta carta, é que a igreja de Esmirna enfrentou com tanta fidelidade as tribulações, que a igreja apesar de ser muito pobre materialmente, a sua fidelidade a tornou tão rica espiritualmente que não passou por qualquer repreensão por parte do Senhor Jesus.

CONCLUSÃO

No estudo destas duas cartas podemos observar que o Senhor Jesus sempre vê as realidades de suas igrejas; que ele se alegra quando trabalham pelo seu nome,

quando têm paciência nas tribulações, quando, ao contrário do que muitos pensam e ensinam (há uma idéia predominando no meio evangélico de que os crentes não devem “julgá” os que surgem pregando falsos evangelhos), coloca à prova os falsos profetas e os doutrinadores que ensinam falsidades religiosas. Se alegra quando uma igreja não busca a riqueza material, mas enriquece espiritualmente, firmando-se nos ensinamentos de Cristo, colocando a sua esperança maior no que é eterno, ao invés de colocar seus objetivos no que é temporal, passageiro.

Podemos observar, também, que o Senhor se preocupa em confortar suas igrejas, e que este conforto está na lembrança de um futuro na eternidade, onde não existirão tribulações; que ele deseja que suas igrejas vivam sempre o primeiro amor, os momentos iniciais da vida cristã, quando a salvação, a liberação do pecado, estão tão presentes e patentes nos corações dos crentes em Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda** - Atos 19:1-20
- Terça** - Atos 20:17-38
- Quarta** - 1 João 4:1-6
- Quinta** - 1 João 3: 1-18
- Sexta** - 1 João 4:7-21
- Sábado** - 1 João 5:1-13

23

O MILÊNIO

Apocalipse 20

Até a visão anterior o apóstolo João vislumbrou a queda fragorosa dos que se levantaram contra a Palavra de Deus e a condenação ao sofrimento eterno da besta, do falso profeta e dos seus seguidores. Agora segue uma visão que dá ênfase a um fato e não a um tempo. Não é uma visão sucessiva, que esteja numa sequência cronológica, que dê base a conjecturas a respeito de um reinado milenar de Cristo na terra, mas é uma visão que retorna no tempo e mostra o processo de derrota de Satanás a partir da vitória de Jesus Cristo na cruz.

SATANÁS É PRESO - v. 1-3

A visão tem início com a prisão do dragão, que é identificado com Satanás, que por sua vez é identificado com a antiga serpente, e faz com que pensemos seriamente a respeito de algumas questões básicas para que possamos compreender a mensagem que representa:
1. Quem foi preso. Satanás foi preso, seria a resposta imediata. É claro que foi. Mas observe-se que ele é identificado com a antiga serpente, que enganou o homem,

levando-o a desacreditar no que Deus lhe disse a respeito do fruto do conhecimento do bem e do mal. Isto significa que a visão é **da prisão daquele que desde o início se colocou como opositor à Palavra de Deus** (Gên. 2.16,17; 3.4).

b) Quem prendeu. Não aparece o Senhor Jesus Cristo prendendo Satanás, mas um anjo, um mensageiro de Deus.

c) Como prendeu? A visão é simbólica. Como outras visões do Apocalipse, aqui encontramos símbolos que revelam realidades. Precisa ser visto assim, sob risco de considerarmos visões anteriores como sendo literais. É o caso dos 144.000 salvos (7.4-8), do rio de sangue na vindima (14.20) e outras visões. Sendo assim, deve ser compreendido que a **chave** e a **corrente** não são literais mas significam instrumentos que fecham e prendem hermeticamente, impedindo ação; que **abismo** (no grego *abussos*, que significa *profundidade ilimitada, imensurável*) é um grande vazio, onde não há ninguém (ver Lucas 8.31); que **selo** simboliza um

que se chama a Palavra de Deus. A luta milenar de Satanás contra a Palavra de Deus, iniciada lá no Éden, quando ele colocou em dúvida a palavra que Deus empenhou a Adão, afirmando que se comesse do fruto do conhecimento do bem e do mal morreria (Gên. 2:17 e 3:4), continuada com a perseguição aos profetas de Deus, quando tentou matar o Verbo que se fez carne (Apoc. 12:1-4), com o estabelecimento da besta e do falso profeta, estava concluída com a vitória da Palavra de Deus.

Todos os que duvidaram dela, seja pelo engano de Satanás, através da besta e do falso profeta; seja por soberba e desejo de usurpar o poder de Deus; todos os que fizeram parte dos exércitos satânicos contra a Palavra de Deus foram mortos.

CONCLUINDO

Por algum motivo, a luta de Satanás contra Deus se concentrou na coroa da criação divina, o homem, e teve como fator principal a palavra. Sendo o pai da mentira (João 8:44), o diabo reuniu suas forças e artimanhas no propósito de fazer com que o homem duvidasse sempre daquele que é verdadeiro e que não pode, de maneira nenhuma, proferir mentira.

O Filho de Deus, veio ao mundo como manifestação da Palavra do Pai e, por isso, Satanás também lutou contra ele, procurando por to-

dos os meios, fazer com que Jesus não cumprisse o seu objetivo sacrificial e fazer com que as pessoas não cressem na sua promessa de vida eterna e nos seus ensinamentos. Não conseguiu seu intento com Cristo, mas conseguiu com multidões incontáveis de seres humanos.

Na sua arrancada final contra Deus e o Cordeiro, procurará enganar cada vez mais pessoas, levando-as a se voltar contra o Senhor, mas perderá a batalha, porque será derrotado por aquele que manifesta a Palavra de Deus, que levará à vitória juntamente com ele todos aqueles que não se deixaram enganar e permaneceram fiéis ao Cordeiro, crendo nos seus ensinamentos e promessas.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Êxodo 15:1-18* - Moisés canta a salvação que vem de Deus (v. 2).

Terça - *Salmo 3* - O salmista declara que a salvação vem de Deus (v. 8).

Quarta - *Salmo 45* - O trono de Deus é para sempre (v. 6)

Quinta - *Mateus 22:1-14* - A parábola das bodas

Sexta - *Mateus 25:1-13* - A parábola das dez virgens

Sábado - *João 15:13-19*. Jesus deu a Palavra de Deus aos seus servos e deseja a santificação deles através dela.

5

AS CARTAS ÀS IGREJAS - II

Apocalipse 2:12-29

A IGREJA DE PÉRGAMO

v. 12-17

Pérgamo era uma cidade de grande importância religiosa, tanto para os romanos quanto para os gregos. Nela existiam templos dedicados a Roma, a Augusto (imperador romano) e aos deuses gregos Zeus, Atena, Dionísio e Esculápio (deus da cura que atraía multidões de pessoas de lugares longínquos, desejosas de serem curadas). Talvez por causa dessa confluência idolátrica, é que o Senhor Jesus denomina aquele lugar como “trono de Satanás”.

Na introdução à carta, o Senhor Jesus se apresenta como **aquele que tem a espada aguda de dois fios**, ou seja, aquele que tem a Palavra de Deus. A apresentação do Senhor tem muita importância para o conteúdo da carta, porquanto os erros apontados naquela igreja são exatamente no que é concernente à Palavra, porquanto eram toleradas no seio da congregação pessoas

que seguiam doutrinas falsas (v. 14 e 15). É importante, também, porque no alerta ao arrependimento que é dirigido à igreja, está o aviso de que não havendo arrependimento, o próprio Senhor batalharia contra eles com a espada da sua boca. Ou seja, com a sua Palavra.

1. As características da igreja elogiadas por Jesus. Tal qual nas cartas anteriores, o Senhor Jesus tece elogios à igreja de Pérgamo. São eles:

a) Guardava o nome de Cristo, apesar de estar fundamentada em um lugar terrivelmente dominado por Satanás (dito pelo Senhor Jesus que era o lugar onde estava o trono de Satanás - v. 13).

b) Não negara a fé de Cristo, mesmo tendo presenciado e sofrido o martírio de um fiel pregador do evangelho que fora morto por causa da perseguição religiosa (v. 13).

2. As características repreensíveis por Jesus. Apesar dessa fidelidade elogiável, o Senhor Jesus tinha algumas coisas (ele próprio declara

que são poucas) contra aquela sua igreja: *tinha em seu seio seguidores de doutrinas estranhas à verdadeira fé cristã*. Primeiramente faz referência aos seguidores da doutrina de Balaão e depois aos seguidores da doutrina dos nicolaitas, demonstrando que naquela igreja falsas doutrinas estavam proliferando.

Quanto à doutrina dos nicolaitas, já fizemos referência no estudo anterior e podemos acrescentar somente que, enquanto a igreja de Éfeso foi elogiada por não suportar as obras dos nicolaitas, a de Pérgamo foi admoestada por tolerar seus seguidores. Para compreensão do significado da admoestação é necessário retornar ao Velho Testamento, livro de Números, capítulos 22 a 24 e ler a respeito do profeta Balaão que se colocou a serviço de Balaque, rei dos moabitas, apesar de ter o privilégio de poder falar com Deus. Um profeta que ensinava um homem idólatra a levar, também, o povo de Deus a praticar a idolatria. A idéia aqui é a de pessoas que se diziam bem relacionadas com Deus, levando o povo a se prostituir, a ser infiel a Deus, vivendo fora dos seus princípios, praticando a adoração a ídolos.

3. O alerta de Jesus. É taxativo. A igreja é condenada ao **arrependimento** por tolerar em seu interior seguidores de doutrinas heréticas. Não havendo o arrependimento,

as consequências seriam a presença do Senhor Jesus como guerreiro, batalhando com a sua Palavra contra os falsos mestres e seus seguidores (v. 16). É oportuno notarmos que Jesus nunca conclamou seus servos a uma luta física, nem prometeu lutas físicas pelo evangelho, porém sempre lutou e prometeu lutar com a sua Palavra.

4. A recompensa prometida aos fiéis. Ao alerta segue a promessa. É lembrado que os vitoriosos têm um prêmio **na eternidade**. Comer o maná escondido representa ter o sustento divino; ser sustentado eternamente. Receber uma pedra branca, com um novo nome escrito e conhecido apenas de quem recebe, é uma figura mais difícil de interpretar. Ray Summers, em sua obra *A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro*, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, em 1980, diz: “Pérgamo ocupava-se da mineração de pedras brancas, comerciando com elas. Uma pedra branca, trazendo nela um nome escrito, tinha vários empregos. É possível que a referência aqui seja a um dos quatro usos seguintes: 1) Conferia-se a pedra branca a um homem que sofrera processo e fora absolvido. Levava, então, consigo a pedra para provar que não cometera o crime que se lhe imputara. 2) Era também concedida ao escravo liberto e que agora se tornara cidadão da província. Levava a pedra para provar sua cidadania. 3) Era confe-

Cordeiro. Após a ordem de escrever a bem-aventurança, segue uma declaração do motivo da bem-aventurança: “Estas são as verdadeiras palavras de Deus”. Quem deu a ordem a João definiu resumindo o que sejam as palavras de Deus: **a salvação**. Isto é o que significa estar presente às bodas do Cordeiro (Mat. 22:1-14; Mat. 25:1-13). Qualquer outra palavra que seja ensinada religiosamente, que não aponte para a salvação como pertencente a Deus e como sendo uma dádiva sua através do seu Cordeiro, seu Filho Jesus Cristo, é falsa. Porque a verdadeira Palavra de Deus ensina e convoca para o homem estar presente às bodas do Cordeiro.

Esta é, também, a afirmativa do anjo quando da tentativa de João em adorá-lo: o testemunho de Jesus é o sentido da profecia. Toda a profecia de Deus, toda a Escritura, é como um vento que sopra na direção de Jesus Cristo, o Salvador (João 5:39).

A VITÓRIA DA PALAVRA DE DEUS - v. 11-21

Seguidamente à visão dos louvores celestiais, o apóstolo João vê o céu aberto e, dominando a cena, um vencedor, montado sobre um cavalo branco, que é juiz e guerreiro, que tem olhos penetrantes para o juízo (como chama de fogo) e majestade infinita (muitas coroas sobre a cabeça). Tinha um nome escrito de alguma maneira secreta

que João não pôde identificar, mas de alguma maneira ficara sabendo que se chama Fiel, Verdadeiro e Palavra de Deus. No seu manto e na sua coxa tinha escrito o nome Rei dos reis e Senhor dos senhores. Suas vestes eram salpicadas de sangue, porque ele é o que pisa o lagar da ira de Deus (14:19,20), e era seguido por um exército de santos, purificados pelo seu sangue. Da sua boca saía a sua arma de ataque, com a qual ferirá as nações: uma aguda espada, a sua Palavra.

Um mensageiro celestial, ocupando posição de grande destaque, posicionado na luz, conclama as aves de rapina a se ajuntarem para se deliciarem com os restos mortais da grande batalha que fora preparada por Satanás, pela besta e pelo falso profeta (16:13,14). Restos mortais de todos os que pertencem aos exércitos de Satanás (v. 18). Ato contínuo João vê a besta e os poderosos da terra reunidos para fazerem guerra ao que estava assentado sobre o seu cavalo e ao seu exército.

Diferentemente do que muitos pensam e ensinam a respeito da grande batalha do Armagedon, não foi uma batalha demorada, militar, com armamentos bélicos sofisticados. Foi uma batalha rápida, em que a besta e o falso profeta foram presos e lançados vivos no sofrimento eterno e os demais foram mortos pela palavra do que estava assentado sobre o cavalo (v. 21) e

nunca abriu mão dessas quatro prerrogativas, avocadas pela grande prostituta para si própria, e que nunca seriam tomadas dele por artifícios religiosos ou por lutas frontais do seu arqui-inimigo e seus asseclas. Ele, continuando eternamente de posse dos seus atributos divinos, julgou aquela que havia corrompido a humanidade com sua falsa religiosidade e vingou o sangue que ela derramara dos seus servos.

É muito importante observarmos que no grito de vitória celestial, são referidas as prerrogativas que a grande prostituta evoca para si: salvação, glória, honra e poder. No entanto, a sua salvação, sua glória, sua honra e seu poder sucumbiram sob o juízo divino.

2. Louvor pelo reinado sempre presente de Deus - v. 5,6. Logo após o grito de glorificação a Deus, há uma conclave, vinda do trono de Deus, para que ele seja louvado por todos os seus servos. O louvor é ouvido pelo apóstolo como um grito de uma grande multidão que exalta o reinado sempre presente do Senhor Deus Todo-Poderoso. Este louvor a Deus, com tamanho entusiasmo, não é porque Deus passou a reinar, mas porque Deus nunca deixou de reinar. É um grito de louvor que provém daqueles que nunca se curvaram ao senhorio de Satanás, que se alegram porque Deus

manifesta sempre a sua majestade e glória.

3. A glorificação da igreja fiel de Jesus Cristo - v. 7,8. As igrejas de Cristo foram conclamadas a permanecerem fiéis a ele, aos seus ensinamentos, à Palavra de Deus (Apoc. 2,3). As que procuraram essa fidelidade sofreram perseguições, a ira das nações, o desprezo, pela liderança da besta e da grande Babilônia. Enquanto esta se glorificava e enriquecia assentada sobre a besta, as igrejas fiéis a Jesus Cristo padeciam aflições por causa da malignidade do mundo. Mas, agora, a situação se inverte. No final do tempos, o juízo de Deus prevalecerá e as igrejas fiéis, que se preparam para as bodas seriam glorificadas no encontro com o Cordeiro. As igrejas fiéis não estariam passando por momentos limitados de glória, mas estariam para sempre com o esposo, com o Cordeiro que lhes dera a vida eterna, que lhes purificara as vestes, justificando-as com o seu sangue derramado na cruz (7:14).

BEM-AVENTURANÇA PARA OS QUE SÃO CONVOCADOS ÀS BODAS DO CORDEIRO - v. 9

Depois da visão de toda essa alegria nos céus, o apóstolo João recebe outra ordem de escrever uma declaração de bem-aventurança e, desta feita, para aqueles que são chamados à ceia das bodas do

rida, ainda, ao vencedor de corridas, ou de lutas, como prova de haver vencido seu opositor. 4) Também se conferia ao guerreiro, quando de volta da batalha e da vitória sobre o inimigo. É evidente a aplicação de um, ou de todos estes usos. (...) A promessa deve referir-se a um deles, e era coisa que os cristãos de Pérgamo compreenderiam muito bem." (p. 116,117) De qualquer forma, era a promessa de um prêmio àquele que vencesse, permanecendo firme, não se deixando levar por falsas doutrinas.

A IGREJA DE TIATIRA - v. 18-29

A cidade onde estava a igreja de Tiatira era localizada em uma pequena cidade, ligada a Pérgamo por uma boa estrada e era um notável centro comercial. Por isso havia grande movimentação de pessoas entre uma cidade e outra e, naturalmente, uma influência muito grande do mal religioso que assolava a cidade vizinha.

1. A apresentação de Jesus (v. 18). Se apresenta como **divino** (o Filho de Deus), **onisciente** (olhos penetrantes), **todo-poderoso** (pés fortes, como de latão reluzente). Apresentação bastante oportuna a uma igreja que estava sendo levada a adorar deuses falsos, que era enganada por uma falsa profetisa. Como todo-poderoso manifestava o seu poder para vencer a falsa profetisa e todos os seus seguidores (filhos) e, também, para conceder poder aos seus servos fiéis.

2. As características elogiáveis. Era uma igreja que mantinha qualidades elogiáveis pelo Senhor Jesus. Era uma igreja:

a) Amorosa. Seu amor era conhecido por Jesus. Isto significava que era um amor verdadeiro, segundo os padrões divinos (ver 1Cor. 13:4-8).

b) Prestativa. Jesus conhecia o serviço daquela igreja. A exteriorização do amor e da humildade era manifestado em ações voltadas para os irmãos e para Deus.

c) Confidente em Deus. Era uma igreja que tinha fé, que fundamentava a sua esperança nas promessas divinas.

d) Paciente. Em meio a tantas tribulações e idolatria, a igreja permanecia pacientemente esperando no Senhor Jesus. Havia nela um círculo espiritual perfeito, porque a tribulação produzia a paciência, a paciência produzia a experiência do serviço a Deus e aos semelhantes; a experiência produzia a fé e a fé fazia com que a igreja experimentasse o amor de Cristo (ver Rom. 5:1-5).

e) Progredia espiritualmente. As obras, os serviços eram mais abundantes que inicialmente, quando a igreja fora estabelecida. O progresso espiritual era manifestado no crescimento do serviço.

3. As características repreensíveis. (v. 20,21). Apesar de ser uma igreja com tantas características elogiáveis, o Senhor Jesus declara que tem coisas contra ela. Na igreja vizinha de Pérgamo havia dois grupos de

hereges mas o Senhor declarou que tinha poucas coisas contra ela. Existia apenas uma falsa profetisa e seguidores somente seus, mas o Senhor parece pesar mais na sua repreensão. Creio que o peso está no fato de a igreja **telerar** a falsa profetisa. Uma mulher que estava **no seio da igreja** e que ensinava o abandono, a traição a Deus e a prática de religiosidades completamente fora dos padrões divinos. Alguns interpretam a prostituição de Jezabel de forma literal, como se ela ensinasse a degeneração moral no sentido sexual no seio da igreja. Pode até ser que ensinasse assim também. Mas devemos lembrar que no Velho Testamento, sempre que o povo se deixava levar pela idolatria buscando outros deuses, era comparado por Deus com uma prostituta (ver Ezeq. 16 e o livro de Oséias). O problema de Tiatira era que, talvez pelo seu amor tão grande, não sabia rejeitar pessoa tão diabólica em seu seio.

4. O alerta de Jesus (v. 21-23). Vem como algo definido e não como uma possibilidade. Ele dera tempo à falsa profetisa para que se arrependesse. Como não o fez, já estava decretado por ele que, sobre ela e seus seguidores viria grande tribulação, grandes sofrimentos (ela estaria sobre uma cama - enfermidade -, seus seguidores seriam feridos de morte). Seus sofrimentos seriam consequência de suas atitudes contra a Palavra de Deus (v. 23).

6. A recompensa prometida aos fiéis (v. 24-29). Jesus faz promessas aos que não se deixaram seduzir pela falsa profetiza, que não se deixaram levar por sua doutrina satânica, apenas alertando-os para que guardassem o que era dele (as suas obras) até o fim e prometeu-lhes:

- a) *Não receberiam nenhum peso religioso.* O fardo de Jesus Cristo é leve e seu jugo é suave (Mat. 11:30). Fardos religiosos pesados não vêm de Cristo.
- b) *Receberiam poder sobre as nações.* Eram crentes oprimidos pelos que rejeitavam Deus. Um dia a situação seria revertida e os crentes estariam acima das pessoas que rejeitaram a Cristo (ver. Mat. 19:28; Apoc. 20:4), vendo-as despedaçadas em sua soberba, reduzidas a pó.
- c) *Receberiam a estrela da manhã.* Mesmo depois de dias tão tenebrosos a luz perfeita raiaria juntamente com Ele próprio, que é a resplandecente estrela da manhã (Apoc. 22:16).

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Números 22-25:1**
- Terça - Romanos 2:1-11**
- Quarta - João 5:16-27**
- Quinta - João 5:28-47**
- Sexta - Ezequiel 16**
- Sábado - I Cor. 13:1-8**

22

A VITÓRIA FINAL DA PALAVRA DE DEUS

Apocalipse 19

Depois de ter sido revelado ao apóstolo João a grande derrota que estava destinada à grande prostituta, chamada de a grande Babilônia, que se arvorava rainha, que enriquecera com a sua prostituição religiosa, que perseguira e matara servos fiéis de Jesus Cristo, que dominara o mundo através de uma mistura de política e religião, ele passa a ter uma visão da imensa alegria nos céus tanto pela derrota daquela que se prostituía, deixando a fidelidade ao Senhor e servindo a Satanás (v. 2,3), quanto pela manifestação do poder de Deus como o Todo-Poderoso (v. 6), e, ao mesmo tempo, pela proximidade da glorificação da igreja fiel de Jesus Cristo, que não se deixou corromper pelos enganos da besta (v. 7).

O que está claro é que toda essa manifestação celestial de alegria tinha como razão a vitória de Cristo - chamado Fiel, Verdadeiro (v.11), e a Palavra de Deus (v. 13), e identificado como sendo o Rei dos reis e Senhor dos senhores (v.16) - sobre a besta, o falso profeta e todos

os poderosos que foram aliciados pelos mensageiros de Satanás, para lutarem contra o Cordeiro.

Nas visões da alegria celestial e da vitória de Cristo sobre a besta e o falso profeta, temos elementos de grande alegria não somente para os crentes da época em que o apóstolo recebeu a visão, mas para os crentes de todas as épocas e todos os tempos.

OS GRITOS DE VITÓRIA NO CÉU - v. 1-8

João, ainda conduzido em sua visão pelo anjo resplandecente que lhe anunciou a queda da grande Babilônia (18:1), ouve e vê imensos louvores a Deus que provêm do céu, daqueles que habitam na eternidade. Esses louvores, que são, na realidade grandes gritos de vitória, se manifestam por três motivos:

1. Reconhecimento de que a salvação, a glória, a honra e o poder pertencem somente a Deus - v. 1-3. A queda da grande Babilônia deixara bastante claro que o Senhor Deus

CONCLUINDO

Já pudemos perceber em estudos anteriores que a grande Babilônia é, na realidade, uma instituição que se afastou dos preceitos divinos, tendo já pertencido ao povo de Deus (daí ser comparada a uma cidade), mas que se prostituiu com a idolatria. Pudemos, também, observar, que essa chamada grande Babilônia, também identificada como “Mãe das Prostituições”, se dedicou a enganar os povos da terra, dominar seus governantes, exercendo um domínio universal, impondo o seu comércio, as suas abominações e a sua falsa religiosidade, chamada no Apocalipse de “feitiçarias”.

Neste texto que estudamos ficou bastante claro que não vale a pena se deixar levar pelas aparências da grande Babilônia, pelos seus enganos, pela sua oferta de dinheiro fácil, de riquezas, e isto porque tudo o que ela aparenta ser é falso e um dia será destruído. Toda a sua opulência será desbancada, todas as suas riquezas serão destruídas, todos os seus seguidores serão destruídos, sofrendo juntamente com ela as pragas que lhes estão reservadas por Deus.

Os que se enriquecerem com ela ficarão empobrecidos, os que se deixarem levar pelos seus enganos sentimentais, chorarão amargamente, os que admirarem a sua grandeza, ficarão de longe,

lembrando-se apenas de um passado que nunca mais voltará.

A mensagem que é deixada pela visão do tormento que é impingido à grande Babilônia, é uma mensagem de ânimo e uma conclamação à fidelidade à Palavra de Deus, a todos os servos de Jesus Cristo, porque estes, sim, permanecerão para sempre, se estenderão além da grande Babilônia, se alegrarão sobre as suas cinzas. Os que permanecerem fiéis viverão para sempre sob a luz do próprio Deus que já tem julgado a nossa causa aqui neste mundo.

É uma mensagem de conlamação a uma vida contrária à da grande Babilônia. Uma vida de sinceridade para com Deus, de humildade, de alegria verdadeira, não motivada por aparências que um dia se desfarão, mas motivada pela certeza de que continuaremos a viver eternamente. É uma mensagem de valorização maior ao que é espiritual, deixando para trás o amor às riquezas e às delícias que são passageiras.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Mateus 6.19-24**
- Terça - Mateus 6. 25-34**
- Quarta - Romanos 8.1-17**
- Quinta - Romanos 8.31-39**
- Sexta - Isaías 13.1-21**
- Sábado - Lucas 11.45-51**

6

AS CARTAS ÀS IGREJAS - III

Apocalipse 3:1-6

ALOCALIZAÇÃO DA IGREJA

Sardes era uma cidade esplendorosa, cheia de luxo e riquezas. outrora havia sido morada de reis e era tão importante que, tendo sido quase totalmente destruída por um terremoto, foi reedificada com subsídios do império romano no tempo de Tibério. Era um importante centro comercial e industrial da época. Distava cerca de 50 quilômetros ao sul de Tiatira e era servida por cinco estradas romanas. Apesar de não possuir um templo de adoração ao imperador romano, possuía outros templos pagãos, sendo o mais importante o de Cibele. Era uma cidade que, pela importância econômica, pela freqüência de pessoas de Roma e de outras cidades pagãs, pelo luxo e riqueza, vivia distanciada de Deus e mergulhada no paganismo.

A APRESENTAÇÃO DO SENHOR JESUS.

Neste estudo continuaremos analisando as cartas do Senhor Jesus, **focalizando a que foi dirigida a Sardes.**

Ele se apresenta como sendo o que tem o Espírito de Deus e como sendo o próprio Senhor das igrejas.

Ou seja, mostra que o Espírito Santo é o seu Espírito e que os seus mensageiros nas igrejas, figurados inicialmente como estrelas (1:20), pertencem a ele. Se perten-cem a ele, significa que não são os senhores das igrejas, porém ele próprio, Jesus, é Senhor delas.

Como já enfatizamos anteriormente, as apresentações iniciais sempre têm relação direta com os problemas das igrejas e esta não é diferente. Há uma advertência de Jesus para que a igreja se lembre do que tem recebido (v.3) do próprio Senhor, através do seu Espírito. É Jesus, também, quem afirma que tem o poder para dar e garantir a salvação (v. 5) a quem quiser, colocando e não riscando seus nomes do livro da vida. Não são homens que se apoderam das igrejas que concedem a salvação, cobrando das igrejas obediência a padrões inventados por ele próprios, mas o próprio Senhor Jesus que requer um padrão de vida digna porquanto tem o poder sobre as suas igrejas.

AS CARACTERÍSTICAS REPROVÁVEIS POR JESUS

Jesus não aponta sequer uma característica louvável sequer naquela igreja Era uma igreja com características e comportamentos diametralmente opostos à igreja de Smirna. Aquela era uma igreja pobre, porém enriquecida espiritualmente, sem qualquer caracte-

rística reprovável pelo Senhor Jesus. Esta, a de Sardes, uma igreja aparentemente viva, talvez esplendorosa como a cidade em que estava plantada, não tinha qualquer característica louvável, porém somente reprováveis. Sob a ótica de Jesus era uma igreja que apresentava os seguintes aspectos:

1. Era uma igreja morta. Diante de olhos humanos parecia viva; porém aos olhos de Cristo, o que tem o Espírito de Deus, o que vê todas as coisas, o que não olha somente a aparência, mas olha os corações, era uma igreja morta. Não tinha a vida concedida pelo Espírito Santo de Deus.

2. Era uma igreja com obras imperfeitas. Talvez perfeitíssimas para com seus membros ou para com a sociedade, mas não eram para com Deus. Uma igreja que trabalhava, mas que trabalhava para si própria, para outras pessoas que não o Senhor Jesus Cristo. Que trabalhava em vão, porque não trabalhava perfeitamente para Deus.

O ALERTA DE JESUS

A igreja, diante da sua situação espiritual tão miserável, precisava assumir atitudes que mudassem o seu rumo. Este era terrível. Se continuasse naquela situação, o próprio Senhor Jesus viria sobre a sua igreja, como o Todo-Poderoso, como o Senhor da igreja e lhe cobraria os seus atos. Viria

viveram para as riquezas e se deliciaram em ajuntar tesouros terrenos, vivendo conforme o desejo de suas almas (v. 14,15). Mas, com a reversão da situação, com o juízo de Deus sendo manifestado à grande Babilônia, estes ficaram, também, em situação de penúria, escondidos, temendo o seu tormento, com as suas riquezas desfeitas (v. 16). Ficaram a lamentar, olhando para o passado, esquecendo-se de que no presente a situação estava revertida, ainda tentando comparar a cidade, agora em escombros fumegantes, com outras. Lamentam profundamente porque não podem mais auferir riquezas (v. 18,19).

O TORMENTO DA GRANDE BABILÔNIA SUBSTITUIU AS MANIFESTAÇÕES DE ALEGRIA - v. 20-24

Na grande Babilônia, opulenta por sua riqueza e beleza, tudo era alegria. Seus músicos alegravam os seus seguidores, com seus belos instrumentos musicais e com suas vozes; seus artistas distraíam com a beleza de suas obras; suas festividades distraíam quanto às realidades da vida; seus mercadores tornavam-se cada vez mais poderosos; suas feitiçarias enganavam cada vez mais pessoas (v. 22,23). Mas, por trás disso tudo, estava a causa dos santos de Deus que eram mortos, tendo o sangue derramado por não se deixarem embriagar com seus encantos.

Nessa reversão de alegria para o tormento, vemos, também, uma reversão para os servos fiéis de Jesus Cristo, que permaneceram firmados na Palavra de Deus, não se deixando enganar, sendo perseguidos até à morte: são conclamados a se alegrarem sobre o tormento da grande Babilônia (v. 20)! Alegrarem-se porque a causa não foi perdida, tendo o próprio Deus a julgado. Alegrarem-se porque a grande Babilônia, sinônimo de sofrimento para os crentes em Cristo por causa da sua idolatria, das suas feitiçarias, da sua incredulidade, da sua maldade, foi lançada no abismo e nunca mais será achada, ficando desaparecida para sempre (v. 21). Alegrarem-se porque aquela que parecia imbatível, invencível, indestrutível, rainha de toda a humana-dade, agora estava derribada e perdida para sempre!

Os servos de Cristo não são conclamados a ter uma alegria passageira, momentânea, porém eterna, porque é anunciado pelo anjo que nunca mais se ouvirá os encantos sensitivos da grande Babilônia, nunca mais serão vistos os seus ídolos, nunca mais será vista a sua luminosidade, nunca mais haverá poderosos na terra, cujo poder está nas suas riquezas; nunca mais as feitiçarias da grande Babilônia enganarão as nações (v. 22,23), levando-as cada vez para mais longe de Deus. Nunca mais será derramado o sangue dos servos

propagou a prostituição religiosa, a idolatria, a imoralidade, ensinando uma vida segundo as inclinações humanas, levando a humanidade a um distanciamento dos princípios estabelecidos por Deus. A consequência foram pragas que vieram sobre ela, porque os seus pecados se acumularam de tal modo que Deus lhe retribuiu a sua iniqüidade.

3. O orgulho deu lugar ao pranto - v. 7. A grande Babilônia atraiu a humanidade com a sua soberba, glorificando-se a si própria, sentindo-se e declarando-se soberana (sentia-se como rainha), declarando-se esposa, quando na realidade era prostituta. A sua declaração “não sou viúva” manifesta a sua soberba em declarar, sutilmente, que a esposa verdadeira, fiéis igrejas de Jesus Cristo, não o era. Mas, apesar de apregoar uma felicidade totalmente isenta de pranto, o seu tormento veio e o pranto se tornou uma triste realidade.

4. O poder esvaziou-se, dando lugar à morte, à fome, à destruição pelo fogo - v. 8. De poderosa, de perseguidora, de agente da morte para com os fiéis de Cristo, a grande Babilônia experimentou, ela própria, a morte e morte terrível (“foi queimada no fogo”), o sofrimento, a fome. Esvaziou-se completamente do seu aparente poder, porque o Senhor Deus a julgou, manifestando a sua força acima do poder daquela que se prostituía confiando em si própria.

O TORMENTO DA GRANDE BABILONIA ATINGIRÁ TAMBÉM OS QUE VIVEREM SOB SUA INFLUÊNCIA E PODER - v. 9-19

Desde que se deixou levar pelo pecado, o homem adquiriu uma estranha característica: o de tentar fugir à responsabilidade da sua culpa, pensando poder lançá-lo sobre outro ser. No entanto, Deus atribuiu responsabilidade aos que se deixam enganar pelo maligno e todos os que se deixarem levar por ele e seus mandatários, sofrerão um dia (Mat. 25.41).

1. Os governantes que dela recebiam poder, ficarão de longe, pelo temor do seu tormento - v. 9,10. Os que pareciam poderosos por receberem do poder da grande Babilônia, que decidiam o destino próprio e de seus súditos, que viviam em delícias, sem parâmetros divinos, agora pranteiam e, temerosamente, ficam às escondidas, de longe, sem poderem mostrar os seus rostos. Desfrutavam do poder, agora desfrutam do pavor, dos sofrimentos.

2. Os mercadores que enriqueciam com o seu comércio, não mais terão o que vender - v. 11-19. Uma das características marcantes da grande Babilônia é o seu amor às riquezas, ao dinheiro. Isto é manifestado no seu comércio incessante, na sua agilidade em “fazer” dinheiro. Associados a ela, os amantes das riquezas, atraídos pelos seus tesouros

repentinamente, sem avisos. Viria como veio o senhor na parábola dos talentos (Mat. 25:14-30) e agiria como ele agiu com o servo negligente e mau (v. 28-30). Mas a igreja podia e precisava mudar sua situação, e para isso, precisava assumir três atitudes bastante definidas:

1. Ser vigilante. Sair do marasmo, do sono provocado pela aparência de vida, pela maquiagem que a igreja possuía. Sendo vigilante, precisava envidar esforços para confirmar na fé os que ainda permaneciam vivos, que ainda não haviam morrido (talvez por causa deles aquela igreja ainda fosse uma igreja de Cristo, ainda não tivesse sido tirada do seu castiçal). Precisava confirmar na fé os que ainda não haviam se contaminado com a religiosidade aparente, com a indolência, com o esplendor do mundo (v. 4).

2. Lembrar e guardar o que recebera e ouvira - v. 3. A igreja recebera vida do próprio Espírito Santo. É ele quem vivifica o crente em Cristo, é ele quem opera a regeneração no indivíduo. A igreja precisava lembrar-se de que tinha vida não por si própria, não por ter uma aparência de vida religiosa e espiritual, mas por ter o Espírito Santo atuando em seu seio. Precisava lembrar-se disso. Precisava lembrar-se, também, do que

ouvira. Os ensinamentos do Senhor Jesus, transmitidos pelos seus apóstolos, pelos seus mensageiros colocados por ele em suas igrejas. Quanta pregação, quantos ensinamentos estavam esquecidos por aquela igreja e por isso ela estava morrendo. Precisava lembrar-se não apenas por um momento, para passar por uma revitalização momentânea, mas precisava guardar no íntimo e aplicar em uma autêntica vida cristã.

3. Arrepender-se. Não era bastante consertar-se somente dali para a frente. O pecado de um passado inoperante, de um passado sem a vivência de uma fé autêntica em Cristo, de uma vivência de cristianismo somente aparente, de esquecimento dos ensinamentos de Cristo, precisava ser apagado sob pena de ficar sempre voltando à tona e fazendo com que a igreja fraquejasse. E só havia um meio de isso acontecer: o reconhecimento do erro e o arrependimento subsequente. Interessante que são pecados que não estão classificados entre os “pecados” que costumeiramente são perseguidos em nossas igrejas, mas é o próprio Senhor Jesus quem está condenando sua igreja a se arrepender. São pecados muito esquecidos por nós, o do descaso aos ensinamentos de Cristo e o da hipocrisia religiosa, da falsa vivência de fé.

A PALAVRA DE INCENTIVO

Como em todas as cartas às demais igrejas, mesmo sendo a igreja de Sardes tão afastada da sua Palavra e da vida autenticamente cristã, o Senhor Jesus tem uma palavra de incentivo. O seu amor pela igreja fazia com que desejasse vê-la vitoriosa, saindo daquela situação. A palavra de incentivo é uma declaração, a de que ainda existia ali alguns crentes fiéis que não haviam se contaminado (v. 4) com o pecado da vivência de um falso cristianismo, que ainda eram dignos do nome de Cristo. Em seguir o exemplo deles estaria a vitória, a retomada de vigor, da vida de atuações vivas para o reino de Deus.

Após a conclamação para que seguissem o exemplo dos fiéis, Jesus aponta para o prêmio que está adiante da fidelidade, que tem, tanto quanto nas outras cartas, uma conotação da eternidade celestial e nunca da temporalidade deste mundo. O galardão do crente é sempre na eternidade e nunca neste mundo. O vitorioso receberia a purificação total do pecado (v. 5). Isto é representado pela expressão "será vestido de vestes brancas" e isso só será possível no reino celestial. E deveria buscar a vitória fortalecendo-se sempre na garantia de salvação prometida por Jesus. Esta garantia está nas expressões

"de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos".

CONCLUINDO

A mensagem à igreja de Sardes é uma mensagem de fidelidade à fé cristã autêntica, sem os desvios que levam a uma aparência de vitalidade mas que mata a igreja, impedindo-a de cumprir o seu papel de anunciadora do Evangelho, integradora daqueles que se convertem ao reino de Deus e ensinadora dos mandamentos de Jesus Cristo. É uma mensagem de alerta às igrejas que se desviaram desse Evangelho autêntico, para que se lembrem da vida que tiveram um dia, que guardem com firmeza o Evangelho, para que não venham a

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - 2Pedro 1:1-9**
- Terça - 2Pedro 1:10-21**
- Quarta - Efésios 2:1-10**
- Quinta - 1Timóteo 6:3-16**
- Sexta - João 6:28-40**
- Sábado - João 2:13-25**

21

A GRANDE BABILÔNIA: DA GLÓRIA AO TORMENTO

Apocalipse 18

OTORMENTO DA GRANDE BABELÔNIA É PROPORCIONAL AO SEU ESPLendor - v. 2-8

A visão que segue à da glória da grande Babilônia, é exatamente o oposto daquela. João fora levado a ver a grande prostituta com uma hegemonia universal, dominando sobre governantes, ostentando grande riqueza, perseguindo e matando os servos de Jesus. Agora é levado por outro mensageiro vindo do céu, a ter uma visão da grande desolação e tormento daquela que fora tão gloriosa diante da humanidade, juntamente com os que a admiraram e serviram.

É uma visão de conforto para os que não a serviram, que resistiram ao seu encanto e poder, que não se deixaram embebedar pelas delícias que ofereceu à humanidade, mas é, também, uma visão de alerta, para que os servos de Cristo se mantenham firmes, não se deixando enganar pelas aparências e enganos da grande prostituta, porque devem saber que um dia ela cairá e será grande a sua ruína.

Dessa visão podemos tirar as seguintes conclusões e ensinamentos:

Os que se deixam levar pela prostituição da grande Babilônia o fazem atraídos pelas suas características e ofertas esplendorosas de delícias, de prazeres, de riquezas. Mas o Senhor alerta aos seus servos, através dessa visão, de que não vale à pena se deixar levar por tudo isso, porque um dia toda essa opulência será revertida.

1. O resplendor é substituído pelas trevas - v. 2. Que figura tétrica é apresentada através da anunciação do mensageiro de Deus! Aquela que vivia no resplendor do ouro, das pedras preciosas, da riqueza, agora se tornara em um tenebroso covil de seres malignos, imundos e habitantes das trevas. O seu vínculo com as trevas foi desmascarado e ficou patente a sua natureza maligna.

2. As delícias foram substituídas pelas pragas - v. 4,5. Viveu e

mos concluir que é uma instituição religiosa que já fez parte do povo de Deus mas que se degenerou em sua religiosidade à partir do paganismo romano. Adquiriu grande poder político, dominando sobre os governantes do mundo, deixou os habitantes da terra embevecidos com a sua pregação falsa e enriqueceu com a sua prostituição religiosa, além de gerar outras instituições religiosas completamente degeneradas que a auxiliaram na disseminação das abominações religiosas sobre a face da terra. Perseguiu os servos de Jesus Cristo, chegando a derramar muito sangue dos que não se deixaram corromper pela sua prostituição religiosa e é a grande cidade (igreja) que reina política e religiosamente sobre a maioria absoluta dos governantes da terra.

A única instituição religiosa que existe sobre a face da terra, que tem todas estas características, que já foi uma autêntica igreja de Cristo no passado, que se degenerou a partir da religião pagã dos romanos, que enriqueceu com a sua religiosidade, que tem domínio religioso e político sobre governantes, que deu origem a inomináveis heresias dentro do cristianismo, que já derramou sangue de milhares de servos fiéis a Jesus Cristo, que se espalhou universalmente, e que engana toda a humanidade, tirando-lhe o raciocínio cristão autêntico, com o seu falso cristianismo, é a Igreja de Roma.

CONCLUINDO

Alguns pensam e ensinam que a besta do Apocalipse seria um homem e que a grande prostituta seria a cidade de Roma, capital do Império Romano. Outros pensam que a besta seria realmente o Império Romano e que a grande prostituta seria sua capital, e que, por isso, a mensagem do Apocalipse seria somente para os cristãos oprimidos pelo Império Romano, que seriam consolados com a visão da destruição dos seus opressores.

Pudemos perceber, pela análise do texto, dentro do contexto bíblico e histórico, que essas interpretações estão incorretas. A mensagem do Apocalipse é para os cristãos de todos os tempos e a besta é o Império Romano, de fato. Mas ele não morreu ainda e a sua “capital” é a Igreja Romana, que reina hoje sobre os governantes da terra, que se enriquece cada vez mais, e “bebida” religiosamente a humanidade com seus “milagres”, ensinamentos e costumes religiosos idólatricos; mas que tem a sua condenação frigorosa anunciada pelo Senhor Jesus Cristo na visão que deu aos seus servos fiéis, através do seu apóstolo.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Jeremias 51.1-26**
- Terça - 2 Tessalonicenses 2**
- Quarta - Zacarias 1.1-19**
- Quinta - Apocalipse 13**
- Sexta - Daniel 7**
- Sábado - João 16**

7

AS CARTAS ÀS IGREJAS - IV

Apocalipse 3:7-22

A IGREJA DE FILADÉLFIA

3:7-12

Filadélfia era uma pequena cidade do antigo reino de Lídia, construída no segundo século antes de Cristo pelo rei de Pérgamo, Átalo Filadelfo, que desejava disseminar a língua e a civilização grega na região da Frígia. Ficava a 45 quilômetros de Sardes e pertencia ao distrito administrativo dessa cidade. Tornou-se rica pelo comércio de uvas que eram cultivadas na região. Tendo sido grandemente danificada por um terremoto em 17 d.C., foi reconstruída pelo imperador romano Tibério. Existe ainda hoje, sob o nome de Alla-Schahr e seus habitantes são, na grande maioria, pertencentes à Igreja Grega.

A apresentação de Jesus - v. 7

Jesus inicia sempre a sua apresentação de maneira diretamente apropriada com as qualidades e problemas enfrentados pelas igrejas destinatárias das cartas. Assim sen-

do, precisamos procurar conhecer o que desejaría dizer ao se identificar como o que é *santo, verdadeiro e o que pode fechar ou abrir hermeticamente*.

1. Santo. Uma designação reservada apenas para Deus (Is 40.25). Com isto Jesus estava se identificando como sendo o próprio Deus. Uma identificação natural para uma igreja que estava permeada de judeus que lutavam contra o cristianismo, pessoas que, na sua grande maioria, nunca aceitaram a divindade de Jesus.

2. O verdadeiro. Uma afirmação da sua condição de Messias. Ele era o verdadeiro, único Messias prometido e enviado por Deus. Essa condição de veracidade como prova da sua qualidade de Messias é encontrada em Atos 3:14; 4:27,30: 7:52.

3. O que tem a chave de Davi. Jesus demonstra aqui o seu poder e a sua autoridade de soberano. Se ele que-

ria que aquela igreja avançasse na vida cristã, indo em frente propagando o evangelho, ninguém conseguiria se opor a isso. É o que declara no v. 8.

As características da igreja - v. 8

Conhecedor de todas as coisas, senhor das suas igrejas, é Jesus quem aponta as características da igreja de Filadélfia.

1. Tinha pouca força. Não era uma igreja poderosa, com muitos recursos. Sendo uma cidade pequena, seria uma igreja pouco numerosa, limitada em sua capacidade operacional. Era uma igreja fraca, humanaamente falando.

2. Guardou a Palavra de Cristo. Uma característica que pode parecer simples aos nossos olhos, em nossa cultura de liberdade religiosa. Mas devemos lembrar que os cristãos estavam sob severa perseguição movida por Roma e que, além disso, aquela igreja sofria a perseguição dos judeus que negavam a eficiência do evangelho para a salvação, que negavam a condição messiânica de Jesus e perseguiam as igrejas de Cristo. Jesus, além de dizer que a igreja guardara a sua palavra, diz, também, que não negara o seu nome. Era uma igreja composta de autênticos discípulos de Cristo, pois guardavam a sua palavra (João 8.31).

As promessas de Jesus

A igreja de Filadélfia, apesar da sua pouca força, operosidade defi-

ciente, pressão e perseguição dos judeus e romanos, não desenvolvera qualquer característica reprovável por Jesus. Era uma igreja perfeita diante do Senhor e recebeu dele promessas impressionantes.

1. Tinha um futuro garantido por Jesus - v. 8. Tinha uma porta aberta diante de si que ninguém poderia fechar. Poderia avançar firmemente em direção ao futuro, sem barreiras para impedir o seu avanço na pregação do evangelho e na vivência de um cristianismo autêntico.

2. Humilhação dos judeus, falsos tementes da Deus - v. 9. Os judeus, adversários da igreja de Cristo que queriam humilhá-la, seriam obrigados por Jesus a se curvarem à verdade do evangelho, reconhecendo o amor de Cristo pela igreja.

3. Amparo diante da grande tribulação. v. 10. Como consequência de terem guardado a palavra de Cristo, a igreja receberia proteção do próprio Senhor Jesus, nos momentos de tribulação.

4. Vida eterna. V. 12. Aquela igreja que parecia fraca, seria uma coluna do templo de Deus (uma figura metafórica que significa comunhão perfeita com Deus), cada um de seus membros, vitoriosos por Cristo, teria o nome de Deus em si, o da cidade de Deus, a nova Jerusalém, e o novo nome de Jesus (três sinais de

inicialmente, mas como o que? Analisando as suas características indicadas na visão, vamos concluir a sua identidade.

1. A mulher é identificada como uma prostituta - v. 1. No Velho Testamento o povo de Deus, ao se deixar corromper pela idolatria e cultos pagãos, era comparado com uma prostituta. Isto nos leva a crer que a classificação da mulher é figuradamente referente à sua corrupção religiosa e não literalmente à sua conduta moral. Logicamente, então, nos faz concluir que a grande prostituta seria uma congregação que já pertencera a Deus e se deixara corromper pela idolatria, pelo paganismos.

2. A mulher estava assentada sobre muitas águas - v. 1,15. Uma figura da universalidade da sua degeneração religiosa.

3. A mulher estava assentada sobre a besta - v. 3. Significando que a base da sua prostituição está no Império Romano.

4. A mulher ajuntou consigo, em sua degeneração religiosa, os poderosos, os governantes da terra - v. 2. O que nos faz observar que a grande prostituta adquiriu características políticas e assumiu a direção política da terra.

5. A mulher embebedou os habitantes da terra com a sua degeneração religiosa - v.2. O que significa que tirou a capacidade de raciocinar com lógica e equilíbrio a respeito de Deus e inculcou a sua degeneração em toda a humanidade.

6. A mulher estava vestida esplendorosamente e enriquecida com ouro e pedras preciosas - v.4. Enriqueceu com a sua degeneração religiosa.

7. A mulher gerou outras prostitutas que geraram muita abominação sobre a terra - v.5. A partir da grande prostituta, outras congregações de Cristo, se degeneraram religiosamente, significando que a grande prostituta “deu filhos”.

8. A mulher estava embriagada com o sangue dos servos de Deus - v. 6, o que significa que derramou copiosamente o sangue dos servos de Cristo.

9. A mulher é a grande cidade que reina sobre os reis da terra - v. 18. Nas Escrituras, cidade significa povo, com a conotação religiosa. A cidade que estava sobre sete montes é Roma, mas **a capital do Império Romano não poderia ser identificada com a prostituta porque nunca foi do povo de Deus**. Ora, se o povo de Israel era simbolizado pela cidade de Jerusalém e a igreja de Cristo é chamada de nova Jerusalém (21:2), podemos concluir que a grande prostituta é chamada de cidade simbolicamente, no sentido de ser uma instituição religiosa, uma congregação que pertenceu a Deus, que foi seu povo, mas que se prostituiu indo após outros deuses, perdendo-se na idolatria e adquirindo costumes pagãos.

Diante de todas estas indicações a respeito da mulher chamada pelo anjo de a “grande prostituta”, deve-

inclusive sua autoridade à besta (v. 13).

O que (e não quem) seria a besta, então? Já pudemos observar que seria **um império**, simbolizado na figura dos sete reis. Porém é necessário definir que império seria esse e, para isso, devemos começar nos lembrando que o número sete, no Apocalipse é simbólico e significa inteireza, algo completo. Sendo assim, **os sete reis, simbolizariam a totalidade dos reis do império.** Cinco simbolizando os que já haviam reinado; o sexto, o que estava no poder e o sétimo, os que ainda subiriam ao poder, na continuação do império (v. 10). A prova deste símbolo está na afirmação de que **a besta é personificada em um homem**, que é o oitavo rei e que está entre os sete reis (v. 11).

Até aqui já podemos compreender que **a besta é um império que não é materializado em nações dominadas, ou em exércitos, porém em um homem com poder de rei.** É um império que parece que não existe porque o seu poder está representado em um só homem, que não parece ser parte do conjunto de reis, mas que, na realidade, faz parte da totalidade dos reis do império que é, também, a besta.

O império não é difícil de ser identificado, porque, sendo as sete cabeças representações de sete montes, percebemos com facilidade que há uma referência clara à cidade

de Roma, que foi edificada sobre sete colinas. A besta pode ser identificada, então, com tranquilidade, com o Império Romano. Até aqui a maioria absoluta dos estudiosos do Apocalipse concordam, mas, também, é aqui que encontram grande dificuldade na continuação da interpretação da Revelação, uma vez que, insistindo na idéia de que o Império Romano já deixou de existir, localizam a mensagem do Apocalipse somente para o tempo em que foi escrito, até a queda do Império.

Acontece que essa ruína do império foi somente aparente. Quando desmoronou no seu aspecto militar, sob o impacto dos partos, já estava solidificado como um império político-religioso, uma vez que sobreviveu por um bom espaço de tempo nessa ambigüidade, desde que Constantino, imperador romano que se disse convertido ao cristianismo, assumiu a direção da igreja de Roma e das demais igrejas em 325 no Concílio de Nicéia. Ou seja, o Império Romano continua sendo uma realidade no seu aspecto religioso, sob o comando de um “rei” que parece não fazer parte do conjunto de imperadores romanos, que não parece rei, mas que, de fato, governa um império político-religioso.

AVISÃO DAMULHER - v. 1-6.

João viu uma mulher que foi chamada pelo anjo de “grande prostituta”. Isto já a classifica

herança do reino de Deus, como co-herdeiros por Jesus Cristo.

O alerta de Jesus - v. 11

Um alerta simples, já que a igreja não tinha qualidades reprováveis, porém de grande importância para o seu futuro: guardar o que tinha para não perder o privilégio que já possuía. O que a igreja tinha era a fidelidade à palavra de Jesus Cristo. Esta era a sua coroa.

AIGREJA DE LAODICÉIA

Laodicéia era um importante centro comercial e industrial, principalmente de roupas e tecidos, com uma considerável população. Ficava a 80 quilômetros de Colossos. Era cortada por três estradas romanas e detinha um poder econômico tão significativo que, após ser destruída por um terremoto, em 60 d.C. Recusou ajuda de Roma e foi reconstruída com seus próprios recursos.

A igreja teria se originado da pregação de Epafras, companheiro de Paulo, a quem faz referência como tendo pregado em Colossos, Laodicéia e Hierápolis (Col. 4:12). Provavelmente seria composta principalmente de comerciantes, artesãos e criadores de ovelhas, que levavam uma vida tranquila, já que tinham uma situação econômica estável (se consideravam ricos - v. 17) e uma certa independência de Roma.

A apresentação de Jesus - v. 14

As apresentações de Jesus sempre têm a ver com a saudação inicial de João, no princípio da Revelação (1.4-8), onde são citadas diversas qualidades e características de Jesus, e, também, com as manifestações de aprovação, desaprovação e alertas dados às igrejas. Para a igreja de Laodicéia, ele se apresenta como sendo a Palavra verdadeira (o Amém - v. 1,6,8); o verdadeiro representante de Deus (a testemunha fiel e verdadeira - 1.5); e o primeiro de toda a criação (o princípio da criação de Deus - 1.5).

As características da igreja - v. 15,17

Era uma igreja que se julgava rica por causa da sua realidade financeira. Mas, aos olhos de Jesus, que conhecia perfeitamente o trabalho dela, era uma igreja que estava na completa miserabilidade espiritual. As expressões do Senhor Jesus são duras: “*és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu*”.

A situação espiritual deplorável daquela igreja se originava de uma característica que adquirira, e que era completamente contrária à natureza que deveria ter. **Era uma igreja morna.**

Há quem pretenda interpretar esta característica e aplicá-la ao ensino nas igrejas, à luz do que se pensa ser uma igreja “quente” ou

que uma igreja morna seria uma em que não há agitação manifestada através de danças, gritos, choros e sorrisos. Outros ainda afirmam que seria uma igreja que não se integra nas atividades denominacionais etc. Nada disso é verdade e é fruto de uma interpretação individual e interessada em manipular crentes para agir segundo interesses pessoais dos intérpretes.

A igreja de Laodicéia era uma igreja *tépida*, agradável à sociedade, fácil de ser “engolida”, sem causar qualquer incômodo àqueles que viviam longe dos princípios divinos. A acusação de que a igreja não era fria nem quente, mostra essa característica de tepidez. O frio incomoda e faz com que se busque um aquecimento; a quentura incomoda e faz, também, com que se busque um resfriamento. A tepidez no entanto, não incomoda, é agradável e não faz com que se procure nada.

O alerta de Jesus - v. 16,18-22

O Senhor dá diversos alertas àquela igreja. Isto mostra que ainda a amava e que desejava que se arpendesse da sua lastimável característica (v.19).

1. Seria vomitada da boca de Jesus.
Seria lançada fora do seu seio, do seu interior.
2. Deveria buscar a verdadeira riqueza que vem de Jesus v.18). Que tem realmente valor e que passará pelo fogo do juízo final.

3. **Deveria santificar-se.** Para que não fosse envergonhada pela sua nudez espiritual.
4. **Deveria buscar uma visão verdadeira.** Era uma igreja que não tinha visão espiritual.
5. **Deveria ser zelosa.** Ser cuidadosa, retendo as riquezas que buscasse em Jesus Cristo.
6. **Deveria ter uma visão da glória celestial.** A visão do vitorioso assentado com Cristo no seu trono.

CONCLUSÃO

Em todas as cartas há uma linha geral: 1) O Senhor Jesus repreende as igrejas que deixaram a sua Palavra, seja pelo engano de falsos profetas ou por tolerância a eles, ou por indiferença aos seus ensinamentos, ou, ainda por acomodação. 2) O Senhor Jesus elogiando as igrejas que, apesar de todos os empecilhos, permaneceram fiéis à sua Palavra. 3) O Senhor Jesus alertando as repreendidas para que se arrependam e retomem as características de igreja autêntica. 4) O Senhor Jesus alertando para as realidades eternais destinadas aos que são vitoriosos com ele.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - 2Pedro 1:1-9**
Terça - 2Pedro 1:10-21
Quarta - Efésios 2:1-10
Quinta - 1Timóteo 6:3-16
Sexta - João 6:28-40
Sábado - João 2:13-25

20

A CONDENAÇÃO DA GRANDE PROSTITUTA

Apocalipse 17-1-14

ABESTA - v.3,8-13

Na visão anterior, o apóstolo João vê a precipitação final da ira de Deus sobre a humanidade incrédula, empedernida pelo seu pecado, que rejeita a Deus e blasfema contra ele, levada pelo engano do dragão, da besta e do falso profeta. Essa precipitação final é mostrada em uma visão rápida, até o ponto crítico universal, em que todas as potências do universo são abaladas, onde o homem, impotente e sem refúgio, sofre o castigo divino final que vem do alto.

Agora, um dos sete mensageiros que tinham as taças da ira de Deus, se apresenta a João e o convida a segui-lo, numa visão mais pormenorizada da sexta e da sétima taça, da condenação daquela que ele chama de “a grande prostituta”. É uma visão mais detalhada, dentro da visão maior, global, apresentada anteriormente.

Iniciaremos analisando a visão da besta, uma vez que o anjo, ao observar a admiração do apóstolo, começa a decifrar o mistério da mulher, à partir da besta (v. 7,8).

A visão é da mesma besta que João viu anteriormente (13:1). Ao contrário do que muitos pensam e afirmam, não simboliza um homem, mas um império. Isto pode ser concluído com facilidade à partir da explicação textual do que seriam as sete cabeças - sete reis, e do que seriam os dez chifres - dez reis.

É apresentada, primeiramente, com uma anunciação aparentemente controvertida a respeito da sua existência - “era, e não é, e será”-, trazendo a idéia de algo que aparentemente desapareceu, mas que continua existindo e que ressurgirá. A seguir a sua realidade é indicada pelas suas características simbólicas: as **sete cabeças** representando sete montes sobre os quais está assentada e, também, representando sete reis; e os **dez chifres** representando dez reis que, por um pequeno espaço de tempo receberiam autoridade como reis, não da besta, porém **juntamente** com a besta. Ou seja, seriam governantes sobre homens, que estariam trabalhando junto com a besta, entregando

idéia de fala e parecidos com rãs, a idéia de elementos impotentes porém ruidosos e irrequietos).

Essa batalha final será num dia que é chamado de “grande dia do Deus Todo-poderoso” e é localizada em um lugar que se chama Arma-gedom (v.16). É um nome em hebraico que significa monte de Megido. Este nome evoca, principalmente, a vitória de Baraque sobre Sísera (Juízes 4,5) e, no Apocalipse, simbolizaria o lugar onde serão vencidos os inimigos de Cristo.

6. As pragas foram lançadas como manifestação de que o fim estaria chegando - 16:17-21. A humanidade não crê no final de todas as coisas como consequência do juízo divino. As pragas vistas por João comprovam que o fim virá sobre a humanidade. O sétimo anjo lança o conteúdo da sua taça para o ar, demonstrando a universalidade da ira de Deus, e é ouvida uma voz que vem do templo do céu, do trono de Deus, dizendo que está feito. Até contínuo, a grande cidade (referência a Jerusalém que rejeitou a Cristo, como já vimos anteriormente) é partida; as cidades do mundo (símbolo de alegria, riqueza, pecado, concupiscência) caem; a grande Babilônia (Roma) é alvo da indignação da ira de Deus; as fortalezas terrenas desaparecem e, do céu, vem grande sofrimento para a humanidade, que continua blasfemando contra Deus.

CONCLUSÃO

As sete taças da ira de Deus são uma visão da manifestação final do juízo divino sobre a humanidade. São juízos destinados àqueles que rejeitaram o Filho de Deus e, consequentemente, o próprio Deus, tornando-se propriedade e cooperadores do dragão, da besta e do falso profeta. Os motivos da rejeição não são importantes. O que é importante é a rejeição em si, seja por que motivo for: coação, engano, interesse pessoal.

As pragas lançadas sobre a humanidade marcada pela besta, não servirão para se arrependerem porque estão obstinados em rejeitar a Deus, mas servirão para apressar a arregimentação de forças contra o Cordeiro, na grande batalha final e, consequentemente, o juízo final de Deus.

São felizes aqueles que vigiam e se guardam para não serem encontrados nus, envergonhados, por se terem deixado seduzir pela besta e pelo falso profeta (15:15).

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *Apoc. 4:1-6*
- Terça - *Apoc. 13*
- Quarta - *Êxodo 15:1-19*
- Quinta - *Êxodo 40*
- Sexta - *1 Timóteo 4:1-5*
- Sábado - *Juízes 5*

8

O TRONO DE DEUS

Apocalipse 4 e 5

Depois da primeira visão, da pessoa majestosa do Filho de Deus e de ter recebido dele sete cartas que deveriam ser dirigidas a sete igrejas da Ásia, representadas por seus pastores, o apóstolo João é convidado a entrar, em espírito, no céu, através de uma porta que estava aberta.

O convite partiu de uma voz como que de trombeta, que inicialmente ouvira falar com ele, e anunciou que, subindo ali, lhe seriam reveladas coisas que deveriam acontecer no futuro.

O QUE SERIA REVELADO - v. 1

João foi convidado a ver as coisas que deveriam acontecer depois do seu tempo, daquele momento vivido por ele e pelos servos de Cristo. A expressão utilizada por Jesus foi "depois destas devem acontecer".

Neste ponto do Apocalipse é iniciada uma revelação de coisas futuras, que ainda deveriam acon-

tecer. A visão do trono de Deus e a do Cordeiro que abre os selos, demonstra que as coisas que ainda iriam acontecer eram conhecidas somente por Deus e pelo Cordeiro e que eram coisas que aconteceriam sob o conhecimento e controle divino. As afirmações de alguns intérpretes, de que o Apocalipse teria sido escrito somente para aquela época somente e para aquelas igrejas a quem foram dirigidas as sete cartas, que os acontecimentos catástroficos seriam com o império romano, sofrem sérias dificuldades diante do convite ao apóstolo João e a afirmativa de que seriam coisas que aconteceriam no futuro, depois daquelas (uma referência ao que já vinha acontecendo desde Cristo instaurara o cristianismo). Estas palavras nos mostram que a revelação, como também veremos adiante, era a respeito de coisas que já estavam acontecendo e que aconteceriam em épocas futuras, em que se desenrolaria o cristianismo, até a volta de Cristo, o juízo final.

OTRONO DE DEUS

v. 2,3

A revelação não dependeria de João aceitá-la ou não. Antes mesmo de poder esboçar alguma atitude de aquiescência ao convite, foi arrebatado em espírito e levado às realidades celestiais. É importante, aqui, fazermos uma observação: Há autores que afirmam que o Apocalipse foi escrito por João, conforme suas próprias conveniências, observando ele próprio realidades e necessidades das igrejas. Mas podemos ver, pelos seus registros, que ele não criou nada com a sua mente. Utilizou sua linguagem mas as cenas lhe foram mostradas e a revelação veio para ele independentemente do seu querer.

A ele foram mostrados primeiramente:

1. Um trono. Representa majestade, poder de governar com vontade e autoridade própria. Com soberania..

2. Um trono no céu. O céu é um lugar de onde Deus governa todo o universo, com a sua vontade, poder e autoridade. Não é um estado de espírito ou uma figuração de idéia como tantos afirmam. Diante do trono havia como que um mar de vidro (v. 6), representando o alcance e a beleza do governo celestial.

3. Um assentado sobre o trono no céu. O que está assentado sobre o

trono é o dono do trono, o que tem direito a ele. Deus nunca abriu mão de sua condição majestosa de governante de todo o universo, nunca deixou de estar em seu trono. Observe-se que havia ao redor do trono mais vinte e quatro tronos, tendo assentados sobre eles anciões que também haviam sido investidos de majestade (v. 4), uma vez que tinham em suas cabeças coroas de ouro. Mas estes abriam mão da sua condição privilegiada e, prostrados diante do que estava assentado no trono, lançavam suas coroas diante do trono, declarando que o poder, a glória e a honra pertenciam somente ao Criador, soberano em sua vontade(v 10).

Também podemos ver a condição majestosa de Deus, acima de tudo e todos, pela aclamação que era feita pelos quatro animais que estavam ao redor do trono. Eram seres que representavam valores essenciais à humanidade. O semelhante ao leão representava força; o semelhante ao bezerro, pureza; o que tinha o rosto semelhante ao homem, inteligência; o semelhante à águia voando, vigor e longevidade. Mas, apesar de todas essas características, declaravam em todo o tempo a santidade, o poder e a eternidade de Deus (v. 7,8).

4. Um assentado de aparência esplendorosa. É muito importante

1. As pragas são para os que se deixaram marcar pela besta. Os dois primeiros mensageiros derramaram as suas taças que trouxeram grande sofrimento à humanidade. A primeira taça trouxe uma praga direta ao ser humano; e uma peste maligna se alastrou entre os que tinham o sinal da besta. A segunda trouxe uma praga à natureza, fazendo com que morressem todos os habitantes dos mares. O que nos chama a atenção aqui, é o destaque de que o sofrimento foi levado a todos os que tinham o sinal da besta, que se submeteram ao seu monopólio, ao seu domínio, à sua influência, rejeitando a marca do Cordeiro e do Pai, e agora pagavam um alto preço por isso, tanto em si próprios, quanto em seu ambiente de vida.

2. As pragas foram lançadas como uma retribuição pela rejeição à Palavra de Deus - 16:4-7. Após o terceiro anjo derramar a sua taça e os rios e fontes de águas se tornarem em sangue, João ouve um anjo, que chama de anjo das águas, declarar que aquela praga estava acontecendo porque os homens haviam derramado o sangue dos santos e dos profetas de Deus. É claro que nem todos derramaram sangue de crentes em Cristo ou de anunciantes da Palavra de Deus, mas os que se deixaram seduzir pela besta, ou se deixaram dominar por ela, o fizeram por rejeitar o testemunho dos santos e dos profetas de Deus. Tornaram-se

cúmplices da besta em todas as malidades que fez aos servos de Deus.

3. As pragas foram lançadas sobre os homens que não quiseram se arrepender dos pecados para glorificar a Deus - 16:8-11. O quarto anjo derramou a sua taça e os homens foram abrasados com grande calor, mas não se arrependeram para darem glória a Deus.

4. As pragas foram lançadas como manifestação do poder de Deus acima da besta - 16:10,11. O quinto anjo derrama a taça da ira de Deus exatamente sobre o trono da besta, fazendo com que seu reino deixe de ser glorioso e se torne tenebroso. Isto atinge a todos os seus súditos, fazendo com que sofram feridas terríveis pelo que foi destinado à besta, mas não se arpendem dos seus feitos idolátricos, malignos, enganosos.

5. As pragas foram lançadas para permitir a preparação para a batalha final - 16:12-15. A sexta praga seca o grande rio Eufrates. Um símbolo de abertura de caminho para o livre acesso daqueles que se engajarão na batalha contra o Cordeiro. São elementos de influência e poder temporal (reis) que serão arregimentados pelo engano do dragão, da besta e do falso profeta (a Segunda besta), que enviarão espíritos imundos, fazedores de prodígios, que enganarão com seus discursos vãos e barulhentos (saídos da boca traz a

cântico de Moisés (Êx. 15.1; Deut. 32.4; Sal. 111.1), que exalta o nome de Deus e se coloca como seu servo. Que reconhece o poder de Deus e a necessidade de adorá-lo.

c) Estavam junto a Deus. No capítulo 4 lemos do mar de vidro que estava diante do trono (4:6), que representava a transcendência de Deus, ou seja, a sua posição distanciada, inacessível pelo homem comum. Agora, João vê pessoas que estão junto a esse mar de vidro, numa demonstração de que o atravessaram, de que estão libertos definitivamente da besta. A visão de alguns comentaristas é a de que eles estariam junto ao “Mar Vermelho” celestial cantando o cântico de Moisés, por terem experimentado uma libertação, assim como o povo de Israel experimentou no passado.

2. São catástrofes que vêm do templo de Deus - 15: 5-8; 16:1. Mais uma vez essa figura aparece na Revelação, para demonstrar a origem do juízo, como vindo do próprio Deus. Após ver os salvos, João vê o templo de Deus se abrir mais uma vez e saírem dele os sete anjos que vira anteriormente tendo as sete pragas. Os anjos vestidos de linho puro e resplandecentes, com cintos de ouro cingindo os peitos, simbolizam a pureza, a glorificação e o sacerdócio. Ou seja, a ira de Deus seria derramada por causa da

rejeição à sua santidade, à sua glória e ao seu trabalho em aproximar o homem de si próprio.

Os anjos recebem, de um dos quatro animais que servem a Deus diante do seu trono (4:6), sete taças de ouro, cheias da ira de Deus e, imediatamente o templo se enche da glória de Deus e do seu poder, demonstrando que os mensageiros eram dele próprio e que a justiça era sua. O templo se torna inacessível, o que representa que nada impediria Deus de executar o seu intento, ninguém poderia impedi-lo. Era chegada a hora. De dentro do templo, cheio da presença de Deus, inacessível a quem quer que seja por causa da sua presença majestosa, João ouve sair uma voz muito forte e que ordena que as taças sejam derramadas sobre a terra.

A visão não deixa qualquer dúvida de que a pragas vêm de Deus, que, no final dos tempos, estará manifestando de maneira terrível a sua ira sobre os que cometem a iniquidade de rejeitar abertamente a sua palavra.

O DESTINO DAS PRAGAS 16:2-21

Outro aspecto que precisa ser observado com atenção no estudo do Apocalipse, é a quem Deus manifesta a sua ira. E isto observaremos a seguir.

notar que João não viu uma forma, mas um resplendor. A sua descrição da visão é de semelhança a pedras preciosas que são esplendorosas. Jesus disse que Deus é Espírito (João 4:24), e podemos dizer que um espírito não pode ser visto. Mas o resplendor da sua glória foi visto por João.

5. Um trono de onde emanava luz. Diante do trono existiam sete candeeiros, sete lâmpadas de fogo, representando o Espírito de Deus. Sete representa perfeição total. O Espírito de Deus está em todo o lugar que ele desejar estar e é um Espírito de luz e não de trevas. Da sede do governo do universo sai o Espírito de Deus para iluminar, para levar a luz, para rasgar as trevas.

6. Um livro hermeticamente selado, à direita do que estava sobre o trono. A majestade divina fora revelada a João. Agora seriam reveladas coisas que aconteceriam, mas que ninguém sabia porquanto não há nenhum ser que tenha dignidade para abrir o livro que encerrava a revelação (5:1-3), nem mesmo de olhar para ele. Ninguém em todo o universo. A situação de dificuldade em se abrir o livro deixou o apóstolo profundamente entristecido, a ponto de chorar intensamente. Até que um dos anciões lhe anuncia a presença do Cordeiro, o único que tinha a capacidade de abrir o livro.

O CORDEIRO DE DEUS 5:6-14

João olha e vê no trono, entre os quatro animais, um Cordeiro, com a aparência de que tinha sido morto (representação do sacrifício de Jesus), com sete pontas, representando poder absoluto (chifres representam poder), e sete olhos - representando o Espírito Santo de Deus enviado, da parte de Cristo, a todas as partes do mundo. A respeito dessa visão, devemos observar:

1. O Cordeiro estava no meio do trono de Deus. Isto corrobora com a afirmação de Jesus de que ele e o Pai são uma só pessoa (João 10:30). É importante notarmos, também, que de Deus João viu um resplendor, mas do Cordeiro, João viu uma forma. Isto também corrobora com a afirmação de Jesus de quem vê a ele, vê o Pai (João 14:9). Ninguém pode ver a Deus, a não ser através do Filho. Outra manifestação da divindade do Cordeiro, é a adoração dos vinte e quatro anciões e dos quatro animais a ele (v 8,14), que é aceita. Se não fosse Deus, não aceitaria. O Cordeiro de Deus, é o próprio Deus.

2. O Cordeiro é exaltado como o Redentor. O Cordeiro é exaltado pelos seres celestiais e terrenos (v. 9-14), como aquele que, através do seu sangue derramado em sacrifício, **comprou para Deus**, resgatou da prisão do pecado , pessoas de

todas as nações, transformando-as em reis e sacerdotes sobre a terra.

CONCLUSÃO

O céu é um lugar, uma realidade, que está adiante, depois dessa vida, para todos aqueles que crêem em Jesus Cristo como Salvador, como o Cordeiro de Deus que se deu em sacrifício para a salvação da humanidade. Com sede nesse lugar, Deus está no controle de todo o universo e é soberano em sua vontade, tendo autoridade para governá-lo como desejar, não adiantando pessoas ignorá-lo, ou insistirem numa vida de desobediência aos seus princípios, porque todas as coisas acontecem sob sua permissão, conhecimento e direção.

Qualquer pessoa que receba honra da parte de Deus, que ocupe alguma posição no seu reino, mesmo que seja de notável destaque, deve ser tão humilde quanto os vinte e quatro anciões que, estando diante de Deus, em situação majestosa, abriram mãos de suas coroas e as lançaram aos pés daquele que criou e dirige todas as coisas.

Todo crente deve viver reconhecendo que Jesus Cristo, o nosso Salvador, não é mais aquele que está morto, porém está vivo, no céu, no trono de Deus e é o único, em todo o universo, digno de revelar as coisas de Deus. Ninguém mais tem esse

poder, porque no céu e na terra, ninguém tem a dignidade do Cordeiro que foi morto e, pelo seu sacrifício comprou servos para Deus, purificando-os dos seus pecados. Homens que deixaram de ser servos do pecado para ser servos de Deus e que, portanto, devem estar sempre prontos a adorá-lo e a servi-lo em tudo o que ordenar.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 8. Davi louva a Deus pela sua glória e seus feitos.

Terça - Salmo 103. Deus estabeleceu o seu trono no céu e governa sobre tudo (v. 19).

Quarta - Salmo 104. A glória de Deus é manifestada na criação e conservação de todas as coisas.

Quinta - Salmo 110. O reino, o sacerdócio e a conquista do Cordeiro de Deus.

Sexta - João 1:29-34. Jesus é identificado como o Cordeiro de Deus.

Sábado - Hebreus 12:1-3. Jesus suportou a cruz, desprezou a afirmação dos homens, ressuscitou e sentou-se à direita do trono de Deus, servindo-nos de exemplo para agradarmos a Deus.

19

AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS

Apocalipse 15 e 16

Após a visão da ceifa e da vindima, como mais uma visão prévia do juízo final de Deus, é apresentada a João uma nova visão de sofrimentos que seriam derramados sobre a humanidade, como manifestação da ira de Deus (15:1) contra a iniqüidade, sendo que desta vez, como uma sucessão de pragas, de sofrimentos finais.

A ênfase desta visão está em dois aspectos principais: a origem e o destino das pragas.

A ORIGEM DAS PRAGAS É DIVINA - 15:1-8

É muito importante observarmos a origem das catástrofes, que são manifestadas na visão, como sendo **lançadas** por Deus sobre a humanidade. Não devemos ter a falsa impressão de que tudo o que acontece à humanidade é produto do acaso natural, ou efeito de algo produzido pelo próprio homem. Observando atentamente o texto, podemos estar convictos de que vêm da parte de Deus, pelos seguintes motivos:

1. São catástrofes que vêm do lugar dos salvos - v. 2-4. João vê sete anjos que estavam de posse das sete últimas pragas que seriam lançadas sobre a humanidade. Em um segundo plano, dentro da mesma visão, ele vê pessoas que estariam a salvo das manifestações da ira de Deus. Os seguintes fatos da visão nos fazem reconhecê-los como salvos:

a) Eram vitoriosos da besta. Os que venceram a besta são aqueles que não a adoraram e têm os nomes escritos no livro da vida do Cordeiro (13:8); os que não se deixaram marcar pela besta, porém pelo nome do Cordeiro e de seu Pai (14:1); não se contaminaram com a prostituição religiosa e que se tornaram discípulos do Cordeiro (14:4); são os que morrem no Senhor (14:13).

b) Cantavam o cântico de exaltação a Deus e ao seu Cordeiro. Este cântico era uma manifestação da natureza daqueles que estavam junto ao mar como que vidro. Não tinham a natureza soberba contra Deus, natural de Satanás, mas o

CONCLUINDO

A visão da ceifa e da vindima representa o juízo de Deus sobre a humanidade. Não dois juízos, ou um dos muitos juízos, como os chamados *futuristas* gostam de pensar, mas o juízo mostrado primeiramente como um momento em que Jesus Cristo exerce o seu poder de recolher e separar o que é seu, é mostrado, também, como um momento de intenso sofrimento e morte para aqueles que se colocaram debaixo da ira de Deus, rejeitando a sua paciência, compassividade e amor.

É uma visão que serve de alerta para o fato de que haverá realmente um juízo final, de que Jesus Cristo exerce todo o seu poder divino, de que Deus manifesta a sua ira. Alerta, também, para os crentes sinceros ativarem mais ainda o testemunho a respeito do sacrifício do Cordeiro, para que pessoas possam escapar da ira de Deus.

Mas é, também, uma visão de conforto para aqueles que servem a Jesus Cristo, que são zombados, perseguidos ou ignorados por causa do seu evangelho. Conforto porque têm a visão de que servem àquele que exercerá o juízo de Deus sobre a humanidade, ou seja, são ovelhas, são protegidos daquele que julgará toda a humanidade.

É uma visão que não é final, mas assim como João teve intervalos de

que mostraram a realidade eterna, celestial dos salvos, também teve uma visão inicial e resumida, nessa segunda parte do Apocalipse, do que seria o juízo vindouro e de como seria o sofrimento daqueles que tanto sofrimento causaram a Deus, a seu Filho e aos servos de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Ezequiel 1. O profeta tem uma visão celestial do trono de Deus.

Terça - Mateus 13:36-43. Jesus compara o juízo final com uma ceifa e mostra que a boa semente será separada do joio.

Quarta - Joel 3. Deus, através do seu profeta, anuncia o seu juízo, comparando-o com a ceifa e anunciando que será feita quando a seara estiver madura.

Quinta - João 3:27-36. Quem não crê no Filho de Deus tem sobre si a ira de Deus e não verá a vida eterna.

Sexta - Mateus 3:1-12. Jesus é quem recolherá os salvos ao celeiro e lançará os perdidos no fogo eterno.

Sábado - 1 Tess. 5:1-11. Deus não destinou o homem para a ira, mas para a salvação através do seu Filho, Jesus Cristo. A ira é uma consequência da impiedade dos homens.

9

SEIS SELOS ABERTOS PELO CORDEIRO

Apocalipse 6

Após a visão do trono de Deus e sua presença majestosa governando os céus e a terra, e da visão do Cordeiro no trono de Deus, como sendo digno de receber adoração como ser divino, como o próprio Deus e, também, como sendo o único digno de abrir o livro que estava à direita de Deus, passa a ser revelada a João a abertura dos selos que estavam tão hermeticamente fechados.

O pastor Delcyr de Souza Lima, em estudos publicados pela editora Brasil Batista, Rio de Janeiro, 1974, afirma que "o livro que João viu representa a história do conflito com Deus até o cumprimento final de seus desígnios". Eu diria que *o livro representa a história do conflito do homem com Deus, por causa da rejeição à sua Palavra, influenciado e enganado por Satanás, e da implantação e conservação da igreja até o final dos séculos*.

O PRIMEIRO SELO

Os quatro primeiros selos são uma visão de quatro cavaleiros, que vão surgindo conforme cada um dos

quatro animais que estavam diante do trono de Deus e do Cordeiro vão chamando, introduzindo a cena. São quatro cavalos, cada um de uma cor, e para compreendermos a revelação, é necessário compreendermos o que cada cor significa. É necessária, também, a compreensão de que cavaleiros trazem a idéia de acontecimentos impetuosos, fortes, como uma carga de uma cavalaria em uma batalha. Alguns comentaristas gostam de afirmar que João tirou a figura dos quatro cavaleiros das profecias de Zacarias 1:8 e 6:1-8, mas isto seria o mesmo que afirmar que João estaria escrevendo de sua própria mente e que inventara que era uma revelação de Jesus. O que devemos crer é que o mesmo Deus que providenciou a visão a João, providenciou, também, a Zacarias uma visão semelhante.

O primeiro selo revelava a visão de um cavalo branco, tendo assentado sobre ele um portador de uma arma de guerra, que recebeu uma coroa e que saiu com vitória garantida. O cavalo branco simbolizava

vitória militar, o elemento de locomoção de um conquistador. O arco simbolizava a arma de guerra, terrível pela sua capacidade de longo alcance e destruição do inimigo. A coroa simbolizava poder e majestade recebidos.

Há muita controvérsia sobre o que simbolizaria esta visão e comentaristas assumem posições diversas. Alguns afirmam que seria a destruição do império romano pelos exércitos dos partos, mas esta interpretação estaria em desacordo com o restante do Apocalipse, onde é percebido nitidamente a continuação do império romano até o juízo final. A história mostra que o império passou a existir não mais como um império mantido pelo poderio militar, mas foi substituído pelo poderio religioso exercido pela Igreja Católica Apostólica Romana que deu continuidade àquele poder imperial. A se aceitar essa interpretação, teríamos que considerar as revelações a respeito do juízo final como sendo apenas para o passado.

Luis Bonnet e Alfredo Schroeder, em seu Comentario del Nuevo Testamento, vol. IV, editado pela Casa Bautista de Publicaciones, el Paso, Texas, em 1977, 3^a edição, afirma que "O cavalo branco, montado por um cavaleiro que sai vencedor e para vencer, representaria a marcha triunfante do evangelho através do mundo". Concordo com esta interpretação, pois creio que podemos traçar um

paralelo desta visão com as palavras do Senhor Jesus encontradas em Mateus 24:3-14; e a deste cavaleiro com as palavras de Jesus em Mateus 24:14. Devemos lembrar, também, que Jesus declarou que sua igreja seria vitoriosa em sua missão (Mat. 16:18) e que concedeu poder a ela para vencer (Atos 1:8).

O SEGUNDO SELO

Aberto, libera a visão de um segundo cavalo, vermelho, sendo cavalgado por um guerreiro, a quem foi concedido tirar a paz da terra através da guerra. O cavalo tem a cor do sangue, e significa sangue derramado. A grande espada significa guerra acirrada, medonha. A capacidade de tirar a paz da terra significa que a falta de paz pela guerra tem uma amplitude mundial.

Em Mateus 24:6 e 7, Jesus anuncia que na proximidade dos últimos tempos se ouviria de guerra e de rumores de guerras, que se levantariam nações contra nações e reinos contra reinos. O segundo cavalo é a revelação de que Cristo, mesmo tendo prometido a vitória do evangelho, permitiria que a paz na terra fosse tirada na aproximação dos últimos dias.

OTERCEIRO SELO

O terceiro selo revela um terceiro animal, de cor preta, cavalgado por alguém que conduzia uma balança na mão. Juntamente com a visão,

juízo final. Conforme João Batista anunciou, Jesus faria a colheita, recolhendo o seu trigo ao seu celeiro e queimando a palha no fogo eterno (Mat. 3:12). A ceifa é a visão do Senhor Jesus, na plenitude dos tempos, exercendo o juízo, pelo poder que lhe foi concedido pelo Pai (João 5:22).

AVINDIMA - v. 17-20

Vindima é colheita de uvas e para os judeus, a uva e o seu produto, o vinho, eram símbolos de vida. A figura aqui já é diferente da primeira visão, uma vez que não se pode afirmar, como alguns o fazem, que foi o Senhor Jesus quem vindimou a terra. O texto mostra um anjo saindo do altar que estava no templo de Deus, clamando a outro anjo para que lançasse a sua foice à terra e vindimassem a vinha, anunciando que as uvas já estavam maduras.

A visão nos revela o seguinte:

1. A vindima representa o juízo sobre os ímpios. No versículo 19 lemos que as uvas da vinha foram lançadas no grande lagar da ira de Deus. Lagar era um grande recipiente onde as uvas eram pisadas para que o vinho fosse extraído. A idéia é de grande sofrimento debaixo da ira de Deus. A visão não representa um juízo simples, apenas de correção para o arrependimento, como ocorria anteriormente, mas um juízo para a morte. Um juízo tão terrível, que do lagar saiu sangue

com tal violência que formou um rio de sangue de cerca de 3.000 quilômetros de extensão, com a profundidade da altura do freio de um cavalo (cerca de 1,60m). Note-se que no versículo 20 não é dito que saiu vinho do lagar, mas que saiu sangue do lagar, comprovando que a idéia é de sofrimento, de morte com grande derramamento de sangue.

Ainda o que deve ser observado que o anjo que saiu do altar tinha poder sobre o fogo. O fogo é um elemento que, na Bíblia, sempre representou castigo divino sobre a impiedade.

2. A origem da vindima está no sacrifício do Cordeiro. O anjo que anuncia a hora da vindima sai do altar, e o altar era o lugar do sacrifício do cordeiro, que simbolizava o Cordeiro de Deus. Deixou de existir no Novo Testamento, porque o sacrifício verdadeiro do Cordeiro já foi consumado, mas o altar continuou simbolizando o seu sacrifício. A vindima foi realizada, sangue foi derramado daqueles que não se arreenderam dos seus pecados e não aceitaram o sacrifício do Cordeiro, não por culpa divina, ou de Jesus Cristo, ou dos anjos de Deus, mas por culpa do próprio homem que não reconheceu que o sangue derramado pelo Cordeiro de Deus na cruz do Calvário seria suficiente para que não sofresse castigo tão terrível. Ou seja, a vindima é culpa do próprio homem que rejeitou a Deus e a seu Filho.

ser perfeitamente compreendida e aplicada.

O QUE ESTAVA ASSENTADO SOBRE ANUVEM - v. 14

A visão de “um semelhante ao Filho do Homem” faz com que pensemos imediatamente na pessoa de Jesus Cristo, tanto porque foi o título que ele mais aplicou a si próprio, quanto por indicações de outros textos bíblicos, como é o caso de Daniel 7:13 e Apocalipse 1:7. Outro elemento da visão que nos faz pensar na pessoa de Jesus, é a referência à nuvem branca que, no Velho Testamento, é representativa da presença de Deus. A coroa de ouro sobre sua cabeça faz o destaque de outros seres celestiais e representa a sua majestade.

Apesar de todas essas indicações, há os que rejeitam a interpretação de que seria Jesus Cristo, e isto porque parece que ele recebe uma ordem de um anjo. No entanto, ele não recebeu uma ordem, porém uma mensagem que teria vindo diretamente de Deus (o anjo saiu do templo) avisando-lhe que teria chegado a hora. Não há qualquer incoerência na mensagem, uma vez que o próprio Senhor Jesus disse que ninguém conhecia a hora da sua vinda, a não ser o Pai (Mar. 13:32).

ACEIFA - v. 15,16

Cristo lança a sua foice (símbolo de juízo - Joel 3:13; Mat. 13:39) à

terra, mediante uma mensagem que vem de Deus. Isto significa que o juízo é ordenado pelo próprio Pai ao Filho, que lhe deu todo o poder, todo o juízo. Lança no momento próprio, na hora certa, quando a seara já está amadurecida. Deus fez de tudo para que a humanidade se arrependesse e se voltasse novamente para ele. Providenciou o sacrifício do Cordeiro, providenciou a mensagem que testemunha do sacrifício do Filho; providenciou para que a mensagem se tornasse imutável através da escrita; providenciou testemunhas fiéis, capacitando-as de poder para anunciar o evangelho; providenciou castigos para quebrantar os corações endurecidos contra ele. Mas nada disso adiantou para grande parte da humanidade. Satanás fez o seu trabalho de engano através da besta, enganou a muitos, levou-os a endurecerem seus corações e se voltarem contra Deus e, agora, não havia mais o que fazer pela humanidade. Era chegada a hora do juízo.

A expressão “a terra foi segada” significa que Jesus fez a ceifa para fazer a separação entre os grãos e a palha. Alguns pensam que a ceifa seria uma referência somente à colheita dos santos, que seriam recolhidos antes do juízo final às mansões celestiais. Esta interpretação não é correta à luz de outros textos seguintes do Apocalipse, e também à luz do contexto do Novo Testamento que fazem referência ao

João ouve uma voz que sai do meio dos quatro animais que estavam diante do trono, que anuncia o significado daquilo que ele via: o encarecimento do preço dos mantimentos e a sua escassez. Fome sobre a terra. Jesus afirmou que existiria fome no princípio das dores (Mat. 24:7,8).

O QUARTO SELO

Ao convite do quarto animal, João olha e vê um cavalo amarelo e um cavaleiro chamado Morte assentado sobre ele, que tinha a segui-lo o lugar dos mortos e que recebeu poder para tirar a vida da quarta parte da terra através da guerra, da fome, das doenças e das feras da terra. Simboliza o período de sofrimento, de grande morticínio, pelo qual passaria a humanidade, por permissão divina.

O QUINTO SELO

A cena muda e João passa a ver no céu aqueles que viveram no período de tribulação enfrentado pelo mundo após a implantação do evangelho, da igreja de Cristo, e sofreram por causa da fidelidade ao Senhor Jesus..

Ele viu as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e do testemunho que deram a respeito de Jesus (os seus discípulos são suas testemunhas - Atos 1:8), debaixo do altar. A figura é de um altar elevado, com o

lugar do holocausto no alto e pessoas ao nível da base do altar. A visão representa aqueles que foram mortos por amor a Cristo e que foram levados, pelo seu sacrifício, para junto dele. Anteriormente João viu o Cordeiro como que tendo sido morto. Daí a visão do altar no céu.

Devem ser destacados nesta visão, os seguintes elementos:

1. Morreram por amor à Palavra de Deus e ao testemunho de Cristo - v.

9. Eram mártires do evangelho, pessoas que deram suas vidas por amor a Cristo. O Apocalipse foi revelado por Jesus para o consolo dos seus servos que passam por grandes tribulações por causa do evangelho, ou que têm a perspectiva dessas tribulações também por causa do evangelho de Cristo.

2. Clamavam pelo juízo prometido pelo Cordeiro - v. 10.

Não clamavam por uma vingança pessoal mas pelo juízo que estava prometido e que viria da parte de Deus; um juízo perfeitamente justo e que viria através do Filho, que morreu e ressuscitou para poder exercer o juízo. Anelavam pelo triunfo daquele que era o verdadeiro Senhor de todo o universo e que era zombado, rejeitado e combatido. Lutaram por ele, viveram para ele, foram mortos por causa dele e, agora esperavam que ele fizesse a sua justiça.

3. Foram recebidos e consolados com a purificação, a paz e a esperança - v. 11. Receberam compridas vestes brancas - símbolo de purificação; foi-lhes dito que repousassem - que estivessem tranqüilos, em paz; foi-lhes anunciado que o tempo do juízo já estava determinado, não pelo tempo, mas pelo número de servos que ainda seriam mortos - uma mensagem de esperança para os que foram injustiçados no mundo..

O SEXTO SELO

O sexto selo assinala a visão do princípio do fim. Até então, Jesus vinha revelando o princípio de dores, mas agora, já está anunciando a proximidade do final de todas as coisas. Tudo está sendo precipitado. A própria terra, tão firme, está sendo abalada; o sol, tão claro, escureceu; a lua tão brilhante e bela, tornou-se opaca e feia como que tingida de sangue; as inúmeras e brilhantes estrelas do céu, manifestando a extensão imensurável do universo, se precipitaram; o firmamento celestial, azul e branco, retirou-se deixando o vazio em seu lugar; as belas paisagens dos montes e ilhas deixaram de existir; todos os homens, de todas as classes sociais, foram igualados pelo medo, pela falta de confiança no futuro, pelo temor diante da proximidade da vinda daquele a quem rejeitaram e

nunca teriam coragem de encarar. Toda a glória aparente do mundo, todo o poder terreno; toda a aparência de durabilidade dos grandes impérios do mundo que oprimem os servos de Cristo e zombam de Deus, toda a estabilidade do universo estava desaparecendo. O fim estava chegando.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mat. 12:15-20. Jesus confirma a anunciação da sua vitória até o juízo final.

Terça - Salmo 57. Pela misericórdia de Deus, o crente fica abrigado sob seu poder, até que passem as calamidades.

Quarta - Rom. 5:1-11. A esperança, gerada pela fé em Jesus Cristo, é uma realidade consoladora na vida do crente.

Quinta - Atos 6:8-15. Estevão é preso por causa do evangelho de Jesus Cristo.

Sexta - Atos 7:1-52. Estevão prega a palavra mostrando o pecado dos que o prenderam.

Sábado - Atos 7:54-60. Por amor ao testemunho, Estevão se torna o primeiro mártir do cristianismo.

18

A CEIFA E A VINDIMA

Apocalipse 14:14-20

Antes da interrupção das visões das lutas de Satanás contra o Cordeiro e o seu povo, para mostrar a João os salvos com o Cordeiro e revelar o motivo da salvação, o Senhor Jesus havia mostrado a João como a segunda besta enganaria as nações com sua religiosidade falsa, monopolizaria o poder e faria guerra aos santos, parecendo vencê-los.

Após a visão dos salvos, mais uma vez numa visão confortante para os que seguem o Cordeiro, o Senhor Jesus passa a revelar o início do processo do juízo final para a humanidade, e a primeira cena é a chegada do momento da ceifa e da vindima.

Esta visão do juízo se estenderá, mostrando todo o processo de engano exercido pelo dragão, a besta e o falso profeta, ao mesmo tempo em que mostra, também, que a sorte deles e de seus seguidores humanos, já está determinada por Deus, já que endureceram os corações e uniram forças com os inimigos do Cordeiro.

A visão tem os seguintes elementos: a) alguém majestoso, sentado sobre uma nuvem branca com uma foice aguda na mão, esperando o momento da colheita que, depois de receber uma mensagem de um anjo que sai do templo dizendo que já era a hora de segar porque a seara já estava madura, lança a sua foice sobre a terra, segando-a; b) um anjo saindo do templo, também com uma foice aguda na mão, recebendo a mensagem de outro anjo, obedecendo e vindimando as uvas da terra e lançando-as no grande lagar da ira de Deus; c) um anjo que sai do altar, que tem poder sobre o fogo e que manda que o anjo que saiu do templo lançasse a foice para vindimar os cachos da vinha da terra; d) o lagar da ira de Deus que foi pisado fora da cidade, fazendo com que sangue fosse derramado em abundância, até longa distância.

É uma visão que não tem grandes dificuldades de interpretação, mas que precisa ser analisada à luz de figuras e ensinamentos de Jesus para

da realidade de salvação, de vida eterna: “*Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalho, e as suas obras os sigam*”. Por isso a visão do Cordeiro no seu reino, cercado pelos seus servos, que foram salvos, que morreram nele, no seu sacrifício juntamente com ele (Rom. 6:3-9).

Estes são felizes para sempre e descansam dos seus esforços para viver uma vida reta diante de Deus, descansam de lutas contra Satanás, de lutas para testemunhar verdadeiramente do Senhor Jesus Cristo. Estes são felizes e o seu trabalho frutifica para toda a eternidade.

CONCLUINDO

A visão das duas bestas, principalmente da segunda que não se restringiu ao tempo ou a um futuro próximo à Revelação de Jesus Cristo, mas que continua a operar no mundo, perseguindo os fiéis até a batalha final, pode ser apavorante até mesmo para aqueles que querem temer somente a Deus, que se firmam no evangelho eterno de Jesus Cristo, que não se deixam levar pelos enganos religiosos que são originários do esforço satânico para levar tantos à perdição eterna.

Mas não precisa ser assim, se confiarmos que os que são fiéis a Deus, que adoram somente a ele, guardam os seus mandamentos e têm fé somente em Jesus Cristo,

seu Filho, que não se deixam levar pelas mentiras da besta, nem se deixam marcar por ela, pensando e agindo como ela, esses têm a vida eterna de bem-aventurança garantida pelo Cordeiro, que reina para todo o sempre, e que nos comprou para Deus e para ele, fazendo-nos herdeiros do seu próprio reino. Não há necessidade de temermos mal algum porque seguiremos o Cordeiro para onde quer que vá, e ele está na presença do Pai.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 10:22-30. Jesus afirma que suas ovelhas o seguem e que ele lhes dá a vida eterna.

Terça - Efésios 5:22-33. O relacionamento entre homem e mulher no casamento é tão puro que é comparado com o relacionamento de Cristo com a sua igreja.

Quarta - 1Cor. 7:18-23. Os servos de Deus foram comprados por bom preço e libertos da escravidão.

Quinta - Efésios 3:1-11. O evangelho da salvação é eterno.

Sexta - Jer. 51:1-10. É anunciado o juízo de Deus sobre Babilônia, símbolo da idolatria e da blasfêmia contra Deus.

Sábado - Mateus 25:41-46. Os que se fizeram malditos por se tornarem seguidores de Satanás, serão lançados no tormento eterno.

10

DEUS SALVA O SEU POVO DAS TRIBULAÇÕES

Apocalipse 7

A visão de tanto sofrimento, de tantas aflições, da morte de tantos por amor ao nome de Cristo, diante da anunciação da proximidade do fim, com tantos cataclismos, tantas guerras, dores, fomes e doenças, poderia fazer com que os leitores da revelação não agüentassem de tanto pavor. Mas a revelação era para produzir consolo e não pavor.

O Senhor Jesus, então, antes da abertura do sétimo selo, faz uma pausa tranqüilizante e mostra como Deus salva os seus e como estes podem estar tranqüilos diante da promessa do dia do Senhor. Isto ele faz através de duas visões, como veremos à seguir.

OS SERVOS DE DEUS SÃO MARCADOS PARA SEREM SALVOS - v. 1-8

Diante da precipitação de todas as coisas, Deus utiliza cinco mensageiros seus para providencia-

rem a efetiva separação dos seus servos antes do fim, com a finalidade de serem salvaguardados dos sofrimentos que iriam acontecer.

1. Quatro mensageiros se colocam nos quatro cantos da terra. Os mesmos quatro mensageiros, aos quais havia sido concedido poder para danificar a terra e o mar (v. 2), são, ao mesmo tempo, os mensageiros providenciados para que produzissem uma calmaria temporária sobre toda a terra, uma pausa nas catástrofes, a fim de que os servos de Deus fossem protegidos. Essa pausa é representada na figura deles sendo convocados a segurarem os ventos, as tempestades, por um curto período de tempo.

Esta visão é significativa tanto no aspecto de mensageiros de Deus serem enviados por ele para executarem seu juízo sobre ímpios, quando no aspecto de serem

enviados para protegerem seus servos, numa visão de que Deus não permitirá que seus servos sofram os castigos que são destinados aos que o rejeitam. É uma ação semelhante à marcação com sangue de cordeiros, nos umbrais das portas dos hebreus, para que seus primogênitos fossem salvos da morte que viria, da parte de Deus, sobre os primogênitos dos egípcios (ver *Êxodo 12:1-36*), com a diferença de que, no caso dos hebreus, eles próprios providenciaram a marcação; e, no final dos tempos, a marcação será providenciada pelos anjos de Deus.

2. Um mensageiro surge do nascente, trazendo o selo de Deus para separar os servos dele. Surge e dá ordens para que não fosse feito nenhum dano à terra, até que selassem nas frontes os servos de Deus. Isto mostra que, apesar da proximidade do fim, Deus continua sendo soberano, detendo todo o poder; continua mantendo todas as coisas sob seu controle e que seus servos continuam sob sua proteção, apesar de estarem no mundo.

3. São selados 144.000 servos de Deus. Esta figura é interessante pelo seu simbolismo. Os da seita que se intitula Testemunhas de Jeová, afirmam e pregam que é o número exato das pessoas que irão habitar

nos céus. É uma interpretação errada por dois motivos: primeiramente porque os números no Apocalipse são simbólicos e, em segundo lugar, porque aqui só há referência a servos do povo de Israel. Se crermos que o número é literal, teremos que crer que a classificação dos salvos também é. Ou seja, só seriam salvas pessoas que pertencessem ao povo de Israel.

Cento e quarenta e quatro mil é um múltiplo de doze, um número que significa religião perfeita, e é, também, o número das tribos de Israel, o povo de Deus no Velho Testamento. Doze tribos, totalidade do povo; elevado ao quadrado (12 x 12), representa perfeição. Ou seja, nenhuma tribo seria deixada de fora. Multiplicado por mil, significa multidão. A visão dá a idéia de que todos do povo de Deus, mesmo sendo uma multidão imensurável, serão selados, sem exceção. Que nenhum dos seus servos será deixado de fora do seu amparo.

Alguns afirmam que esta visão representa que todo o povo de Israel será salvo, mas isto não é verdade. É preciso notar que não são marcados todos de todas as tribos, mas um número determinado de cada tribo (12.000). Também não é verdade que há aqui somente uma referência ao povo de Israel, porque na visão

grande no discipulado autêntico de Cristo, para a salvação do homem, dada pelo próprio Senhor Jesus. Só é salvo quem se torna seu discípulo, sua ovelha, seu seguidor (*João 10:27,28; Marcos 10:21; Mat. 8:19,22*).

e) Foram comprados para Deus e para o Cordeiro. São salvos do poder do mal, aqueles que são comprados pelo sacrifício do Cordeiro (*Apoc. 5:9; 1Cor. 6:20; 7:23*).

f) São fiéis testemunhas de Cristo. Em suas bocas não se achou engano algum. Não fizeram o jogo da besta, anunciando um evangelho enganoso, falso.

VENCEM OS QUE ADORAM SOMENTE A DEUS - v. 6,7

A segunda visão é a de um mensageiro se deslocando no céu e abrangendo todos os lugares da terra, anunciando o **evangelho eterno**, a anunciação das boas novas de salvação que não muda com o tempo, nem se adapta a situações, nem muda seu conteúdo ou objetivo, que é de alertar os homens para a necessidade de se voltarem para Deus. A verdade do evangelho eterno está resumida na seguinte mensagem: **a) temor, adoração e glorificação somente a Deus; b) preparo para a vinda do dia do seu juízo.** Adoram a Deus, vencem a besta e preparam-se para o juízo final, aqueles que manifestam temor

a Deus, recebendo seu Filho seu Ungido para dar a Salvação (*1João 5:10-12*).

As visões dos dois outros mensageiros são avisos que têm a ver com a condenação à adoração a Deus. O segundo anuncia a queda da Babilônia, simbolizando Roma, por causa da sua idolatria e rejeição ao nome de Deus (em estudos posteriores este símbolo será estudado com mais pormenores). Isto anuncia que não adianta rejeitar a adoração a Deus, porque os grandes impérios da idolatria são passageiros.

O terceiro anjo traz o alerta do castigo divino para aqueles que se deixam enganar ou levar pelos artifícios e ameaças da besta, adorando-a ou deixando-se marcar por ela. Estes se tornam perdedores, porque adoram a besta e à sua imagem, deixando de adorar somente a Deus e o amargor da derrota é o tormento eterno (v. 10 e 11). Traz, no final da sua palavra, um resumo do que seria adorar a Deus: guardar os seus mandamentos e ter a fé em Jesus, o Filho de Deus.

Este é o evangelho eterno anunciado por Deus desde a fundação do mundo.

VENCEM OS QUE MORREM NO SENHOR -v. 13

Toda a visão é resumida nestas últimas palavras vindas do céu e que são ouvidas pelo apóstolo João,

Esta primeira visão tem duplo objetivo: levar conforto aos servos de Cristo diante de tanta malignidade da besta, e mostrar o único meio de se vencer o poder daquele que tem se voltado com tanta ira contra os servos de Deus.

1. O Cordeiro sobre o monte Sião.

Há intérpretes da Bíblia que insistem em analisar esta visão literalmente, o que os leva a afirmar que seria a profecia do estabelecimento de um reinado de Cristo no mundo, com sede em Jerusalém. Podemos afirmar que, certamente, esta não é a interpretação correta da visão de João, pelos seguintes motivos principais: primeiramente, no Apocalipse são utilizadas figuras para mostrar realidades; e, em segundo lugar, a visão termina com um anúncio de bem-aventurança para os que morrem no Senhor, levando a crer que é uma visão de algo além da morte. Devemos lembrar que o monte Sião, onde está a cidade de Jerusalém, no Velho Testamento, é anunciado como lugar de segurança espiritual, de salvação (Is. 11:9-12; 46:13) pelo Messias, o Cordeiro de Deus. Isto, então, nos leva a interpretar que o Cordeiro sobre o monte Sião, representa um reinado de Cristo, juntamente com os seus servos, porém um reinado celestial. Esta visão é a do Cordeiro em seu reino celestial, onde há segurança e salvação eterna para seus servos.

2. Os cento e quarenta e quatro mil com o nome do Pai escrito.

Voltando ao capítulo 7 do Apocalipse, vamos nos recordar que cento e quarenta e quatro mil é o número que representa a totalidade dos crentes em Jesus Cristo, do Israel espiritual, que creu na promessa do Messias. É um número

que representa algo extremamente numeroso, porém de quantidade definida. O que deve nos chamar a atenção nesta visão dos salvos é que:
a) Tinham o nome do Pai do Cordeiro escrito em suas testas. Tinham a mente de Cristo (1Cor. 2:16), não deixaram suas mentes serem dominadas pela besta, não se deixaram escravizar por ela, mas se fizeram servos de Deus (Rm. 6:22).

b) O seu cântico era específico dos salvos para Deus (v. 3). Por não adorarem a besta e não se curvarem às suas falácias, tinham o privilégio de participar de um louvor perfeito, celestial, dedicado exclusivamente a Deus.

c) Não se deixaram contaminar pela prostituição religiosa (v. 4). É claro que não há contaminação alguma no casamento (Gên. 1:28) e a interpretação aqui não poderia ser literal. Voltamos a lembrar que o afastamento dos princípios divinos e a adesão a idéias religiosas idolátricas sempre foram comparadas por Deus com a prostituição. Ir após a besta, seria uma prostituição.

d) Se tornaram seguidores do Cordeiro. Há uma ênfase muito

seguinte, João diz que vê uma multidão incontável, de todas as nações, que estavam diante do Cordeiro (v. 9). Ainda podemos ver que a referência a quem seria marcado, no versículo 3, generaliza os servos de Deus, não fazendo referência aos servos de Deus somente do povo de Israel.

A visão reflete a realidade da salvação universal de todos aqueles que se fazem servos de Deus, através do reconhecimento do sacrifício do Cordeiro, pessoas de todos os povos e nações.

4. Os servos de Deus são selados nas frontes - v.3. A fronte tanto é um lugar visível (nenhum mensageiro poderia deixar de ver os servos de Deus e, consequentemente, deixar de ajuntá-los), quanto traz a idéia de mente, de pensamento. A ênfase do Apocalipse e de toda a Bíblia está na crença e conhecimento da Palavra de Deus. O trabalho de Satanás através dos séculos sempre foi o de levar o homem a duvidar e a não conhecer a Palavra de Deus. Os verdadeiros servos de Deus são aqueles que não se deixam enganar por se manterem fiéis à sua Palavra e por sempre buscar compreendê-la a partir de uma experiência pessoal com Jesus Cristo, que é a própria personificação da Palavra de Deus (João 1.1; Hebreus 1.2; Apocalipse 19.13).

A VISÃO DA MULTIDÃO DOS CRENTES NO CÉU - v. 9-17

Era uma multidão incontável, de todas as nações, e estava diante do trono, na presença do Cordeiro de Deus. Eram pessoas que haviam crido no Filho de Deus durante suas vidas aqui no mundo, a quem haviam servido, louvado em espírito e a quem tinham confiado a salvação das suas almas. Agora estavam diante dele, louvando-o pessoalmente, desfrutando da salvação eterna que receberam. Estavam em outra realidade, junto com os anjos, com os anciãos, com os quatro seres viventes, e, junto a eles, adoravam a Deus e ao Cordeiro. Estavam fora da realidade deste mundo que é dominado pelo maligno. Estavam ali não pelo mérito pessoal, mas porque tinham sido purificados pelo sangue do Cordeiro (v. 14). Estavam vivendo uma realidade muito diferente da que viveram na terra, pois, conforme foi anunciado a João “saíram da grande tribulação” (v. 14). Estavam vivendo em paz, fazendo o que sempre desejaram fazer perfeitamente: adoravam e glorificavam a Deus (v. 12) e, ainda, tinham a promessa de que continuariam vivendo para sempre longe de toda a dor e sofrimento pelos quais haviam passado. Já não teriam mais fome, nem sede, nem incômodos físicos, porque seriam apascentados para sempre pelo próprio Cordeiro. Ele

os conduziria pessoalmente às fontes de águas da vida e seriam consolados definitivamente pelo próprio Deus (v. 16,17).

CONCLUSÃO

1. Ninguém escapará da ira de Deus por providenciar um meio próprio de salvação. Deus enviará seus anjos para marcarem seus servos e só serão marcados aqueles que estiverem enquadrados nas características estabelecidas por ele.

2. Não há necessidade de nenhum crente temer o juízo final, uma vez que é Deus quem garante que seus servos nunca sofrerão tribulações que são originadas nele, para castigo daqueles que não o temem.

3. Satanás continua fazendo de tudo para que pessoas não compreendam e não vivam segundo a Palavra de Deus. Devemos lembrar sempre que é exatamente pela crença na Palavra, personificada na pessoa de Jesus Cristo, que o homem será salvo.

4. O Cordeiro é, também, o Bom Pastor. Se permitirmos, ele nos conduzirá sempre em paz, às fontes de águas vivas, aos pastos verdejantes, à vida eterna. Se não o tivermos como nosso Bom Pastor, certamente levaremos uma vida de insegurança, de aflições, de terríveis sofrimentos.

5. Devemos anunciar o Evangelho sem cessar, para que no último dia mais pessoas possam ser marcadas como servas de Deus, e possam estar livres de todo o sofrimento que virá por causa da ira de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Êxodo 12:1-36.* Deus manda seu povo se resguardar, através de uma marca, de todo o sofrimento que viria sobre os egípcios.

Terça - *Josué 13.* A de Canaã, prometida por Deus ao seu povo, é dividida entre as doze tribos de Israel.

Quarta - *Isaiás 1:1-18.* Deus limpa o homem dos seus pecados e os torna brancos como a neve.

Quinta - *Hebreus 9:1-15.* O sangue de Jesus Cristo é que purifica o homem do seu pecado e permite que habite no céu, diante do próprio Cordeiro.

Sexta - *1 João 1.* Todos nós somos pecadores, sem excessão. Não fosse o sangue de Jesus Cristo, estariam todos condenados à perdição.

Sábado - *João 14:1-6.* O próprio Senhor Jesus Cristo foi quem preparou morada nos céus para os seus discípulos

17

OS QUE VENCERÃO A BESTA

Apocalipse 14:1-13

João viu a malignidade e o poder das duas bestas voltados contra os crentes em Cristo. O império romano blasfemando contra Deus, guerreando contra os santos, vencendo-os, sendo exaltado e adorado pela humanidade. Viu o romanismo religioso enganando os homens através de maravilhas e falsos ensinamentos, dando caráter espiritual ao império romano e matando todos os que não se curvassem à idolatria romana. Parecia que tudo estava perdido; que o mundo todo jazeria sob o império do mal para sempre, que ninguém escaparia.

Mas uma outra visão é concedida ao fiel apóstolo de Cristo. Agora uma visão de conforto para os fiéis ao Cordeiro e seu Pai e de alerta para os que, por algum motivo, ainda não se curvaram à besta. É uma visão da realidade eterna para os que morrem no Senhor Jesus, como seus remidos, fiéis à sua Palavra; uma realidade de vitória sobre a besta, de libertação da sua

tirania maligna, daquela que conduz seus adoradores a experimentarem a ira de Deus manifestada na condenação ao sofrimento eterno.

É sobre as características pessoais e atitudes desses que vencem o poder maligno de Satanás, morrendo no Senhor, que estaremos aqui estudando.

VENCEM OS QUE ESTÃO COM O CORDEIRO DE DEUS - v. 1-5

Esta visão se divide em três cenas. A que surge em primeiro plano mostra o Cordeiro sobre o monte Sião e, juntos com ele, cento e qua-renta e quatro mil servos de Deus. Ouvi uma voz muito forte do céu que lhe anuncia quem são os que estão com o Cordeiro, e um cântico celestial suave e maravilhoso, desconhecido dos homens comuns e conhecido somente pelos servos de Cristo, que é entoado diante do trono de Deus, dos quatro animais e dos vinte e quatro anciões que estavam diante do trono de Deus.

CONCLUINDO

Baseados no próprio texto que estudamos, sem medo de nos perdermos em suposições impossíveis, podemos afirmar que a primeira besta é o império romano. Representado por seus imperadores e imerso no paganismo, blasfemou contra Deus, zombou das suas instituições, perseguiu e matou os crentes em Jesus, dominou o mundo, foi admirado e louvado por todos como um império que veio dos deuses.

A segunda besta, mais difícil de ser identificada, tem sido alvo de muitas conjecturas e existem inúmeras teorias a respeito de quem seria, principalmente por causa de especulações com o número 666 (v. 18) que identificaria um homem. Há os que afirmam ser o imperador Nero, outros Domiciano, e há, ainda, os que afirmam ter sido Hitler, o ditador alemão que, na década de 40 do século XX, levou o mundo a uma guerra mundial. Não podemos nos deixar levar por tais conjecturas. Conforme demonstra Ray Summers, o que tem importância no texto bíblico não é o nome, porém o número e este significaria um poder maligno extremamente forte (p. 166) representado por um homem.

Assim sendo, devemos notar que a segunda besta é “o cordeiro de Satanás” (v. 11). Sutil, falaciosa, deu aparência religiosa ao império

romano (v. 12-15) e engana o mundo com grandes sinais de prodígios. Mais adiante a segunda besta vai receber o título de “falso profeta” (16:13; 19:20; 20:10), o que a identifica com algo de cunho religioso aparentemente vindo de Deus, ou aparentemente cristão. É, também, uma besta que não vem de longe (não subiu do mar), mas surge do próprio meio (subiu da terra).

Não tenho dúvidas em dizer, baseado no texto bíblico, de que a segunda besta é o romanismo, representado pela Igreja Católica Apostólica Romana, que, à partir de Constantino, assumindo um suposto papel de cristianismo, imprimiu cunho religioso ao império romano, levando todo o mundo a venerá-lo, perseguiu e matou cristãos autênticos que não se curvaram ao catolicismo, fundamenta-se em milagres, e engana o mundo com falsas pregações, levando a humanidade a pensar distorcidamente a respeito do Evangelho e, consequentemente, vivenciar um cristianismo completamente distanciado dos ensinamentos de Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Daniel 7

Terça - Mateus 4:1-11

Quarta - Mateus 24:1-11

Quinta - 2 Tessal. 2:1-12

Sexta - Deut. 13:1-11

Sábado - 1Reis 18:31-39

11

O SÉTIMO SELO - AS SEIS TROMBETAS DO JUÍZO DE DEUS

Apocalipse 8 e 9

Com a abertura dos seis primeiros selos foi revelada a João, de maneira breve, uma dramatização representativa dos resultados dos conflitos do mal contra Deus recaíndo sobre a própria humanidade, que se estendeu até uma visão também rápida do juízo final, mostrando o pavor da humanidade resistente ao senhorio de Deus, diante do cataclismo final que abalaria todo o universo.

Antes da abertura do sétimo selo, foi revelado o cuidado de Deus para com seus servos que saíram da grande tribulação terrena, providenciando para que não sofram as consequências da sua ira contra a malignidade, levando-os a serem reconhecidos pelos seus mensageiros da justiça e guardados nas mansões celestiais, pelo Cordeiro.

Agora, na abertura do sétimo selo, a revelação vai enfatizar as consequências do juízo divino, através dos tempos seguintes, sobre

aqueles que não o temem, que não lavaram as suas vestes no sangue do Cordeiro, rejeitando-o como Salvador que se sacrificou. A visão de João, imediatamente anterior à abertura do sétimo selo, dá a idéia da importância desse juízo divino. Primeiramente há um silêncio no céu que traz a idéia de uma grande expectativa; depois são entregues sete trombetas a sete mensageiros de Deus. Deve ser lembrado que as trombetas eram utilizadas para convocações à guerra ou para chamar atenção para importantes anunciações governamentais. O que seria anunciado envolvia o poder divino e o seu povo, e isto é representado pelo altar, o incensário e as orações. O fogo que é tirado do altar, é colocado no incensário e é lançado sobre a terra, mostra que as catástrofes anunciadas seriam provenientes da parte do próprio Deus.

Há comentaristas que procuram localizar as catástrofes anunciadas

somente no tempo da destruição de Roma. Argumentam que isto consolaria os cristãos primitivos que estavam sofrendo perseguições da parte do império romano. No entanto, essa argumentação não pode ser válida, considerando-se que o Apocalipse perderia o seu valor para o futuro, para os cristãos de outras épocas. Além disso, na anunciação das catástrofes há a referência à destruição de frações não somente do território e povo romano, mas de toda a terra e de frações de toda a humanidade.

AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS - v. 7 a 13

As quatro primeiras trombetas são tocadas consecutivamente pelos arautos de Deus e, ao toque de cada uma acontece uma calamidade sobre a terra, sempre vinda de cima, trazendo a idéia de que são originárias do alto, como manifestações da justiça divina. Ao toque da primeira trombeta desce do céu uma terrível tormenta de enxofre em chamas, de saraiva e sangue, que faz com que a terça parte da terra, da vegetação e das florestas, sejam destruídas. Ao toque da segunda, cai no mar como que um grande monte em fogo, que faz com que a terça parte do mar se torne em sangue, provocando a morte da terça parte das criaturas marinhas e a destruição da terça parte dos navios no mar. Ao toque

da terceira, uma grande estrela ardendo em chamas cai do céu sobre a terça parte dos rios e das fontes de águas tornando-as venenosas, fazendo com que muitos homens morressem. E, ao toque da quarta trombeta, há uma escuridão parcial do dia e da noite, provocados pelo escurecimento da terça parte do sol, da lua e das estrelas.

Os cataclismos abrangem elementos de grande valor para a humanidade, elementos que fazem parte da natureza que é tão preciosa para a vida do homem. São elementos que chegam a ser até mesmo venerados por grande parte da humanidade, como se fossem divindades. Mas Deus mostra o seu poder e a sua justiça, atingindo a humanidade iníqua através da natureza.

A QUINTA TROMBETA 9:1-12

Antes de ser tocada a quinta trombeta há um pequeno intervalo e João vê uma águia (ave que era considerada pelos judeus como um animal de mau agouro) voando pelo meio do céu, anunciando, através de uma lamentação, os grandes sofrimentos que ainda aguardavam os que habitam sobre a terra. Estava anunciando que ao toque das próximas trombetas, as calamidades seriam, não sobre a natureza,

A BESTA QUE SUBIU DA TERRA - v. 11-18

O apóstolo João ainda estava com a visão da besta que subiu do mar em sua mente, quando viu surgir uma outra besta, só que desta vez, subindo da própria terra. A descrição da sua aparência é mais simples que a anterior e o seu poder é vinculado ao dragão e à outra besta. Tinha dois chifres como de um cordeiro. Isto significa que a sua aparência era a de um cordeiro e não de um ser monstruoso como a besta da visão anterior. A sua fala era como a do dragão, o que significa uma fala enganosa (12:9; Gn 3:1-5).

Suas atividades são descritas por João e se resumem em **fazer com que os habitantes da terra adorem a primeira besta, praticando a idolatria, e sejam escravizados pelo mal**.

Os meios de levar os habitantes da terra a adorarem a primeira besta são:

1. Enganando através de sinais maravilhosos - v. 13,14. Sinais tão maravilhosos que até fogo faz descer do céu, e isto à vista dos homens. Estes sinais não têm a finalidade de intimidar, porém de enganar. São sinais que supostamente viriam de Deus, numa imitação do que o Senhor fizera no passado (como exemplo ver 1Reis 18:31-39).

2. Pregando a idolatria - v. 14,15. É importante observar que a besta **faz com que as maravilhas sejam**

acompanhadas de palavras de incentivo à idolatria ("...dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta...").

3. Utilizando a violência - v. 15. Os não convencidos a idolatrarem a primeira besta, os que não se dobraram através dos sinais maravilhosos ou da pregação herética, são levados à morte pelo poder da segunda besta.

4. Coagindo através da monopolização do prazer - v. 16,17. A escravidão ao mal está figurada no sinal da besta que é colocado na mão direita e na testa dos homens (v. 16), que tem o objetivo de monopolização pela própria besta, do prazer que "Mamom" (Mat. 6:24) exerce na humanidade.

Aqui é preciso observar que muitos têm conjecturado a respeito do que seja o sinal da besta e muitas idéias plausíveis têm sido ventiladas, mas, também, muitas idéias completamente absurdas. Como o Apocalipse é escrito em linguagem figurada, para entendermos o que representa a idéia do sinal da besta, é necessário compreendermos, primeiramente, que a mão direita significa poder de ação e que fronte (testa) significa pensamento. Sendo assim, o que a visão mostra, é que a besta trabalhará para imprimir a sua marca nos atos e pensamentos da humanidade. Só sentirão o prazer do mundo, os que estiverem marcados pela idolatria, pelo sentimento de adoração àquele que blasfema de Deus.

Para termos uma idéia das características dessa personificação satânica, poderosa contra os fiéis que testemunham de Cristo, precisamos interpretar a visão criteriosamente.

1. Sete cabeças. Inteligência. Apesar do número sete representar perfeição, não podemos dizer que a besta teria inteligência perfeita. O número sete simbolizaria a grandiosidade da inteligência e, ao mesmo tempo, a tentativa de usurpar características que pertencem somente a Deus.

2. Dez chifres. Os chifres na linguagem apocalíptica simbolizam poder. A besta teria grande poder, porém limitado (v. 2), uma vez que a sua permissão para guerrear contra os santos, foi dada pelo próprio Deus (v. 7).

3. Dez diademas. Dez coroas. Símbolo de realeza, majestade. A besta recebeu o trono de Satanás.

4. Um título de blasfêmia. Usuração do que é divino, tentativa de ser igual a Deus. A besta foi adorada por toda a terra (v. 3,4,8).

5. Semelhança ao leopardo. Força e rapidez para se locomover, propagando o mal.

6. Pés como de urso. Força para despedaçar, para matar.

7 Boca como a de um leão. Força para rugir, para proferir grandes blasfêmias contra Deus (v. 5,6).

8. Cabeça ferida de morte e recuperada. Grande capacidade de recuperação, diante de situações

de destruição iminente. Uma grande capacidade de sobrevivência.

Apesar de ser uma horrenda personificação de Satanás, a besta é adorada e exaltada por toda a terra, por todos os que rejeitam o sacrifício do Cordeiro e não querem adorá-lo (v. 4,8). O motivo da exaltação está no versículo 7: a guerra e a vitória sobre os santos de Deus. O mundo adora e exalta a besta satânica porque odeia os servos de Jesus Cristo (João 15:18-20).

No capítulo 17 do Apocalipse, há uma clara identificação desta besta como sendo o império romano. A visão de João que estamos estudando nos dá esta idéia, também. A besta subiu do mar, numa alusão a algo que vem de fora, de longe, do outro lado do mar. Blasfemou contra Deus e guerreou contra seus servos. Roma se dedicou a usurpar o lugar de Deus e perseguiu tenazmente os cristãos porque se recusavam a praticar o culto ao imperador romano. Roma aparentemente venceu o cristianismo, que teve que sobreviver nas catacumbas, nos esconderijos, na clandestinidade. O império romano era a personificação do poder de Satanás voltado contra os servos de Cristo.

O apóstolo João termina a descrição dessa visão com uma profecia e uma conlamação à paciência diante das perseguições: Roma um dia seria cativa e um dia morreria à espada.

atingindo a humanidade indiretamente, mas sobre a própria humanidade.

A quinta trombeta é tocada e o apóstolo tem, novamente, uma visão de algo que vem do céu: uma estrela que abre um profundo poço, que alcança o mais profundo abismo. Aberto o poço, sobe dele uma grande fumaça da qual sai um exército terrível, para causar mal aos que não têm na fronte o selo de Deus (isto quer dizer que os servos de Deus, neste momento terrível, estão no mundo e, ao contrário do que muitos ensinam, não foram arrebatados). Não poderiam matá-los, mas causar um tormento por um período de tempo determinado, nem curto nem muito longo, tão terrível que ficariam a buscar a morte, porém sem alcançar êxito.

O exército tinha uma aparência terrível. Eram gafanhotos, insetos temidos pela sua capacidade de devastação da vegetação, só que proibidos de devastá-las, se voltariam contra os homens. Foram liberados das profundezas do abismo, trazendo a idéia de que eram seres infernais. Eram extremamente altivos (conduziam coroas como que de ouro sobre a cabeça); inteligentes (seus rostos eram como rostos de homens); sedutores (tinham cabelos como que de mulheres); ferozes (seus dentes eram como que de leões); indes-

trutíveis (suas couraças eram como que de ferro); velozes (suas asas batiam velozmente); extremamente capazes de provocar sofrimentos (tinham caudas como que de escorpiões). Foram liberados do abismo, vindo das profundezas do mal e eram liderados pelo rei do abismo, cognominado "Destruição".

O que entendemos dessa visão, é que Deus permite que a humanidade má seja castigada com sofrimentos terríveis, pela personificação infernal do próprio mal.

ASEXTA TROMBETA

9:13-19

Ao toque da sexta trombeta, uma voz, vinda do altar que estava diante de Deus (significa que a ordem veio do próprio Deus), ordena ao anjo que tocou a trombeta para que solte os quatro mensageiros, preparados para, naquele dia, liderarem um grande exército destruidor, que mataria a terça parte da humanidade. Era um exército imenso, impressionante, de 200 milhões de cavaleiros que, conforme Summers afirma (A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro, 4ª edição, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, em 1980), "em formação regular, era uma tropa de cavalaria que ocuparia o espaço de uma milha de largura por oitenta e cinco milhas

cavaleiros eram como que tochas de fogo; e os cavalos eram ferozes animais que expeliam pela boca fogo, fumaça e enxofre, além de terem caudas semelhantes a serpentes.

Toda esta visão simbolizava a capacidade de destruição desse exército vindo da parte de Deus, liderado por quatro anjos de Deus, com a finalidade de destruir uma grande parte da humanidade.

OBJETIVO E RESULTADO DAS SEIS MANIFESTAÇÕES DA JUSTIÇA DE DEUS

9:20,21

O objetivo de Deus, ao enviar terríveis calamidades sobre a humanidade, é apresentado neste breve comentário ao final da apresentação das seis trombetas: o arrependimento da rejeição ao Deus verdadeiro; da idolatria, da feitiçaria, dos homicídios, dos furtos e das imoralidades.

Lamentavelmente o resultado é triste. Apesar de tanto sofrimento amargado e presenciado pelos que escaparam com vida, não houve arrependimento algum, e a revelação nos mostra que a maior parte da humanidade endurecerá sempre o seu coração e nunca chegará ao arrependimento, apesar de os homens sofrerem as consequências do seu próprio pecado. Que, inclusive se voltarão mais ainda contra Deus.

CONCLUSÃO

Deus não se deixa escarnecer e providencia para que a sua justiça seja sempre cumprida e manifestada sobre seres humanos que o rejeitam. Quando castiga, o seu primeiro objetivo é sempre o arrependimento do homem. Se este não se arrepende, sofre por causa do próprio endurecimento de coração. Artifícios humanos para modificar a sociedade, procurando fazer com que ela encontre melhores dias, de nada adiantarão porque a humanidade, na sua grande maioria e em todos os tempos, não se curva à justiça divina para reconhecer que precisa de arrependimento e para aceitar o Cordeiro como Salvador. E isto fará com que vá sempre de mal para pior.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 141. O desejo do servo de Deus de que as suas orações subam à sua presença.

Terça - Ezequiel 11:1-13. Deus manifesta a sua justiça sobre os que praticam iniquidade.

Quarta - Lucas 8:26-31. Os demônios habitam no abismo.

Quinta -Êxodo 10:12-16. A destruição dos gafanhotos.

Sexta - Jó 3. Um homem atormentado que deseja a morte.

Sábado - Isaías 47:8-15. Não há quem salve os que não se arrependerem.

16

O INÍCIO DA REVELAÇÃO

Apocalipse 13

A visão anterior, a do dragão tentando destruir o Messias e da perseguição ao povo de Deus, fiel à esperança de um Salvador, que deu origem a ele, se encerra com a cena do dragão se dirigindo contra a semente da igreja judaico-cristã, as igrejas fiéis a Deus e testemunhas da salvação em Jesus Cristo, para lhes fazer guerra.

A visão que estamos para estudar é a continuação da anterior, sem qualquer interrupção. Ou seja, é a visão inicial da guerra que Satanás travou contra as igrejas de Cristo, só que não aparece o dragão (Satanás) em pessoa, porém prepostos seus. Seres que têm a sua natureza grosseira, bestial. Seres que personificam o inimigo de Cristo e seus discípulos, que têm os mesmos interesses do inimigo de Deus.

Estaremos, neste estudo, procurando identificar as duas bestas e o modo como guerrearam contra as igrejas nos dias do apóstolo João e continuaram guerreando até o presente contra aqueles que “guardam os mandamentos de

Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo”.

A BESTA QUE SUBIU DO MAR

v. 1-10

Na sua visão, João colocou-se à beira-mar, nas areias de uma praia e viu um ser monstruoso que subia do mar. Tinha a forma de um leopardo, sete cabeças, dez chifres, pés como de urso e boca como de leão. Sobre a figura havia um nome que a identificava como blasfemadora contra Deus. Tinha grande poder, que recebera do próprio Satanás, porém um poder por tempo limitado (quarenta e dois meses, ou três anos e meio, ou mil duzentos e sessenta dias - o tempo em que a mulher estaria refugiada no deserto, alimentada por Deus - 12:6).

Já dissemos anteriormente que as bestas são personificações de Satanás e seu poder maligno voltado contra os servos de Deus. Através dos tempos ele tem se personificado em bestas que guerreiam contra o povo de Deus.

versais e temporais. O Filho venceu pela sua obediência ao Pai e amor à suas criaturas; os judeus fiéis venceram pela submissão à providência divina, à promessa do Salvador; os anjos do céu venceram por causa da sua fidelidade a Deus e ao Filho de Deus; e as igrejas de Cristo venceram por causa da aceitação do sacrifício do Cordeiro e fidelidade à Palavra de Deus. É uma mensagem de esperança que mostra que Satanás não poderá vencer, nunca, os que crêem na Palavra de Deus.

É uma visão de alegria, porque a salvação veio à humanidade, estando disponível para os que crêem no Filho de Deus; porque o reino do nosso Deus, a quem pertencemos, já é uma realidade entre nós, diferentemente do que muitos pensam, que esse reino ainda estaria por vir. E, também, uma visão de alegria, porque não precisamos ficar preocupados com acusações diante de Deus, porque o nosso acusador nem tem mais acesso a Deus.

É uma visão de alerta, porque nos mostra que estamos vivendo uma guerra que é desfechada por Satanás contra todas as igrejas do Senhor Jesus Cristo. Igrejas que são fiéis em guardar os princípios estabelecidos por Deus para seus servos; igrejas que são compostas de indivíduos que têm o testemunho de Cristo, ou seja, vivem e anunciam a salvação que é dada por Jesus Cristo.

Essa é a luta de Satanás. Uma luta contra a salvação providenciada por Deus, uma luta contra a Palavra de Deus. Mas, também, essa é a vitória dos que lutam contra ele: a aceitação da salvação e a fidelidade à Palavra de Deus.

Nessa visão ainda não é mostrada a derrota final de Satanás, mas, por causa da visão de Satanás fazendo guerra contra os servos de Cristo, não há motivo de medo algum, uma vez que os servos se entregaram a Cristo, confiando que ele é a verdade, que é a manifestação viva e pessoal da Palavra de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Miqueias 5. O profeta anuncia que dos judeus viria o Salvador.

Terça - Mateus 1:18-25. O Salvador nasce de uma mulher judia.

Quarta - Mateus 2:1-12. Herodes tenta matar o Salvador.

Quinta - Lucas 10:1-24. Jesus anuncia que Satanás foi lançado à terra.

Sexta - Atos 4:1-31. É movida a primeira perseguição aos judeus convertidos a Jesus.

Sábado - Atos 7:54-60; 8:1-5. É movida uma grande perseguição contra a igreja de Jerusalém (judeus convertidos).

Domingo - Gálatas 5:1-15. A igreja gentilica sofre com o ataque de falsos profetas.

12

O LIVRINHO E A MEDIDA DO TEMPLO

Apocalipse 10 e 11:1,2

O apóstolo João estava recebendo a revelação do Apocalipse e os mensageiros de Deus marcavam sempre uma grande presença, nas mais diversas atividades. Na última visão, os anjos tocavam suas trombetas e a justiça de Deus era manifestada sobre a humanidade que sofria mas não se arrependia. De repente há como que um intervalo preparatório para as revelações seguintes e ele vê outro mensageiro celestial, mas dessa vez vindo em sua direção trazendo-lhe um pequeno livro aberto. É uma visão de difícil interpretação e que deve ser estudada com cuidado para que a compreendamos.

O MENSAGEIRO - v. 1-4

Comentaristas têm tido dificuldade em definir quem seja este mensageiro porque ele não pode ser identificado com nenhum outro anjo visto por João anteriormente e, ao mesmo tempo, porque relutam em identificá-lo com Cristo, porque este, como dizem, não é um anjo. No entanto, esta dificuldade não tem

razão de ser porque, como já vimos, ‘*angelos*’ não é a designação de um ser celestial, porém designação de uma função. Ou seja, anjo é um mensageiro, um ser incumbido de transmitir uma mensagem. Além disso, no Velho Testamento, o Filho de Deus, o Verbo não encarnado, é chamado de “o anjo do Senhor”.

Na visão pode ser visto conclusivamente que o mensageiro é Cristo pelo fato dele ter afirmado a João que **daria poder às suas duas testemunhas** (11:3).

A MENSAGEM v. 2,8-11

A mensagem era de tanta importância que o próprio Senhor Jesus, como o mensageiro de Deus, pessoalmente, a trouxe ao seu servo João. Ela deve ser analisada com atenção para que compreendamos a sua importância.

1. Era uma mensagem que deveria chegar aos servos de Cristo de qualquer maneira. Isto estava simbolizado na figura de um

mensageiro forte, vigoroso, que clamou com voz muito forte.

2. Era uma mensagem divina. O mensageiro descia do céu, trazia consigo o arco íris, demonstrando a sua divindade (anteriormente o arco tinha sido visto por João acima do trono de Deus) e estava envolvido por uma nuvem (no Velho Testamento simbolizava a presença de Deus).

3. Era uma mensagem que deveria ser conhecida por todo o mundo. O pequeno livro já veio aberto do céu, significando que o seu conteúdo não deveria ser guardado em segredo. Além disso, o mensageiro colocou um pé sobre o mar e o outro sobre a terra, dando a idéia da universalidade da mensagem.

4. Era uma mensagem que tinha um teor de justiça divina. Os pés do mensageiro como colunas de fogo deixam isso demonstrado, por quanto Deus sempre manifestou a sua justiça sobre a impiedade com fogo, desde que prometeu não mais justiçar a humanidade através da água, após o dilúvio.

5. Era uma mensagem imutável. O mensageiro trazia na sua mão um livro pequeno aberto. Um livro contém palavras escritas que se perpetuam, sem possibilidade de ser distorcidas. Aliás, devemos lembrar que o Senhor Jesus venceu a tentação no deserto citando as Escrituras, sempre iniciando a sua

resposta a Satanás dizendo “está escrito”. O significado disso era o de que a mensagem divina é imutável e deve ser propagada sem alterações, como ela é.

6. Era uma mensagem que revelava o mistério de Deus. Isto foi anunciado pelo mensageiro (v. 5-7), quando mandou que João não se preocupasse em anunciar o que ouvira dos sete trovões, porque já não havia mais tempo, pois o sétimo anjo estava para tocar a sua trombeta e a mensagem que já fora transmitida pelos profetas do passado iria se cumprir.

Há especulações a respeito do que seria este mistério e, em alguns meios chamados evangélicos, principalmente os neo-pentecostais, já virou até motivo de um misticismo exagerado. Mas podemos aceitar que o mistério seja o evangelho de Cristo que foi anunciado desde os tempos antigos (Jo 5.39, Rm 16.25, 1Co 2.7, Ef 3.4). Estava determinado por Deus e escrito que um dia ele julgaria as nações e que o elemento de julgamento seria a fé dos que creram no seu Filho.

7. Era uma mensagem que deveria ser anunciada pelos servos de Cristo. A João foi dada uma ordem divina de comer o pequeno livro (v. 8-10). A maioria absoluta dos comentaristas se referem a esta ordem como sendo dada ao próprio apóstolo João. No entanto, João estava preso na Ilha de Patmos, já no final da sua vida, e não há qualquer

tem mais acesso às regiões celestiais.

4. Aluta contra as igrejas de Cristo. Está registrada no versículo 17. Irado porque não conseguiu derrotar os judeus fiéis ao Filho de Deus, que foram usados por Deus para o envio do Messias, que fizeram parte da primeira igreja de Jesus Cristo na face da terra, Satanás se vira contra as igrejas de Cristo formadas por todos os salvos, em todos os lugares, que guardam os preceitos divinos e passaram por uma experiência com Cristo, e vai fazer guerra à elas.

O RESULTADO DAS LUTAS

Apesar de todo esse esforço, as visões mostram que Satanás foi derrotado e que sempre o Filho de Deus e os seus discípulos foram vitoriosos. O Filho de Deus veio ao mundo e estabeleceu aqui o reino de Deus (v. 10); venceu a morte, foi elevado ao céu e sentou-se à destra do Pai, confirmando o seu reino celestial (v. 5). Os judeus primitivos fiéis ao Messias, escaparam e ficaram fora do alcance de Satanás (v. 6, 14,15). Os servos de Cristo, de um modo geral, ficaram sem acusador (v. 10) e a humanidade teve acesso à salvação (v. 10). O dragão ficou cada vez mais irado e voltou-se contra as igrejas de Cristo (v. 12, 17).

AS CAUSAS DA DERROTA DO DRAGÃO

No texto podemos enumerar, pelo menos, quatro causas da derrota de Satanás.

1. A providência de Deus. Ele ressuscitou o seu Filho e o levou novamente para junto de si (v. 5); providenciou para que Satanás não tivesse acesso ao seu povo fiel (v. 6,14); providenciou o sustento para o seu povo.

2. A fidelidade dos anjos de Deus. Os anjos que não se alinharam com Satanás na sua rebeldia contra Deus, permaneceram fiéis e, liderados pelo arcanjo Miguel, expulsaram o diabo das regiões celestiais.

3. A obediência do Filho. O Senhor Jesus foi fiel ao Pai até à morte e, com o seu sacrifício derrotou Satanás (v. 11), dando a vitória aos seus servos. Ele declarou essa derrota quando estava para ser morto (João 12:31).

4. A fidelidade dos servos de Cristo à palavra do seu testemunho. Jesus estabeleceu que seus discípulos deveriam falar anunciando o evangelho da salvação. Essa anunciação manifesta a fidelidade a Cristo e só pode ser levada adiante se houver um desprendimento da vida. Na visão é dito que houve fidelidade porque os servos de Cristo não amaram as suas próprias vidas, desafiando a própria morte para anunciar o nome dele (v. 11).

CONCLUINDO

A visão é clara e mostra a vitória daqueles que são fiéis a Deus e ao Seu Filho, em todos os níveis uni-

demais igrejas de Cristo, em todos os tempos e em todos os lugares.

ODRAGÃO

.Diante da mulher que estava para dar à luz, parou um dragão vermelho, animal mitológico, que representa grande perigo pela sua ferocidade. Era um ser extremamente poderoso, com sete cabeças (símbolo de inteligência), dez chifres (símbolo de poder) e diademas sobre as cabeças (símbolo de autoridade). A sua cauda tão longa e poderosa (arrastou a Terça parte das estrelas do céu e as lançou sobre a terra), simbolizava a grandeza e extensão do seu poder, que não era total nem universal, porém extremamente grande.

A sua identificação está nos versículos 7 a 9, onde lemos de Miguel, anjo de Deus, batalhando contra o dragão que logo é identificado com a antiga serpente, o Diabo.

ALUTA DO DRAGÃO CONTRA SALVAÇÃO

A luta do dragão é apresentada em quatro níveis: contra o povo escolhido de Deus para impedir o nascimento do Messias e por ódio pelo seu nascimento (v. 4,13-15); contra o Messias (v. 4,5); nas regiões celestiais (v. 7,8); e contra os servos de Cristo de um modo geral (v. 10). No entanto, a luta se resume em um só motivo: destruir o plano de salvação providenciado por Deus para a humanidade.

1. A luta contra o povo de Deus - está figurada na visão do dragão diante da mulher esperando para tragar-lhe o filho; na perseguição à mulher (v. 13); e na tentativa de arrebatar-lá lançando água da sua boca (figura difícil de ser interpretada, mas creio que boca significa palavra e a figura simbolizaria Satanás, o enganador (v.9), tentando destruir o remanescente judeu, fiel ao Messias, através de uma enxurrada de falsos ensinamentos).

2. A luta contra o Messias - está figurada na visão do dragão parado diante da mulher, esperando para tragar o seu filho a fim de impedi-lo de estabelecer o seu reinado de salvação no mundo, visão que pode ser identificada com todos os ardis de Satanás a fim de impedir o Senhor Jesus Cristo de iniciar e concluir o seu ministério neste mundo, tais como a tentativa de Herodes para matar Jesus, a sua tentação no deserto, e as dos líderes judeus, que em diversas ocasiões tentaram desacreditá-lo, demovê-lo da sua missão, ou matá-lo antes do tempo do seu sacrifício.

3. A luta nas regiões celestiais - Está na visão dessa luta, registrada no versículo 7. Deve ser observado que a primeira visão do dragão mostra ele no céu, tendo algum poder no universo. Após o nascimento do Messias, há a visão da luta nas regiões celestiais, a derrota de Satanás, a expulsão dos céus e o seu confinamento à terra (em Lucas 10:18 podemos ler do Senhor Jesus falando a esse respeito). Ele já não

referência histórica ao fato dele ter saído novamente a pregar pelo mundo afora. Aqui há um simbolismo na ordem dada ao apóstolo. Ele representaria, de fato, todos os discípulos de Jesus que compõem as suas igrejas, que estariam recebendo a ordem de continuar pregando o Evangelho mesmo diante da insensibilidade dos ímpios para as manifestações da justiça de Deus (9:20,21). É importante essa ordem dada a João porque ele estava preso exatamente por causa da pregação da Palavra e tinha recebido revelações que mostravam a incredulidade dos povos e a necessidade de continuar pregando. Os crentes estavam sendo perseguidos, sofrendo, rejeitados, mas o evangelho precisava continuar sendo anunciado a todas as nações.

8. A mensagem deveria ser anunciada apesar do seu resultado. A mensagem era de justiça divina. Por isso era agradável ao servo de Deus. Mas o seu resultado seria amargo, inclusive para os seus pregadores, uma vez que produziria muita dor e sofrimento entre as nações. Para o pregador é amarga porque ele sofre ao ver a incredulidade e por conhecer qual será o resultado dessa incredulidade. Para o incrédulo é, também, amarga, porque a mensagem anunciada servirá para tornar o ímpio indesculpável diante de Deus.

AMEDIÇÃO DO TEMPLO 11:1,2

Após receber a ordem de anunciar a mensagem escrita que recebera, o apóstolo João recebe um instrumento de medição e a ordem de medir o templo de Deus, o santuário e as pessoas que nele adoram. Ao contrário do que alguns pensam, não é uma outra visão, porém a continuação do diálogo do mensageiro (Cristo) com ele. O que ela representaria para os leitores?

1. Medir representa conhecer de maneira exata. O anjo estava mandando que o servo de Cristo conhecesse perfeitamente o templo de Deus, o lugar de sacrifício (altar), onde Deus se manifestava e os verdadeiros adoradores de Deus.

2. O templo e o altar representam comunhão com Deus através do sacrifício do Cordeiro. E não existe comunhão com Deus sem adoradores, por isso é dada a ordem de medir, também, os adoradores do templo. O templo da visão **não era o templo de Jerusalém**, como tantos afirmam, uma vez que ele já tinha sido destruído pelos romanos há, pelo menos, 25 anos. Também não é um anúncio da restauração do templo de Jerusalém aqui neste mundo, como tantos outros afirmam, porque o Apocalipse mostra que tudo aqui será destruído.

Interligando a ordem anterior, a de pregar a mensagem divina escrita, com a de medir o templo, ficamos conhecendo o significado da ordem na sua totalidade: **o pregador deveria conhecer perfeitamente a mensagem que pregaria, o evangelho de Jesus Cristo que anuncia aos homens a comunhão com Deus através do sacrifício de Jesus.** Isto lhe daria capacidade de profetizar a todas as nações de maneira perfeita, guardando e anunciando a verdadeira mensagem.

3. Deixar de medir o átrio fora do templo. O átrio era um lugar de acesso livre a qualquer pessoa, mesmo os que não pertenciam ao povo de Deus, onde não existia culto, nem manifestação divina. Esta ordem significa, então, **deixar de lado a periferia, o que não era a essência da mensagem**, que qualquer um poderia se preocupar. Essa periferia da mensagem do Evangelho, fora entregue aos que não pertencem ao povo de Deus, que não são servos de Jesus Cristo, mas que perambulam pelos arredores da fé cristã, sem vivê-la através de uma experiência com Cristo de conversão, mas aproveitando do nome dele para auferir algum tipo de vantagem (nos Evangelhos temos a visão de Jesus expulsando do átrio exterior do templo de Jerusalém, aqueles que se aproveitavam do sistema de cultos judeus para auferirem lucros pessoais - Mat. 21:12-22; Mar.

11:15,16). Deveria ser deixada de lado, porque os falsos servos perambulariam por ela e perderiam um tempo relativamente longo (representado pela expressão quarenta e dois meses, igual a mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio), mas de final determinado. Seriam os que pareceriam estar na Cidade Santa (a igreja de Cristo, conforme veremos em estudos posteriores), mas somente como peregrinos, sem fazer parte, de fato, do reino de Deus.

CONCLUINDO

A visão do recebimento do pequeno livro com a ordem de engoli-lo e profetizar, juntamente com a ordem de medir o templo, o altar e os verdadeiros adoradores, é uma síntese do que seja viver o cristianismo como servos de Cristo: recebendo a sua mensagem que está nas Escrituras, interiorizá-la e anunciá-la com objetividade e conhecimento, preocupando-se com a sua essência de levar pessoas à possibilidade de comunhão com Deus, à partir de uma verdadeira adoração através do Cordeiro que morreu para levar o homem ao seu Criador.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Mal. 3:1-6**
- Terça - Mat. 21:12-22**
- Quarta - Salmo 15**
- Quinta - Gên. 22:1-13**
- Sexta - João 4:19-24**
- Sábado - João 5:26-40**

15

A LUTA DO DRAGÃO CONTRA O CORDEIRO

Apocalipse 12

Após a visão do toque da sétima trombeta e da anunciação de que Cristo tomou posse dos reinos do mundo, assumindo o reinado para sempre, e da chegada do tempo do juízo divino, segue-se uma série de visões que mostram o desenvolvimento da luta de Satanás contra o Cordeiro de Deus e dos seus servos.

Esta primeira visão abre as seguintes e é de grande importância para a compreensão das seguintes. É cheia de figuras de grande significado e que têm raízes em todo o texto bíblico. Analisando cada parte da visão, chegaremos à conclusão do seu significado sem grandes dificuldades.

AMULHER

João viu uma mulher radiante, cheia de luz. Seu resplendor era como o do sol, estava sobre a lua e tinha doze estrelas sobre a cabeça. Estava grávida e pronta para dar à luz (v. 1,2).

Para identificarmos quem seja a mulher, precisamos recorrer aos

versículos 5 e 10, onde, primeiramente é dito que a mulher deu à luz um filho, que regerá todas as nações com grande poder, e depois é declarada a chegada da salvação, o reino de Deus, e a força do seu Cristo. Observando esses versículos, podemos perceber que a mulher representa a origem de Cristo, ou seja, o Israel crente, o verdadeiro povo de Deus, que foi preparado por ele para ser o veículo do nascimento do Messias.

Mais adiante (v. 17), vamos ler a respeito da semente da mulher, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. Isto significa os que foram originários do Israel crente no Messias, ou seja, todas as igrejas de Jesus Cristo, que surgiram como resultado da pregação do evangelho pela igreja judaico-cristã.

Assim podemos dizer que a mulher e a sua semente, são os judeus crentes no Messias que viria, que depois formaram a igreja judaico-cristã e deram origem às

antes de desaparecer no ano 586 a.C., quando os babilônicos dominavam os judeus, a arca ficava no lugar santo dos santos do templo, como recordação da aliança e da presença de Deus, mas não podia ser vista por todos do povo de Deus, uma vez que somente o sumo sacerdote poderia entrar ali.

Na visão de João o templo estava aberto, o lugar santo dos santos também e a arca estava à vista.

CONCLUINDO

Todo crente sincero tem dois grandes desejos em seu coração: viver em comunhão perfeita com Deus e seu Filho, Jesus Cristo, e glorificar o seu nome para sempre, honrando-o como rei e Senhor de todas as coisas. O anúncio da sétima trombeta deixa para nós uma mensagem de certeza de que vivemos para sempre em comunhão com Deus, servindo-o eternamente, glorificando o seu nome.

Mostra-nos, ainda, que apesar de o mundo estar dominado pelo maligno, o reino de Deus já está estabelecido aqui, ao contrário do que muitos afirmam, de que um dia Cristo virá para estabelecer o seu reino neste mundo. Quando Jesus Cristo veio, chegou a nós o reino de Deus. Um reino que nunca terá fim, uma vez que Cristo nunca deixará de reinar sobre este mundo, porque é afirmado que ele reinará para

sempre. Ninguém precisa viver sob o domínio do pavor pensando que haverá um período em que o mundo será totalmente entregue ao maligno e Deus não terá qualquer influência sobre a humanidade. Isto não é verdade e não tem qualquer respaldo bíblico.

Nos lembra, também, que o mundo nunca conseguirá viver em paz com Deus, feliz pelo seu domínio, pela influência da igreja. Qualquer um que ensine assim estará sempre proferindo ensinamento contrário ao que Cristo nos ensinou e mostrou no Apocalipse. As nações se iraram contra o domínio divino, rejeitando os princípios divinos e, fatalmente, virá sobre o mundo a ira de Deus, que fará justiça estabelecendo o seu juízo, destruindo o mal. Às igrejas cabe somente anunciar o evangelho, crendo que neste mundo incrédulo ainda existem muitos que temem o nome de Deus e desejam ter comunhão com ele, estando prontos a receberam seu Filho como Salvador.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Mateus 7:21-27
- Terça - Marcos 13:24-31
- Quarta - João 3:17-21; 31-36
- Quinta - Éxodo 25:10-16
- Sexta - Deuterônómo 10:1-5
- Sábado - Salmo 62

13

AS DUAS TESTEMUNHAS

Apocalipse 11:3-14

QUEM SÃO AS TESTEMUNHAS - v. 3 e 4.

Após a ordem de medir o templo, o altar e os adoradores, de também receber a ordem de deixar de lado o átrio exterior do templo, o mensageiro, informa que daria poder às suas duas testemunhas e que pregariam por um espaço de tempo, até que seriam mortas, ressuscitadas e levadas ao céu.

É um texto complexo, atraente pelo seu aspecto místico, e que atrai muitos que se preocupam em saber quem são as testemunhas. Quase sempre procuram identificá-las literalmente com as mais diversas personalidades ou instituições, esquecendo-se porém de que o Apocalipse é revelado através de símbolos. Quando nos recordamos disso, a identificação não fica tão difícil assim, e terminamos por perceber que o que há de mais importante neste texto é: a) a anunciação de como agiriam as testemunhas de Cristo; b) o que as capacitaria a testemunhar; c) o que aconteceria com elas; e d) o resultado do testemunho.

Assim sendo, passemos inicialmente à identificação delas.

Isto faz cair por terra o pensamento de que as duas testemunhas seriam a Lei e os escritos dos Profetas, porque não são testemunhas de Cristo, mas elementos escritos que conduziam e anunciam a sua primeira vinda.

2. Duas testemunhas é um símbolo de autenticidade do que está sendo anunciado. Nas cortes judaicas eram necessárias, pelo menos, duas testemunhas para que uma causa fosse considerada autêntica. É oportuno observarmos, também, que o Senhor Jesus, quando enviou setenta discípulos seus em missão de anunciação do Evangelho, mandou-os de dois em dois (Lucas 10:1).

3. As testemunhas foram identificadas com as duas oliveiras e os dois candeeiros que estão diante de Deus. Uma referência a Zacarias 4:1-14 (no texto há somente um candeeiro), onde o candeeiro é a representação de Zorobabel se deixando conduzir pelo Espírito de Deus por causa da sua Palavra e para servir de testemunho à autenticidade da pregação do profeta (v.6-10); e as oliveiras o poder do Espírito Santo para fazer com que o servo de Deus verta de si coisas preciosas (v. 11-14).

4. As duas testemunhas foram identificadas com Elias e Moisés. Isto pode ser constatado pelas expressões “eles têm poder para

fechar os céus” (1Reis 17:1) e “poder sobre as águas para convertê-las em sangue” (Êx. 7:20). Elias e Moisés foram profetas fiéis a Deus na obediência e transmissão da sua Palavra.

Dante desses elementos, podemos compreender que as testemunhas não são somente duas pessoas determinadas, mas toda a igreja de Cristo, de todos os tempos e lugares, que é formada por pessoas que tiveram uma experiência real com o Salvador, fiel à Palavra de Deus (deve ser notado que nas sete cartas escritas no início da revelação dão ênfase à fidelidade e ao trabalho pela Palavra de Deus), que é designada e capacitada por Cristo para profetizar, anunciar o seu Evangelho, passando por lutas, por períodos em que a pregação parece morta, ineficaz, sendo zombada por causa da fidelidade à Palavra, mas vitoriosa diante de tudo isso por causa do poder do Espírito Santo que a capacita.

AMISSÃO DAS TESTEMUNHAS - v. 3,5-6

Uma testemunha tem sempre a tarefa de falar do que viu ou experimentou. A tarefa das testemunhas de Cristo não é diferente. Ele anuncia que suas testemunhas profetizarão. Depois do advento do pentecostalismo, muitos crentes passaram a pensar que profetizar é adivinhar o futuro. Quase que profetizar virou sinônimo de

2. Anuncia a gratidão do povo de Deus - v. 16,17. Os vinte e quatro anciãos são a representação do povo de Deus do Velho e do Novo Testamento. Eles se curvam em adoração e dão graças a Deus pelo estabelecimento do seu reino.

3. O juízo divino sobre os que se voltam contra ele - v. 18. A humanidade rejeitou o reino de Deus (João 3:19) endurecendo seu coração contra ele e se irando contra o seu poder, por isso, consequentemente, a sua ira veio sobre a humanidade, juntamente com o estabelecimento do seu juízo. Veio sobre a humanidade o dia de Deus destruir os que destroem a terra, os que praticam o mal e, além disso, são capazes de levar outros a praticarem também. Talvez nessa classe estejam tanto Satanás com seus demônios, quanto homens que se colocam a serviço dele na luta para destruirem o reino de Deus.

4. A dádiva do galardão aos servos de Deus - v. 18. Se por um lado o toque da trombeta anuncia o juízo de Deus sobre a impiedade com a morte e destruição dos que praticam o mal, por outro anuncia que Deus dará o galardão aos seus profetas (pregadores da sua Palavra) e a todos os seus servos (santos - separados do mundo de pecado pelo novo nascimento em Cristo Jesus -, tementes ao nome de Deus).

Observe-se que nesta anunciação não é dito que os servos de

Deus receberão galardões (no plural), porém o galarão (no singular e definido). Aqui a referência é à dádiva da vida eterna e a habitação no reino celestial, como concessão divina. Este é o galardão dos servos de Cristo.

5. A comunhão perfeita com Deus de todos os seus servos e a vida debaixo dos seus princípios - v. 19. A visão do templo de Deus no céu, aberto e com a arca do concerto tem dado origem a muitas interpretações, algumas bastante mirabolantes. Novamente, precisamos lembrar que o templo significa comunhão com Deus, uma vez que, no Velho Testamento, era o lugar onde ele se manifestava aos seus servos. A arca do concerto (ver Êxodo 25:10-16 e Deut. 10:1-5) simboliza o pacto que Deus estabeleceu com seu povo, de restabelecimento de uma vida feliz de comunhão com ele através do Messias, vivida segundo os seus preceitos.

A visão da arca, dentro do templo aberto, significa que uma realidade de perfeita comunhão com Deus e uma vida perfeita sob seus princípios (dentro da arca estavam as tábuas dos des mandamentos dados por Deus a Moisés), estava finalmente estabelecida. Significa, também, que esta vida de perfeita comunhão com Deus era para todos os seus servos, indistintamente, sem qualquer impedimento. Isto porque,

pelas aflições resultantes da sua justiça ao mundo.

Na primeira parte do livro, o Senhor Jesus mostra a João a justiça de Deus se manifestando em um crescendo constante, e se tem a impressão de que a revelação chegaria ao final de tudo com o toque da última trombeta (10:7). No entanto, a partir do texto que estudamos, é reiniciada uma série de visões que retroagem ao nascimento de Cristo, precedidas da anunciação da vitória de Cristo sobre as potestades do mundo (11:15-18). Estas visões são a narrativa das lutas de Satanás contra o plano de Deus para a salvação do homem, desde o nascimento de Cristo, até o juízo final. São a narrativa do cumprimento do mistério de Deus anunciado pelos profetas (10:7).

O TOQUE DA SÉTIMA TROMBETA - 11:15-19

Ao toque da sétima trombeta, o apóstolo João ouve uma aclamação de muitas vozes no céu, anunciando que os reinos do mundo já estavam sob o domínio de Deus e do seu Ungido, Cristo, e que este reinará para sempre (v. 15). **Não estavam anunciando que um dia os reinos do mundo seriam dele, mas anunciam que já estavam sob o domínio de Cristo.** O apóstolo viu os vinte e quatro anciãos prostrarem-se, mais uma vez, adorando a Deus e agradecendo porque ele já estava reinando, de posse do

seu grande poder (v. 16,17). Como resultado do reinado divino, os povos da terra ficaram irados, o que fez com que Deus fizesse chegar o dia do julgamento, o tempo dos que seriam condenados à morte e dos que seriam galardoados com a salvação; o tempo de destruição dos que levaram o mundo à destruição (v. 18), talvez numa referência às hostes malignas com seu líder Satanás.

Em seguida João vê no céu, o templo de Deus aberto e, dentro dele, a arca do concerto. A visão é acompanhada de relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande tempestade, que simbolizam a importância da visão.

Antes de iniciarmos o estudo da visão seguinte, precisamos compreender essa visão introdutória que resume todas outras que se seguem, precisamos compreender o que representa o toque da sétima trombeta.

1. Anuncia o estabelecimento do reino de Cristo no mundo - v. 15-17. Observem que as vozes anunciam este estabelecimento como um fato consumado e não como um acontecimento que se concretizaria no futuro. Elas disseram: “os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor...” Um reinado presente e para sempre. Um reinado que foi conquistado pelo poder de Deus (v. 17). A visão seguinte versará sobre o estabelecimento desse reino, e o relato dessa luta será encontrado nos capítulos de 12 a 19.

adivinhar. No entanto, lembramos que a adivinhação é proibida por Deus (Lev. 19:31; Deut. 18:10-14), e que profecia é, antes de tudo, a anunciação da Palavra de Deus. A ênfase nesta visão, conforme observamos no estudo anterior, é a Palavra escrita. O que Cristo está mostrando é que as suas testemunhas pregarão a sua Palavra, o seu Evangelho, do qual são participantes; que foi e está escrito para que, conhecendo-os, os homens possam crer e ser salvos (João 20:31). Esse testemunho será por um período longo, porém com prazo determinado (mil duzentos e sessenta dias); e será levado adiante com grande contrição por parte das testemunhas (vestidas de saco) por causa da incredulidade da humanidade (a mesma figura do livro amargo no estômago de João). Esse testemunho não será impedido de forma alguma, porque as testemunhas receberam poder do próprio Senhor para irem adiante, vencendo todos os empecilhos.

A DERROTA DAS TESTEMUNHAS - v. 7-10

Há neste texto a primeira referência à besta, ser maligno que sobe do abismo, representando um instrumento de Satanás na luta contra o Evangelho, que estará com frequência na revelação daqui por diante e cuja identidade será analisada em estudos posteriores.

Cristo anuncia que a besta lutará contra suas testemunhas e as matará,

deixando os seus cadáveres expostos diante do mundo que rejeita os princípios divinos (Sodoma), que despreza e persegue o povo de Deus (Egito) e que crucifica novamente a Jesus Cristo com a rejeição do Evangelho (a grande cidade, uma referência a Jerusalém). As igrejas fiéis ficarão expostas como mortas, inoperantes, diante de todos, que não deixarão de criticar, zombar e de fazer grande festa porque a pregação fiel do Evangelho de Cristo os atormentava (João 3:20).

A VITÓRIA DAS TESTEMUNHAS - v. 11,12

A aparente derrota das testemunhas não dura muito tempo. Três dias e meio é fração infinitamente menor de três anos e meio (mil duzentos e sessenta dias). Isto quer dizer que suas testemunhas ficariam inoperantes, aparentemente derrotadas e sendo zombadas por um curíssimo espaço de tempo, levando-se em consideração o tempo em que estariam testemunhando. A alegria da besta e seus seguidores durará pouco porque as testemunhas, as igrejas de Cristo que se dedicaram a anunciar o seu Evangelho autêntico, serão soerguidas pelo Espírito de Deus e levadas aos céus, quando então, virá o fim.

A voz convidando a subir ao céu mostra a aceitação da igreja pelo Senhor para estar, para sempre, na sua presença, em uma realidade

infinitamente superior à terrena. Cristo mostra, assim, que o mundo rejeitaria a sua igreja fiel, mas, em contrapartida, ele a aceitaria. O mundo se alegraria com a “morte” da igreja, mas Cristo a vivificaria e a levaria para estar para sempre com ele (Ef. 6:25,26).

Certamente que esta visão do triunfo da igreja, tem o objetivo de incentivar as igrejas de Cristo a deixarem de lado os conceitos, influências e pressões do mundo, sabendo que são manifestações malignas contra a pregação do Evangelho e continuar obstinada e alegremente a pregar o Evangelho autêntico de Jesus Cristo, tendo a convicção de que **devem agradar somente aquele que dá a salvação**, a consciência de que **a vitória do mundo sobre a igreja é aparente e temporária**; a visão de que **a igreja zombada pelo mundo é a igreja aceita pelo seu Senhor e que o mundo que zomba da igreja é o mundo que sofrerá o juízo de Deus**; tendo a consciência de que **a fidelidade à Palavra de Deus é que fará com que homens se curvem ao nome de Deus** (v. 13).

CONCLUSÃO

As duas testemunhas são uma figura da igreja de Jesus Cristo, que tem a missão e a capacidade de testemunhar dele como o Salvador, Filho de Deus, que se fez carne, morreu e ressuscitou para que a humanidade, mediante o reco-

nhecimento do seu sacrifício, Pudesse receber a salvação providenciada pelo Pai. O testemunho da igreja de Cristo tem um prazo determinado, que é longo, mas que chegará a um fim. No final dos tempos do testemunho, Satanás, através da besta, aparentemente vencerá a igreja e ela será vista pelo mundo como um cadáver, sem utilidade e sem capacidade de continuar incomodando a humanidade com a contundente pregação do Evangelho. Será zombada por um pequeno espaço de tempo, mas será vivificada pelo Espírito Santo de Deus, diante de toda a humanidade perplexa, que será obrigada a ver a salvação da igreja como uma realidade e, diante do juízo divino, reconhecer a majestade divina.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Atos 1:1-11. Jesus afirma que sua igreja testemunharia poderosamente do seu nome.

Terça - Zacarias 4:1-14. A visão do castiçal e das duas oliveiras.

Quarta - João 15:18-27. Jesus anuncia que o mundo rejeitaria as suas testemunhas.

Quinta - 1Reis 17:1-7. Deus capacita Elias para fazer não chover.

Sexta - 2Reis 1:1-10. Pela palavra do profeta, o juízo de Deus vem sobre os que deixaram a sua Palavra.

Sábado - Ezequiel 37:1-10. Na visão do vale dos ossos secos, a profecia da restauração da igreja.

14

A SÉTIMA TROMBETA A VITÓRIA DO CORDEIRO E SEUS DISCÍPULOS

Apocalipse 11:15-19

As visões anunciadas pelo toque das três últimas trombetas foram finalizadas com anunciações de grandes sofrimentos para os habitantes da terra, através de uma expressão de lamento - Ai! (8:13; 9:12 e 11:14). Foram três anunciações de sofrimentos que viriam sobre a humanidade, como manifestação da justiça de Deus por causa da incredulidade dos homens que, apesar das manifestações divinas de grande glória e poder, não se arreenderam e não se curvaram a ele.

O primeiro “ai” foi a liberação da maldade para que, pela própria maldade os homens sofressem (9:1-11); o segundo, foram tribulações vindas da parte de Deus sobre aqueles que, também, não se curvaram a ele, arrependendo-se do pecado (9:13-21); o último “ai” é anunciado na sexta trombeta, na visão das duas testemunhas (11:14) e é introdutório ao toque da sétima trombeta. É também um lamento por causa do sofrimento da humanidade que esta-

rá sofrendo terrivelmente por causa da justiça de Deus que sempre se manifesta contra a iniquidade, contra o pecado.

São três grandes anunciações de que a justiça de Deus é irredutível contra o pecado. Entretanto, como o Apocalipse é um texto escrito para conforto dos servos de Cristo, devemos olhar essas anunciações sem medo, mas como um alerta de paciência diante das tribulações impingidas pelos homens incrédulos à própria humanidade, porque Deus há de manifestar a sua ira sobre os que praticam a maldade.

As duas primeiras anunciações fazem parte de um primeiro ato do livro do Apocalipse, que mostra a majestade e poder de Cristo e o seu domínio sobre suas igrejas; trata da necessidade de os servos de Cristo serem fiéis anunciantes da Palavra de Deus; mostra a manifestação da justiça divina contra os que se apegam ao pecado, até o juízo final; e mostra a providência de Deus para que seus servos fiéis não passem